

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

BEATRIZ FABIANE GRAÇA SANTOS

**A CONSTRUÇÃO DE UM REPERTÓRIO DE GESTOS DE NEGAÇÃO PARA O
PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA PROPOSTA COGNITIVO-GESTUAL**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2021

BEATRIZ FABIANE GRAÇA SANTOS

**A CONSTRUÇÃO DE UM REPERTÓRIO DE GESTOS DE NEGAÇÃO PARA O
PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA PROPOSTA COGNITIVO-GESTUAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Linha 3: Texto, Significado e Discurso

Orientadora: Máira Avelar Miranda

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2021

S234c	<p>Santos, Beatriz Fabiane Graça.</p> <p>A construção de um repertório de gestos de negação para o Português Brasileiro: uma proposta cognitivo-gestual. / Beatriz Fabiane Graça Santos; orientadora Máira Avelar Miranda. – Vitória da Conquista, 2021.</p> <p>151f.</p> <p>Dissertação (mestrado – Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2021.</p> <p>Inclui referência F. 112 – 116.</p> <p>1. Estudos de gestos – Gestos de negação – Gestos recorrentes. 2. Multimodalidade. 3. Famílias gestuais. I. Miranda, Máira Avelar (orientadora). II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós- Graduação em Linguística. T. III</p> <p style="text-align: right;">CDD: 469.798</p>
-------	--

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: *Setting up a repertoire of Brazilian Portuguese gestures of negation: a cognitive-gestural analysis*

Palavras-chave em inglês: *Gestures of negation. Multimodality. Recurrent gestures. Gesture Families*

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Prof.(a) Dr.(a) Adriana Fernandes Barbosa (UESB); Prof.(a) Dr.(a) Lilian Ferrari (UFRJ)

Data da defesa: 18/02/2021

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-0097-0202>

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/4016077618186142>

BEATRIZ FABIANE GRAÇA SANTOS

A CONSTRUÇÃO DE UM REPERTÓRIO DE GESTOS DE NEGAÇÃO PARA O
PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA PROPOSTA COGNITIVO-GESTUAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 18 de fevereiro de 2021.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Maira Avelar Miranda
(Presidente-Orientadora)
Instituição: UESB

Ass.: Maira Avelar Miranda

Profa. Dra. Adriana Fernandes Barbosa
Instituição: UESB

Ass.: Adriana F. Barbosa

Profa. Dra. Lilian Vieira Ferrari
Instituição: UFRJ

Ass.: Lilian Vieira Ferrari

À minha mãe, mulher corajosa e inspiradora.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), pela oportunidade de realização da minha formação em nível de mestrado.

À Capes: “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”.¹

À minha orientadora, Prof^ª Dr^ª Máira Avelar, por todo o suporte, por ter acreditado no meu potencial desde muito cedo e por sempre ter me incentivado a aprender e a caminhar com as minhas próprias pernas na Academia.

Aos membros da Banca de Qualificação e Defesa, as professoras Lilian Ferrari e Adriana Fernandes Barbosa, por aceitarem avaliar o trabalho, e pelas mais que valiosas contribuições.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística, por representarem uma parte fundamental da minha formação acadêmica.

Aos funcionários do PPGLin por serem tão solícitos e fazerem tudo acontecer com muita organização e cuidado.

A minha mãe, Rita Soares, por me criar para a independência e ser sempre meu exemplo maior de força e coragem.

Aos meus irmãos, Neto e Maria, por serem meus lugares de conforto e respiro.

Ao meu melhor amigo, meu irmão de outra mãe, meu colega de escola, de graduação e de pós-graduação, André Lisboa, por nunca soltar a minha mão, por tornar essa jornada mais leve, por ser minha dupla nessa vida e por ser meu porto seguro.

A todas as pessoas que torcem por mim e que me apoiaram durante esses dois anos, o meu mais sincero e afetuoso MUITO OBRIGADA!

¹ Forma padrão em conformidade com Portaria CAPES nº 206/2018 e esclarecimento do Ofício Circular nº 19/2018-CPG/CGSI/DPB/CAPES.

RESUMO

Nos últimos anos, a relação entre os Estudos de Gesto, a Linguística Cognitiva (LC) e as pesquisas em multimodalidade vem sendo amplamente discutida, por se tratar de uma relação bastante produtiva, tanto do ponto de vista teórico, quanto metodológico. Considerando essas interfaces, o objetivo deste trabalho é construir de um Repertório de Gestos de Negação para o Português Brasileiro (PB). Sendo assim, a partir de uma perspectiva cognitivo-gestual, pretendemos analisar o funcionamento dos gestos de Negação em contextos comunicativos variados do PB, no sentido de: identificar as formas e funções gestuais de Negação no PB; descrever como funcionam os gestos de Negação na amostra de dados selecionada para esta pesquisa; e documentar a natureza das formas e funções gestuais de Negação mais recorrentes no PB. Os Gestos Recorrentes são definidos como gestos parcialmente convencionalizados que podem compor Famílias Gestuais, ou seja, agrupamentos de expressões gestuais que possuem um conjunto de padrões de movimento em comum e que compartilham uma ou mais características de forma e função. Desse modo, selecionamos 53 ocorrências (que compõem o total de 25 minutos de dados audiovisuais) de gestos de Negação considerados Gestos Recorrentes, provenientes de conferências TED, de telejornais, de programas de entretenimento e de rodas de conversa televisionadas. Dez dessas ocorrências são provenientes de quatro conferências TED disponíveis no canal do *YouTube* “TEDxTalks” e trinta foram coletadas por meio do sistema de busca da biblioteca de dados multimodais *Distributed Little Red Hen Lab*. Coletamos, ainda, diretamente da plataforma *YouTube*, treze ocorrências de gestos de Negação em contextos de interação face-a-face, no sentido de avaliar melhor o uso pragmático desses gestos. As ocorrências retiradas do *YouTube*, foram coletadas, principalmente, com base em padrões de forma e movimento de famílias de gestos de negação já estudadas no alemão e no italiano. As análises dos dados coletados sugerem que os Gestos de Negação, no PB, desempenham, com muita frequência, funções pragmáticas. Sendo assim, os Gestos de Negação podem funcionar como marcadores da força ilocucionária, desempenhando a função performativa; como operadores semânticos e gramaticais, desempenhando a função operacional; como marcadores de *frame* de interpretação, desempenhando a função modal; e como marcadores do discurso falado, desempenhando a função analítica.

PALAVRAS-CHAVE

Gestos de Negação. Multimodalidade. Gestos Recorrentes. Famílias Gestuais.

ABSTRACT

In recent years, the relationship between gesture studies, Cognitive Linguistics (LC) and multimodality research has been widely discussed, since it is a very productive relationship, both from the theoretical and from the methodological point of view. Taking these interfaces into account, our goal is to build up a Repertoire of Gestures of Negation for Brazilian Portuguese. Thus, from a cognitive-gestural perspective, we intend to analyze the functioning of Gestures of Negation in various communicative contexts of the Brazilian Portuguese (BP), in order to: identify the forms and functions of Gestures of Negation; describe how Gestures of Negation work in the data sample selected for this research; and document the recurrent forms and functions of Gestures of Negation. Recurrent gestures are partially conventionalized and can form Gesture Families, that is, groupings of gestural expressions that have in common one or more kinesic or formational characteristics. Thus, we have selected 53 occurrences of Gestures of Negation from: TED Talks, television newscasts, entertainment shows and televised conversation circles. Ten of those occurrences were taken from four TED Talks available on the YouTube channel “TEDxTalks” an thirty were collected from the multimodal database Distributed Little Red Hen Lab. We also have collected from YouTube, thirteen occurrences of gestures of negation in face-to-face communication contexts, in order to evaluate possible pragmatic uses of these gestures. The YouTube data were collected based on kinesic an formational characteristics of gestures of negations already analyzed in the german and italian languages. The analyses of the data suggest that the Gestures of Negation, in BP, often perform pragmatic functions, that is, they have a relationship with properties of the meaning of a multimodal utterance that are not related either to the referential meaning or to the propositional content of these utterances. Thus, Gestures of Negation can work as markers of the ilocutionary force of an utterance, performing the performative function; as semantic and grammatical operators, performing the operational function; providing a interpretational frame, performing the modal function, and as markers of spoken discourse, performing the parsing function.

KEYWORDS

Gestures of negation. Multimodality. Recurrent Gestures. Gesture Families

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Diagrama básico da IC.....	19
Figura 2 - Exemplo de rede simples (“Paul é o pai de Sally”).....	20
Figura 3 - Exemplo de rede espelho ("corrida de barco").....	21
Figura 4 - Exemplo de rede de escopo único.....	22
Figura 5 - Processo de construção de Espaços Mentais na dupla Negação.....	27
Figura 6 - Os quatro Modos de Representação Gestual	35
Figura 7 - Gesto de Varrer com função referencial.....	38
Figura 8 - Dimensões dos tipos de gestos.....	41
Figura 9 - Gesto G	42
Figura 10 - Gesto R	42
Figura 11 - Gestos de Mão Aberta Pronada	44
Figura 12 - Gesto de Mão Aberta Pronada pertencente ao <i>corpus</i> de análise.....	44
Figura 13 - Gesto da Palma Vertical (VP).....	45
Figura 14 - Gesto da Palma Horizontal (ZP).....	46
Figura 15 - Gesto de Varrer	48
Figura 16 - Gesto de Barrar	49
Figura 17 - Gesto de Espanar	50
Figura 18 - Gesto de Lançar	51
Figura 19 - Blocos de análise do MGA	54
Figura 20 - Tipos de movimento	56
Figura 21 - Direção do movimento ao longo dos eixos vertical, horizontal e diagonal.....	57
Figura 22 - Espaço gestual.....	58
Figura 23 - <i>The Distributed Little Red Hen Lab</i>	67
Figura 24 - Interface do ELAN.....	70
Figura 25 - Trilhas de análise criadas no ELAN	71
Figura 26 - Fases de (1) Preparação (2) Núcleo (3) Retração	72
Figura 27 - Amostra ilustrativa da aplicação do LASG: ocorrência 1	74
Figura 28 - Amostra ilustrativa da aplicação do LASG: ocorrência 30	75
Figura 29 - Amostra ilustrativa da aplicação do LASG - ocorrência 40	76
Figura 30 - Amostra ilustrativa da aplicação do LASG: ocorrência 33	77
Figura 31 - Representação multimodal da ocorrência 13	81
Figura 32 - Representação multimodal da ocorrência 26	82

Figura 33 - Representação multimodal da ocorrência 3	83
Figura 34 - Representação multimodal da ocorrência 6	84
Figura 35 - Representação multimodal da ocorrência 38	87
Figura 36 - Representação multimodal da ocorrência 36	87
Figura 37 - Representação multimodal da ocorrência 27	88
Figura 38 - Representação multimodal da ocorrência 3	89
Figura 39 - Representação multimodal da ocorrência 43	91
Figura 40 - Representação multimodal da ocorrência 46	92
Figura 41 - Representação multimodal da ocorrência 51	94
Figura 42 - Representação multimodal da ocorrência 52	96
Figura 43 - Representação multimodal da ocorrência 53	97
Figura 45 - Representação multimodal da ocorrência 8	99

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 2 - Gestos de Negação no PB - Funções pragmáticas	78
Gráfico 3 - Gestos de Negação no PB - Distribuição em contextos de uso	80
Gráfico 4 - Gestos de Varrer - Funções pragmáticas.....	81
Gráfico 5 - Gestos de Varrer - Contextos de uso.....	84
Gráfico 6 - Gestos de Barrar - Funções pragmáticas.....	85
Gráfico 7 - Gestos de Barrar - Contextos de uso.....	86
Gráfico 8 - Gestos de Retirar e de Questionar - Funções pragmáticas.....	90
Gráfico 9 - Gestos de Retirar e Questionar - Contextos de uso.....	93
Gráfico 10 - Gestos de Espanar - Contextos de uso	94
Gráfico 11 - Gestos de Negação no PB - Ocorrências	100
Gráfico 12 - Classes de palavras que co-ocorrem com os Gestos de Negação	103

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tipos de posturas representadas por diferentes verbos	25
Quadro 2 - Tipos de Gestos de Mão Aberta Supinada	43
Quadro 3 - Classificação dos esquemas imagéticos	60
Quadro 4 - Família De Gestos de Afastar.....	65
Quadro 5 - Palavras-chave e número de ocorrências do <i>Red Hen</i>	68
Quadro 6 - Repertório de Gestos de Negação para o PB.....	105

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 O FENÔMENO DA NEGAÇÃO NA PERSPECTIVA DOS ESPAÇOS MENTAIS... 17	17
2.1 Negação, contrafactualidade e alternatividade.....	23
2.2 Algumas considerações sobre o <i>Ground</i> e o espaço narrativo.....	28
3 UM BREVE PANORAMA DOS ESTUDOS DE GESTO..... 31	31
3.1 Gestos Recorrentes e Famílias Gestuais	36
3.1.1 <i>A Família de Gestos de Afastar.....</i>	47
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... 53	53
4.1 Procedimentos metodológicos de identificação e anotação gestual.....	53
4.1.1 <i>Determinando as unidades de análise (Bloco 1).....</i>	55
4.1.2 <i>Parâmetros de forma (Bloco 1): Orientação das mãos.....</i>	55
4.1.3 <i>Parâmetros de forma (Bloco 1): Movimento.....</i>	56
4.1.4 <i>Parâmetros de forma (Bloco 1): Posição espacial.....</i>	57
4.1.5 <i>Motivação das formas (Bloco 1): padrões de movimento, Esquemas Imagéticos e ações subjacentes.....</i>	59
4.1.6 <i>Anotação da fala (Bloco 2).....</i>	60
4.1.7 <i>Parâmetros estruturais e funcionais (Bloco 3): a relação gesto-fala do ponto de vista semântico e pragmático.....</i>	61
4.2 Procedimentos de coleta dos dados	64
4.2.1 <i>Ocorrências coletadas das conferências TED.....</i>	66
4.2.2 <i>Ocorrências coletadas no Red Hen.....</i>	67
4.2.3 <i>Ocorrências coletadas de Entrevistas em talk-shows e Rodas de Conversa televisionadas</i>	69
4.3 Procedimentos de análise de dados	70
5 ANÁLISE DOS DADOS	74
5.1 Análise-piloto: aplicação do Sistema Linguístico de Anotação Gestual (LASG).....	74
5.2 Análise das ocorrências coletadas de Gestos de Negação	77
5.2.1 <i>Análise das ocorrências de Gestos de Varrer [sweeping away].....</i>	80
5.2.2 <i>Análise das ocorrências de Gestos de Barrar [holding away]</i>	85
5.2.3 <i>Análise das ocorrências de Gestos de Mão Aberta Supinada (Palma para Cima).....</i>	90
5.2.4 <i>Análise das ocorrências dos Gestos de Espanar [brushing away]</i>	93
5.2.5 <i>Análise das ocorrências de Gestos de Lançar [throwing away]</i>	95
5.2.6 <i>Gestos de Negação + enunciados positivos: ocorrências contraditórias?.....</i>	97
5.3 Discussão geral dos dados	100

<i>5.3.1 Os Gestos de Negação no PB: a construção de um repertório</i>	104
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS	112
ANEXOS	117
ANEXO A: CONJUNTO DE OCORRÊNCIAS	117
ANEXO B: TRANSCRIÇÕES E UNIDADES GESTUAIS	144

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento do presente trabalho embasa-se na justificativa de que a Linguística Cognitiva (LC) aplicada aos Estudos de Gesto configura-se como um campo de estudo relativamente novo no Brasil, e pouco se tem estudado sobre o fenômeno da Negação em uma perspectiva cognitiva e multimodal. Além disso, levando-se em consideração o escopo internacional, os estudos de mais destaque sobre comunicação multimodal na perspectiva da LC são feitos, em sua maioria, para línguas europeias, como, por exemplo, o alemão². É no sentido de ampliar o escopo dos Estudos de Gesto sob o olhar da LC no Brasil que a nossa proposta de construção de um Repertório de Gestos de Negação para o PB se fundamenta.

Nos últimos anos, a relação entre os Estudos de Gesto, a Linguística Cognitiva e, de modo mais geral, as pesquisas sobre a multimodalidade em interações face-a-face, vem sendo amplamente discutida, por se tratar de uma relação bastante produtiva, tanto do ponto de vista teórico, quanto do ponto de vista metodológico. Esta é uma relação mútua: diversas abordagens teóricas da LC são empregadas nos Estudos de Gesto, assim como as pesquisas de gesto também têm gerado evidências empíricas para bases conceituais da LC (CIENKI, 2016). Ainda de acordo com Cienki (2016), a LC configura-se como pioneira em estabelecer diálogo entre essas áreas, pois nenhuma outra área da Linguística, até então, incluía pesquisas sobre gestos na mesma dimensão que a LC.

No campo dos Estudos de Gesto, Kendon (2004) argumenta que o modo pelo qual nos posicionamos e orientamos os nossos corpos em relação a outras pessoas e ao ambiente fornece informações importantes a respeito da natureza das nossas intenções e atitudes. Segundo o autor (2004), existem diversas maneiras pelas quais as ações corporais visíveis são empregadas na realização de expressões que, de um ponto de vista funcional, são semelhantes ou iguais às expressões da língua falada. Nesse sentido, Kendon (2004) define gesto como ações corporais visíveis que manifestam uma expressividade deliberada. O gesto prototípico, desse modo, constitui-se por três fases: preparação, núcleo e retração, sendo a fase de “núcleo” aquela que constitui minimamente o que se entende por gesto.

A depender do contexto, os gestos possuem diferentes funções. De acordo com Kendon (2016), ao assumirem funções pragmáticas, os gestos podem assumir funções

² Os trabalhos desenvolvidos pelo *Viadrina Gesture Center*, grupo coordenado pela Dr^a Cornelia Müller na Universidade Europeia Viadrina de Frankfurt (*Oder*) têm bastante destaque no cenário internacional dos estudos de Gesto e LC.

operacionais, quando funcionam como operadores em relação ao enunciado falado, performativas, quando demonstram o tipo de movimento ou o ato de fala no qual o falante se engaja; funções modais, quando demonstram como uma determinada unidade pode ser interpretada; ou, ainda, funções analíticas, quando contribuem para a marcação de aspectos da estrutura do enunciado falado.

Considerando essas questões teóricas mais gerais sobre gestos, estabelecemos a seguinte pergunta de pesquisa: Quais são as formas e funções recorrentes desempenhadas pelos Gestos de Negação em contextos comunicativos variados do PB? Nossa hipótese inicial é a de que os gestos de Negação no PB desempenham predominantemente funções pragmáticas, ou seja, possuem uma relação com propriedades do sentido de um enunciado que não são parte do sentido referencial e nem do conteúdo proposicional que esse enunciado veicula (KENDON, 2004, p. 158). Desse modo, considerando nossa pergunta de pesquisa, determinamos como objetivo geral realizar, a partir de uma perspectiva cognitivo-gestual, a construção de um Repertório de Gestos de Negação para o PB. Nossos objetivos específicos, por sua vez, são: (i) identificar as formas e funções gestuais que desempenham a função linguística e/ou pragmática de Negação no PB; (ii) descrever os parâmetros de forma e função dos gestos de Negação dentro da amostra de dados selecionada para esta pesquisa; (iii) documentar as formas e funções recorrentes e representativas dos Gestos de Negação na amostra de dados selecionada.

Quanto à organização geral do trabalho, esta dissertação está dividida em seis capítulos: o presente capítulo de introdução, dois capítulos nos quais discutimos questões teórico-metodológicas, dois capítulos nos quais detalhamos os procedimentos de coleta e análise de dados, bem como descrevemos os resultados das análises realizadas, e o capítulo de considerações finais. No Capítulo 2, tratamos, de maneira mais específica, do fenômeno da Negação sob a ótica da Teoria dos Espaços Mentais e da Teoria da Integração Conceptual. No Capítulo 3, realizamos uma discussão sobre os Estudos de Gesto. Inicialmente, traçamos um percurso histórico das diferentes abordagens que contribuíram para que os Estudos de Gesto se consolidassem como um dos campos de estudo da LC. Em seguida, discutimos sobre os conceitos de Gestos Recorrentes e de Famílias Gestuais.

Posteriormente, ainda no Capítulo 3, abordamos nosso objeto de pesquisa propriamente dito, os gestos de Negação. Para fundamentar essa discussão, mobilizamos estudos feitos anteriormente no italiano (KENDON, 2004) e no alemão (BRESSEM; MÜLLER, 2014). Já no Capítulo 4, abordamos os procedimentos de coleta e análise de dados, no sentido de detalhar questões específicas dos procedimentos metodológicos de identificação

e anotação dos gestos de Negação adotados neste trabalho. Além disso, apresentamos as fontes de coleta da amostra de dados que compõem o *corpus*, descrevendo nossos critérios de coleta, assim como os procedimentos de análise de dados. Por fim, explicitamos o processo de elaboração de uma trilha de análise criada no *software* de anotação ELAN (SLOETDJES; WITTENBURGH, 2008), utilizada para a análise de cada um dos vídeos coletados.

No Capítulo 5, por sua vez, apresentamos os resultados das análises. Inicialmente, apresentamos a descrição de uma análise-piloto, realizada com o intuito de testar a efetividade dos parâmetros selecionados para a análise, etiquetados em trilhas criadas no *software* ELAN. Em seguida, agrupamos em Famílias Gestuais as ocorrências de Gestos de Negação do nosso *corpus* e descrevemos as ocorrências analisadas em termos de formas, funções e contextos de uso dos gestos, categorizando e discutindo qualitativamente as ocorrências coletadas. Por fim, levando em conta os conceitos discutidos nos capítulos 3 e 4, propomos uma discussão geral dos dados, assim como a construção de um Repertório de Gestos de Negação para o PB.

2 O FENÔMENO DA NEGAÇÃO NA PERSPECTIVA DOS ESPAÇOS MENTAIS

Nos anos 1970, com a explosão de pesquisas linguísticas que exploravam mais do que a organização formal da linguagem, se tornou evidente que as estruturas gramaticais e semânticas forneciam evidências não-convencionais a respeito das operações e sistemas conceptuais humanos (FAUCONNIER, 2007). Apesar da tradição formalista da época constituir um ambiente hostil para o desenvolvimento dos estudos sobre a organização mental da linguagem, a LC colocou, por meio de resultados de pesquisas empíricas e observação de dados, a análise conceptual e princípios cognitivos na linha de frente dos estudos sobre linguagem e mente.

Desse modo, em um ambiente intelectual até então dominado por teorias mais tradicionais que estudavam a semântica da linguagem natural sob o viés da lógica formal, Gilles Fauconnier, ao entender que as leis da lógica formal não davam conta de explicar os tantos e diversos fenômenos da linguagem, postula uma teoria cognitiva baseada nas capacidades da mente humana e não em sistemas matemáticos. Essa teoria, conhecida, hoje, como Teoria dos Espaços Mentais, reconhece a importância de fenômenos que antes eram pouco explorados por estudiosos da lógica, filósofos e linguistas, como, por exemplo, a projeção de pressuposição e a contrafactualidade. Além disso, a teoria fornece soluções simples e gerais para esses fenômenos.

De maneira geral, a Teoria dos Espaços Mentais tem como principal premissa a ideia de que a linguagem visível, ou seja, o que conseguimos acessar linguisticamente é muito pouco comparado à construção invisível do significado que opera por trás do que falamos ou pensamos (FAUCONNIER, 1994). Desse modo, essa teoria propõe que, a partir do desenvolvimento do discurso, criam-se domínios conceptuais locais que possibilitam o fracionamento da informação e possuem representações parciais de determinadas relações e entidades em um determinado cenário que pode ser lembrado, imaginado, etc.

Esses domínios são estruturas cognitivas chamadas de Espaços Mentais. Ao utilizar os Espaços Mentais em análises de estruturas linguísticas, utiliza-se uma representação que não está conectada à realidade extralinguística, tal como é proposto pela semântica vericondicional: o modo como experienciamos o mundo depende, pois, da percepção que temos dele e de como interagimos com ele. O mundo que conhecemos é o mundo que conceptualizamos e o papel da linguagem, nesse sentido, é guiar a conceptualização por meio

da ativação de espaços cognitivos e *frames*³ e não somente por meio de representações (DANCYGIER; SWEETSER, 2014).

Nesse sentido, a linguagem possui diversos dispositivos que guiam a construção e a conexão de Espaços Mentais. Um desses dispositivos é o que Fauconnier (1994) nomeia como construtores de Espaços Mentais, que são expressões gramaticais que podem tanto configurar um novo espaço mental, quanto mudar o foco de um espaço para outro já existente. Os construtores de Espaços Mentais assumem uma variedade de formas gramaticais, como frases preposicionais, advérbios, conjunções, expressões negativas como “não”, etc.

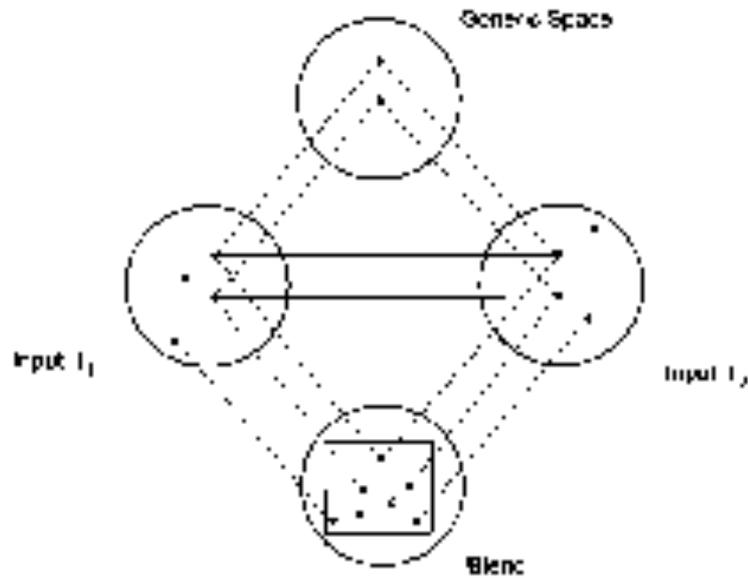
A partir do quadro teórico dos Espaços Mentais, Fauconnier e Turner (2002) elaboraram a Teoria da Integração Conceptual, uma teoria que tem como uma de suas premissas explicar o que está por trás, do ponto de vista cognitivo, do pensamento e das ações humanas. A Integração Conceptual (IC) é uma operação mental indispensável para o trabalho intelectual e para o aprendizado de padrões de ações corporais e da qual até mesmo construções simples da linguagem dependem (FAUCONNIER; TURNER, 2002).

Fauconnier e Turner (2003) definem a IC como uma operação básica que conduz a novos significados, visões globais e compressões conceptuais úteis para a memória e para a manipulação de outras variedades de significado. Além disso, essa operação desempenha um papel fundamental na construção do sentido na vida cotidiana, nas ciências e nas artes e, principalmente, nas ciências sociais e comportamentais (FAUCONNIER; TURNER, 2003).

Essencialmente, a IC é uma operação que constrói uma combinação parcial entre dois Espaços Mentais de Entrada (*Inputs*) e faz projeções a partir desses Espaços de *Input* em um novo espaço mental integrado, no qual uma estrutura emergente se desenvolve. Além disso, de acordo com Fauconnier e Turner (2003), a Integração Conceptual é estudada, cientificamente, em termos de redes de integração, que consistem basicamente em quatro Espaços Mentais conectados: dois Espaços de *Input* parcialmente combinados, um espaço genérico constituído por uma estrutura parecida com a dos Espaços de *Input*, e um Espaço-mescla, constituído por uma estrutura emergente que se desenvolve dinamicamente e não está nos Espaços de *Input*. A criação desse espaço Espaço-mescla é guiada por princípios e pressões cognitivas e por recursos do mundo real (FAUCONNIER; TURNER, 2002). O diagrama geral a seguir ilustra a operação de Integração Conceptual.

³ O conceito de *frame* corresponde à organização convencional e esquemática do conhecimento que especifica a natureza de uma atividade ou evento relevante. (FAUCONNIER E TURNER, 2002).

Figura 1 - Diagrama básico da IC



Fonte: Turner (2007, p. 379).

O diagrama acima representa as propriedades gerais da IC: os círculos representam os Espaços Mentais, as linhas preenchidas indicam a combinação e o mapeamento entre os Espaços de *Input* e as linhas pontilhadas representam as conexões entre os Espaços de *Input*, o espaço genérico e o Espaço-mescla. O quadrado no Espaço-mescla representa a estrutura emergente (TURNER, 2007, p. 379).

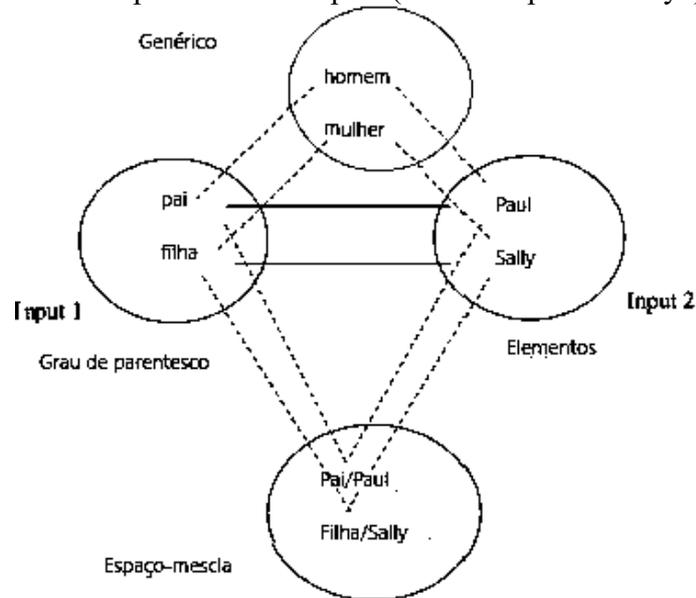
Nessa perspectiva, a construção do sentido é como a evolução das espécies: possui princípios coerentes que operam a todo o momento em um mundo mental e cultural extremamente rico (FAUCONNIER; TURNER, 2003). De acordo com Fauconnier e Turner (2003) a IC possui princípios constitutivos como mapeamentos parciais entre espaços, que conectam algumas contrapartes aos Espaços de *Input*, e um espaço mental genérico que mapeia as entradas e contém o que elas têm em comum.

Fauconnier e Turner (2002) distinguem quatro tipos principais de redes de integração que ocorrem com frequência: as redes simples, as redes de espelho, as redes de escopo único e as redes de escopo duplo. Nas redes simples, um espaço de entrada consiste em um *frame* organizador (grau de parentesco, incluindo os papéis de mãe e filha, por exemplo) e o outro consiste em valores específicos desse *frame* (nome da mãe, nome da filha, etc.). A mescla, então, integra o *frame* e seus valores.

Em uma rede simples, a parte mais relevante do *frame* contida em um dos Espaços de *Input* é projetada com seus papéis e os elementos são projetados a partir do outro *Input* como valores desses papéis para a mescla. As redes simples são redes de integração perfeitamente

regulares, pois um *frame* em um *Input* será sempre compatível com os elementos do outro, ou seja, não há nenhum choque entre eles (FAUCONNIER; TURNER, 2002). A imagem a seguir ilustra essa operação:

Figura 2 - Exemplo de rede simples (“Paul é o pai de Sally”)



Fonte: Adaptado de Ferrari (2016).

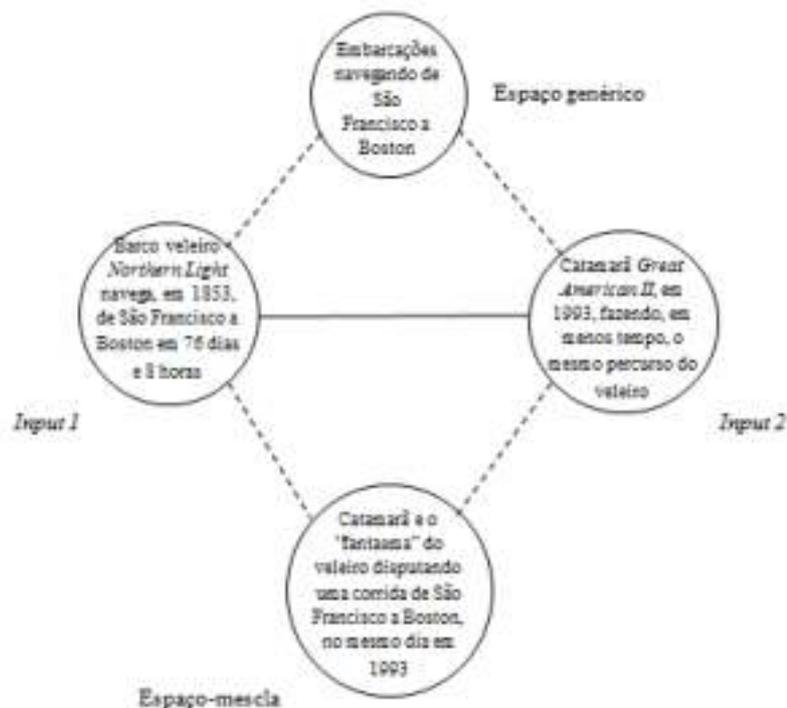
Já as redes espelho são redes de integração nas quais todos os espaços (*inputs*, genérico e mescla) compartilham um mesmo *frame* organizador e, desse modo, são espelhados. Nesse tipo de rede, de acordo com Fauconnier e Turner (2002), o *frame* organizador fornece uma topologia para os espaços que ele organiza, ou seja, fornece um conjunto de relações organizadoras entre os elementos dos espaços em questão. Quando dois espaços compartilham o mesmo *frame* organizador, eles compartilham a topologia correspondente e, assim, podem facilmente ser colocados em correspondência. Uma rede espelho pode integrar vários espaços diferentes, desde que eles compartilhem o mesmo *frame* organizador.

O exemplo da corrida de barco, muito conhecido dentro da Teoria da Integração Conceptual, ilustra bem esse tipo de rede. Em 1993, um catamarã chamado *Great American II* navegava de São Francisco a Boston na tentativa de superar o recorde de tempo de navegação estabelecido por uma caravela chamada *Northern Light* que fez o mesmo percurso em 76 dias e 8 horas, em 1853. Alguns dias antes do catamarã chegar a Boston, as pessoas que

acompanhavam a situação diziam: “A essa altura, o *Great American II* está 4,5 dias à frente do *Northern Light*”⁴ (FAUCONNIER; TURNER, 2002).

Apesar de existirem dois eventos nessa história – a caravela navegando em 1853 e o catamarã navegando em 1993, fazendo o mesmo percurso – essa frase integra os dois momentos em um único evento, ou seja, coloca o catamarã e o “fantasma” da caravela em uma corrida no mesmo percurso e no mesmo período de tempo. Esses dois eventos correspondem a dois *Inputs* que contém os pontos principais dos eventos: as duas trajetórias, os dois barcos, os dois períodos de tempo, as posições dos barcos durante o percurso, etc.. Os dois eventos compartilham o *frame* “corrida de barco de São Francisco a Boston”, que funciona como espaço genérico dessa integração que consiste em uma correspondência entre os dois *Inputs* (o da caravela e o do catamarã) projetados seletivamente no espaço-mescla. O esquema a seguir ilustra essa integração formando uma rede de espelho:

Figura 3 - Exemplo de rede espelho ("corrida de barco")



Fonte: Reprodução feita pela autora com base em Fauconnier e Turner (2002).

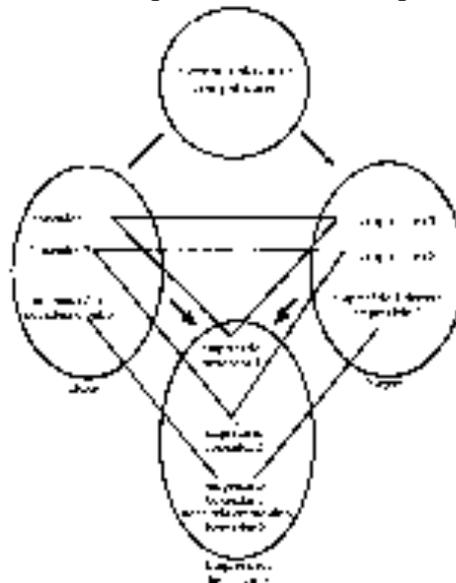
As redes de escopo único, por sua vez, têm dois Espaços de *Input* com diferentes *frames* organizadores e um deles é projetado para organizar o Espaço-mescla. Segundo Fauconnier e Turner (2002), sua propriedade característica é o fato de que o *frame*

⁴At this point, *Great American II* is 4.5 days ahead of *Northern Light* (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 63).

organizador do Espaço-mescla é uma extensão do *frame* organizador de um dos *Inputs*, mas não do outro. Além disso, de acordo com os autores, as redes de escopo único constituem um protótipo de metáforas fonte-alvo altamente convencionalizadas. O *Input* que fornece o *frame* organizador para o Espaço-mescla é frequentemente nomeado como “fonte” e o *Input* que é o foco da compreensão é nomeado como “alvo”.

Consideremos o exemplo dado por Fauconnier e Turner (2002): o cenário de dois homens em uma luta de boxe nos fornece um *frame* que nos permite compreender dois empresários em uma competição de negócios. Podemos dizer, por exemplo, que um empresário “nocauteou” seu concorrente em uma determinada situação de negócios. Isso constrói uma rede de integração na qual existe um mapeamento entre o *Input* do “combate” e o *Input* dos “negócios” que combina cada boxeador a um empresário, ou um soco de um dos boxeadores a uma atitude estratégica de um dos empresários, por exemplo. A projeção para o Espaço-mescla em uma rede de escopo único é altamente assimétrica, ou seja, um dos *Inputs* fornece um *frame* organizador e o outro não. A figura abaixo é uma representação desse tipo de rede de integração:

Figura 4 - Exemplo de rede de escopo único



Fonte: Adaptado de Fauconnier e Turner (2002, p. 128).

No que diz respeito às redes de escopo duplo, Fauconnier e Turner (2002) afirmam que elas possuem *Inputs* com diferentes *frames* organizadores que frequentemente entram em choque, além de um *frame* organizador específico do Espaço-mescla, que inclui partes de cada um dos *frames* e tem uma estrutura emergente própria. Nesse tipo de rede, todos os *frames* organizadores contribuem para a construção do Espaço-mescla e suas diferenças

oferecem a possibilidade de haver choques entre os espaços que, ao invés de bloquearem a construção da rede, oferecem desafios à imaginação. Dessa forma, o Espaço-mescla resultante pode ser altamente criativo (FAUCONNIER; TURNER, 2002).

Esses quatro tipos de redes de integração mobilizam, pelo menos, quatro espaços: dois Espaços de *Input*, um espaço genérico e um Espaço-mescla. Entretanto, a IC é uma operação dinâmica que pode se dar em um número indefinido de Espaços Mentais que podem aplicar, repetidamente, suas entradas e saídas, criando outras integrações (FAUCONNIER; TURNER, 2002). Essas redes de integração mais complexas correspondem às integrações múltiplas e permitem múltiplos Espaços de *Input* e integrações sucessivas nas quais os Espaços-mescla podem funcionar como Espaços de *Input* (FAUCONNIER; TURNER, 2002).

Na seção seguinte, trataremos, mais especificamente, do fenômeno da Negação a partir do quadro teórico dos Espaços Mentais, mobilizando estudos feitos por Eve Sweetser e Barbara Dancygier ao longo dos anos após a elaboração da Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994) e da Teoria da Integração Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002).

2.1 Negação, contrafactualidade e alternatividade

No quadro teórico dos Espaços Mentais, a Negação é entendida como um fenômeno que configura cenários contrafactuais (FAUCONNIER, 1994). Do ponto de vista lógico, a contrafactualidade diz respeito “ao que não é, mas poderia ter sido”, ou seja, os contrafactuais expressam um raciocínio possivelmente válido para premissas que, na verdade, são falsas. Fauconnier (1994), ao questionar essa abordagem lógica da contrafactualidade, afirma que existem dois problemas gerais em avaliar as condições de verdade dos contrafactuais: o problema de determinar qual das afirmações verdadeiras está combinada com as premissas falsas e o problema de determinar quando e quais leis lógicas se aplicam aos contrafactuais. Por essa razão, para o autor, o que interessa não é a lógica das condições de verdade dos contrafactuais, mas sim, a questão semântico-cognitiva de como os espaços contrafactuais são construídos e estruturados. Nesse sentido, nos termos de Fauconnier e Turner (2002), “contrafactual” designa um espaço mental que possui uma incompatibilidade em relação a outro espaço.

O raciocínio contrafactual é um evento cotidiano que, normalmente, passa despercebido por nós. Cenários contrafactuais não são montados mentalmente por meio de representações completas do mundo real e de mundos possíveis, mas sim, por meio da

integração conceptual que compõe integrações esquemáticas que servem a propósitos conceptuais.

A contrafactualidade pode ser lexicalmente explicitada por construtores de Espaços Mentais tipicamente contrafactuais, como as expressões negativas “não” e “evitar”, por exemplo. A sentença “Por sorte, evitaram que o incêndio ultrapassasse a rodovia. Minha casa teria sido destruída.”⁵ (FAUCONNIER, 1994, p. 110), por exemplo, envolve dois cenários: um em que o incêndio não foi controlado e a casa do falante foi destruída e outro (o *Ground* ou, nos termos do autor, o Espaço Real) em que evitaram que a casa do falante fosse destruída.

No que diz respeito à Negação, Fauconnier e Turner (2002) afirmam que os não-eventos [*nonevents*] e as não-ações [*nonactions*] estão praticamente por todo lugar em nossa cognição. Além disso, a realidade física funciona como uma âncora material para integrações conceptuais que normalmente carregam muitas projeções dos espaços contrafactuais. A sentença “A pilha de livros não caiu”⁶ (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 245), por exemplo, apresenta redes que contém um *Input* em que “nada acontece” e outro em que “algo acontece”. No Espaço-mescla, o “nada acontece” se torna um evento que é contrastado com o outro evento em que “algo acontece”, ou seja, “a pilha de livros intacta” é contrastada com “a pilha de livros caindo”.

Nessa perspectiva, a Negação é entendida como o exemplo primário de alternatividade, ou seja, expressões negativas configuram dois Espaços Mentais ao invés de um: o espaço negativo descrito na sentença e sua alternativa positiva (DANCYGIER, 2012). Em “Não tem leite na geladeira”, por exemplo, a partícula “não” configura um espaço mental negativo (“não tem leite”), que faz sentido em um contexto no qual a presença do leite na geladeira é esperada ou cognitivamente acessível, e um espaço alternativo positivo no qual “tem, tinha ou deveria ter leite na geladeira”.

Em outras palavras, a Negação é uma construção que configura situações, posturas [*stances*] ou expressões alternativas (SWEETSER, DANCYGIER, 2014). Alguns verbos, por exemplo, também podem representar tipos diferentes de posturas, como a postura epistêmica, a assertiva, ou a emocional, que podem assumir valor positivo, negativo ou neutro. O quadro abaixo, elaborado com base em Dancygier (2012, p. 78) apresenta alguns exemplos:

⁵ *Luckily, the fire was prevented from crossing the highway. My house would have been destroyed.* (FAUCONNIER, 1994, p. 110).

⁶ *The stack of books has not fallen* (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 245).

Quadro 1 - Tipos de posturas representadas por diferentes verbos

Verbo	Postura
Saber (Eu sei que ela [não] está aqui)	Epistêmica positiva / Assertiva positiva
Achar (Eu acho que ela [não] está aqui)	Epistêmica positiva / Emocional positiva / Assertiva neutra
<i>Guess (I guess she's there/not there)</i> ⁷	Epistêmica neutra / Assertiva neutra
Duvidar (Eu duvido que ela [não] esteja aqui)	Epistêmica negativa
Esperar (Eu espero que ela [não] esteja aqui)	Epistêmica neutra / Emocional positiva
Querer (Eu queria que ela [não] estivesse aqui)	Epistêmica negativa / Emocional positiva

Fonte: Traduzido pela autora com base em Dancygier (2012, p. 78).

Ao utilizar a Negação para evocar uma alternativa positiva, o falante se compromete não somente com uma crença ou posição a respeito de uma determinada situação, mas também com uma rede de situações alternativas com as quais uma determinada situação está sendo contrastada.

Dancygier (2012) argumenta que a alternatividade da Negação torna possível entender o fenômeno como um marcador de postura, pois, além de funcionar como construtor de um espaço alternativo, a Negação pode, ainda, criar uma postura epistêmica alternativa. Em “Eu não acho que estou certo, eu sei que estou certo.”⁸ (DANCYGIER; SWEETSER, 2014, p. 149), por exemplo, o falante, em uma determinada discussão, rejeita a opinião de outro participante da interação. Nesse contexto, de acordo com Dancygier e Sweetser (2014), uma postura representada pelo verbo “achar” é atribuída ao falante e, então, é rejeitada por ele. Ao interagir com a Negação em uma construção, o verbo de postura “achar” torna o comprometimento epistêmico do falante mais forte, pois, além de ser um poderoso marcador de postura, invoca atitudes mentais que não são necessariamente verificáveis em termos de verdadeiro ou falso.

⁷ Na língua inglesa existe uma diferenciação entre os verbos *think* e *guess*, e Dancygier (2012) faz essa distinção em termos de posturas que esses verbos podem representar. No entanto, como no português os dois verbos são traduzidos em apenas um (achar), mantivemos o exemplo com o verbo *guess* em inglês apenas para ilustrar as diferentes posturas representadas.

⁸ *I do not think I am right, I know it* (DANCYGIER; SWEETSER, 2014, p. 149).

Desse modo, quando a Negação é usada, existem, pelo menos, duas alternativas às quais o falante, assim como seu(s) interlocutor(es), podem se alinhar epistemicamente (DANCYGIER, 2012). No caso do exemplo anterior, ao negar um verbo de postura na primeira oração (“Eu não acho que estou certo”) o falante, inicialmente, pode estar se alinhando epistemicamente à alternativa negativa, ou seja, o falante acredita estar errado. Entretanto, o uso do verbo “saber”, outro verbo de postura, na segunda oração (“eu sei que estou”), faz com que haja uma quebra de expectativa, já que o falante, na verdade, demonstra que tem a certeza de que está certo.

A abordagem da alternatividade da Negação não se limita ao comprometimento do falante com as condições de verdade de duas instâncias logicamente incompatíveis de uma proposição. O foco, nessa perspectiva, é a forma com a qual o falante explora construções negativas para evocar e utilizar suas alternativas (DANCYGIER, 2012). Além disso, de acordo com Dancygier (2012), essa abordagem oferece uma explicação para o uso de dispositivos gramaticais que dependem da disponibilidade do espaço alternativo.

Ao contrário do que acontece no exemplo explorado anteriormente (“Eu não acho que estou certo, eu sei que estou certo”), na sentença “Não comprei um carro. Não tinha espaço pra ele na garagem.”⁹ (2012, p.70), o falante mantém o que já é esperado, uma vez que o fato de ele não ter comprado um carro, explicitado na primeira oração, é apenas corroborado na oração seguinte por meio do uso da partícula negativa e do pronome “ele”, que se refere à categoria “carro”, ocupando o espaço negado no qual a compra haveria sido, de fato, efetuada. Nesse sentido, Dancygier (2012) afirma que formas negativas podem interagir de diversas maneiras com uma série de construções gramaticais e dependem de muito mais do que somente da verificação das condições de verdade dessas construções. Além disso, as construções negativas possuem um papel intersubjetivo e são utilizadas para a negociação de diversos pontos de vista disponíveis em um contexto específico (DANCYGIER, 2012).

A alternatividade da Negação, ainda de acordo com Dancygier (2012), explica os usos nos quais a Negação modera o comprometimento do(s) interlocutor(es), mas não os fatos em questão. Em “Eu não vou dizer que nós estávamos completamente realizados, mas nós não éramos infelizes.”, por exemplo, a Negação é utilizada para que o falante faça uma avaliação alternativa da situação, mas não dos fatos (estarem, de fato, realizados ou não). De acordo com Dancygier (2012), nesse caso, o uso da Negação não depende do que é verdadeiro ou falso na situação, mas tem, na verdade, um efeito de moderação e distanciamento, uma vez

⁹ *I didn't buy a car. There was no room for it in the garage.* (DANCYGIER, 2012, p.70).

que o falante opta por não fazer uma declaração completamente assertiva (“estávamos realizados”).

Além disso, construções que utilizam a Negação como dispositivo de postura dependem da subjetividade do(s) interlocutor(es) e de sua participação no discurso (DANCYGIER, 2012). Em “Maria não está feliz. Pelo contrário, ela está bem deprimida.”, o falante utiliza a Negação em oposição a uma opinião positiva, disponível no contexto, a respeito do humor de Maria. Esse uso intersubjetivo da Negação depende da disponibilidade contextual da atual situação de Maria (DANCYGIER, 2012). Nesse sentido, ao negar que “Maria está feliz”, o falante expressa um objetivo argumentativo claro de questionar uma crença disponível no contexto.

Outra questão importante a respeito da Negação, na perspectiva da Teoria dos Espaços Mentais, é o fenômeno da dupla Negação. De acordo com Sweetser (2006), a dupla Negação, apesar de semelhante, em termos de condições de verdade, a uma afirmação positiva, produz um efeito retoricamente distinto. Do ponto de vista da Teoria dos Espaços Mentais, a razão para isso é clara: em “Nós éramos felizes”, por exemplo, há a configuração de apenas um espaço mental. Já “Nós *não* éramos *infelizes*” evoca vários espaços. O adjetivo “infelizes” evoca um espaço negativo e seu correspondente positivo e, além disso, a partícula de Negação adicionada (“não”) cria um terceiro espaço: a alternativa negativa para “infelizes”. O esquema abaixo ilustra esse processo:

Figura 5 - Processo de construção de Espaços Mentais na dupla Negação



Fonte: Elaborado pela autora

Nesse caso, “não ser infeliz” não implica “ser feliz”: já que “infeliz” é o oposto negativo de “feliz”, o termo negativo “não”, de acordo com Sweetser (2006), pode apenas negar o *status* de oposição, sem, necessariamente, revertê-lo. O resultado dessa operação é uma interpretação intermediária da situação (não se está feliz, nem infeliz). Desse modo, ainda de acordo com Sweetser (2006), o uso constante da dupla Negação por meio de uma estrutura espacial tripla, sobretudo envolvendo situações psicológicas, leva o ouvinte a acessar uma variedade de Espaços Mentais que fazem com que essas situações sejam interpretadas como situações de incerteza ou confusão.

Nesse sentido, Dancygier, (2012) argumenta que construções com dupla Negação como “Eu *não* acho que Paulo *não* saiba compor músicas” são intersubjetivas. A crença negativa presente em um espaço mental complementar está sendo atribuída ao falante, em resposta ao espaço positivo alternativo ativado previamente (alguém acha que Paulo sabe compor músicas). O falante, então, rejeita a crença negativa, atribuída a ele, ao negar uma postura assumida em relação a isso. Desse modo, Dancygier (2012) afirma que a interpretação complexa resultante desse processo vai muito além da regra “duas negativas = uma positiva”.

Na seção seguinte, faremos algumas considerações a respeito do *Ground* e do espaço narrativo, pois são conceitos que fundamentaram parte dos nossos procedimentos de análise, descritos ao longo dos capítulos 4 e 5.

2.2 Algumas considerações sobre o *Ground* e o espaço narrativo

Toda configuração de espaços mentais envolve um espaço que ancora o discurso em um contexto comunicativo imediato. Esse é o chamado Espaço-Base ou *Ground*, um espaço a partir do qual outros espaços mentais são criados para conter informações que vão além da situação imediata, e que serve como um espaço de interpretação subjetivamente construído. A maior parte das interações do nosso dia-a-dia envolve um *Ground* que faz parte do sentido de qualquer expressão. Nesse sentido, de acordo com Langacker (2008, p. 259), o *Ground* é utilizado para indicar o evento de fala, seus participantes (falante e ouvinte), a interação desses participantes e as circunstâncias imediatas do evento (como o tempo e o local em que o evento de fala ocorre).

Em contrapartida, o espaço narrativo constitui-se como um espaço que contém elementos introduzidos durante uma narrativa. De acordo com van Krieken, Sanders e Sweetser (2019, p. 243), grande parte da comunicação humana lida com a narração e a avaliação de eventos situados em algum tempo anterior ou posterior ao tempo em que a

própria comunicação ocorre. Nesse sentido, a linguagem nos fornece uma série de ferramentas para posicionar eventos no passado e no futuro e para marcar a relação desses eventos com o presente do ato comunicativo. Essas ferramentas também nos permitem relacionar esses eventos a partir de pontos de vistas diferentes do nosso ponto de vista presente, do “aqui-agora” situado no *Ground*. Em outras palavras, ainda de acordo com os autores (2019, p. 244), a linguagem é o veículo que utilizamos para viajar pelo tempo e através de mundos que não podem ser diretamente experienciados pelo nosso próprio ponto de vista presente. O potencial para criar e visitar esses mundos é explorado por meio do discurso narrativo. Tanto as histórias ficcionais quanto as não-ficcionais são notavelmente flexíveis em representar, conectar e desconectar um número potencialmente infinito de *frames* de tempo e pontos de vista.

De maneira correspondente, a representação de histórias depende da habilidade do comunicador de administrar seu próprio ponto de vista no cenário comunicativo presente, assim como pontos de vista alternativos ancorados em diferentes espaços de tempo. Nessa perspectiva, uma narrativa é concebida como uma rede de espaços mentais interconectados, a partir da qual falantes e interlocutores são guiados por sinais linguísticos que estabelecem relações entre vários espaços.

Além disso, um ponto importante a se considerar é o papel que o *Ground*, entendido como o cenário comunicativo no qual uma história é contada por um narrador e ouvida ou lida por um espectador, desempenha no desenvolvimento do discurso narrativo. De acordo com Van Krieken, Sanders e Sweetser (2019, p. 246), a depender da língua e de como a própria narrativa se configura, o *Ground* pode ser:

- (i) um espaço físico da realidade, compartilhado por narrador e destinatário (em narrativas conversacionais, por exemplo);
- (ii) um espaço não-físico e antecipado, no qual o tempo da narração coincide parcialmente com o tempo em que ela é ouvida ou lida no *Ground*, (em narrativas não ficcionais históricas e de notícias, por exemplo);
- (iii) um espaço não-físico e imaginado, com o narrador e o destinatário sendo participantes e compartilhando um *Ground* comum em termos de uma compreensão mútua de um tempo hipotético (narrativas ficcionais, por exemplo).

Em cada uma dessas situações, o *Ground* é ancorado a coordenadas fixadas em cada tempo e espaço hipotético ou real, de modo que funciona como uma base a partir da qual a

jornada no decorrer do tempo da narrativa começa e para a qual se pode voltar a qualquer momento (KRIEKEN; SANDERS; SWEETSER, 2019, p. 246).

Conforme apresentamos na seção 4.1, referente aos procedimentos metodológicos, avaliamos, no decorrer das análises gestuais se os gestos de negação foram produzidos no *Ground* ou no espaço narrativo, no sentido de determinar os contextos de uso distribuídos dos gestos.

As discussões teóricas realizadas neste capítulo foram propostas no sentido de apresentar uma parte da base teórica desta pesquisa e de instrumentalizar as análises gestuais descritas no Capítulo 5. Sendo assim, os modelos mentais, abordados tanto de maneira mais geral, quanto aplicados ao fenômeno da Negação, possibilitam uma melhor compreensão dos processos de construção de sentido que estão por trás da produção de um gesto. Dessa forma, as perspectivas mobilizadas neste Capítulo fornecem-nos uma fundamentação teórico-metodológica que nos permite discutir a análise dos dados gestuais de modo mais elaborado. No Capítulo seguinte, trataremos com mais detalhes dos estudos em gesto, mobilizando, inicialmente, alguns conceitos mais gerais, para, então, nos debruçarmos sobre o objeto de análise deste trabalho, os gestos de Negação.

3 UM BREVE PANORAMA DOS ESTUDOS DE GESTO

Entre os anos de 1960 e 1970, Adam Kendon¹⁰ foi pioneiro ao investigar a relação entre comportamentos corporais e fala (MÜLLER; LADEWIG; BRESSEM, 2013, p.58). Entre essas duas décadas, Kendon investigou os padrões de comportamento corporal e demonstrou que as ações corporais comunicativas são altamente estruturadas, carregadas de sentido e estão fortemente integradas com a fala. No início dos anos 1970, o autor desenvolveu a primeira microanálise sistemática de unidades de expressão verbal e gestual. Nesse momento, com o avanço da tecnologia, as gravações em vídeo se tornaram disponíveis para a pesquisa científica e Adam Kendon realizou a primeira microanálise de movimentos corporais em conjunto com a fala. Com isso, ele demonstrou que unidades de fala e unidades de movimentos corporais possuem uma estrutura hierárquica parecida, ou seja, unidades maiores de movimento acompanham unidades maiores de fala e unidades menores de movimento acompanham unidades menores de fala (MÜLLER; LADEWIG; BRESSEM, 2013, p.58). Na década de 1980, Kendon formulou a ideia de gesto e linguagem como dois lados de um mesmo enunciado. No decorrer do presente capítulo, abordaremos com mais detalhes o trabalho do autor.

Na década de 80, a psicologia passou a adotar a noção de comunicação não-verbal, os movimentos corporais que não estavam relacionados com a fala despertavam um interesse maior por parte dos estudiosos e a ideia de gesto como parte da linguagem era considerada pouco relevante para esse campo de investigação. Como consequência disso, houve um aumento do número de pesquisas sobre expressões faciais (MÜLLER; LADEWIG; BRESSEM, 2013, p.58). Esse cenário dificultou a possibilidade de haver o desenvolvimento de uma abordagem linguística da relação entre gesto e fala. Entretanto, David McNeill, partindo da psicologia e da linguística, propõe uma teoria da linguagem e do gesto, na qual gesto e fala formam um sistema integrado.

Ao contrário dos estudiosos da comunicação não-verbal, McNeill, assim como Kendon, estava interessado nos movimentos manuais, entendidos por ele como gesto, porque eles possuem uma estreita inter-relação com a linguagem (MÜLLER; LADEWIG; BRESSEM, 2013, p. 58). A ideia proposta por McNeill de que os gestos são parte do

¹⁰ Os gestos têm sido estudados desde muito antes, na Antiguidade Clássica. Entretanto, neste trabalho, decidimos partir do que Adam Kendon propôs nos anos 1960 para elaborar um panorama geral dos Estudos de Gesto na atualidade.

enunciado verbal desafiou a distinção entre comportamento verbal e não-verbal, que era o fio condutor das principais pesquisas em comunicação não-verbal da época.

Em 1992, McNeill publicou sua teoria integrada de gesto e fala, que se tornou um marco nos estudos de gesto e fala nas perspectivas psicológica e linguística. No livro publicado, o autor define gestos como movimentos de mãos e braços, que são espontâneos e idiossincráticos. Além disso, McNeill (1992) propõe, ainda, que gesto e fala são diferentes, porém são duas facetas integradas da linguagem, que residem em dois modos distintos de pensamento: um imagético (os gestos) e outro proposicional (a fala). O trabalho de McNeill abriu as portas dos estudos linguísticos para a ciência cognitiva e fez com que o interesse das pesquisas em psicologia pela linguagem e pela cognição aumentasse. Entretanto, no campo da Linguística, o gesto ainda era um fenômeno que despertava pouco interesse de estudo (MÜLLER; LADEWIG; BRESSEM, 2013, p. 59).

A abordagem pragmática que Adam Kendon propôs para o estudo das formas e sentidos gestuais, porém, abriu as portas para que se estudasse gesto a partir de uma perspectiva linguística e, por isso, seu trabalho é considerado um pré-requisito para compreender como estruturas linguísticas podem emergir de movimentos corporais. Em oposição à ideia de gesto como formas específicas de ações manuais, Kendon (2004) desenvolveu o conceito de gestos como movimentos que possuem uma expressividade deliberada, sugerindo que participantes de uma interação prontamente reconhecem um gesto sem ouvir o que está sendo dito, baseando-se unicamente nas características de forma e de movimento da ação gestual, uma vez que os gestos, também chamados de ações corporais visíveis (KENDON, 2004), podem ser usados como meios de dizer algo.

Por meio de uma ação corporal visível, alguém pode demonstrar que está fazendo uma pergunta, ou esperando por uma resposta ou discordando de algo, por exemplo. Na linguagem, dois sistemas distintos independentes (forma e sentido) são combinados por convenção, sendo que a relação entre eles é caracterizada por um mapeamento arbitrário. Em contrapartida, de acordo com McNeill (1992), nos gestos, o sentido está na forma: a forma do movimento corporal não constitui um nível independente e é determinada pelo seu sentido. Os gestos são entendidos como signos motivados que veiculam sentido de maneira global e sintética, ou seja, um gesto pode combinar diferentes elementos de sentido.

O conceito de expressividade deliberada, proposto por Kendon (2004), é o que distingue gesto de movimentos corporais sintomáticos, ou seja, movimentos que não são parte de um esforço comunicativo (MÜLLER, 2014, p. 130). Um movimento com expressividade deliberada, de acordo com o autor (2004), é um movimento que tem início e fim muito bem

delimitados e que constitui uma excursão ao invés de apenas ser o resultado de uma mudança de posição. Nesse sentido, Kendon (2004) distingue as duas fases de um movimento e sua organização hierárquica: uma unidade gestual consiste em uma excursão completa, ou seja, preparação, núcleo (o ápice do movimento) e retração; já uma frase gestual consiste nas fases de preparação, núcleo e retração, assim como na fase de suspensão pós-núcleo, que acontecem entre o núcleo e a retração. De acordo com Kendon (2004), a estrutura hierárquica de fases, frases e unidades gestuais e suas características particulares de movimento são o que percebemos e tratamos como gesto.

Movimentos com características dinâmicas de uma frase gestual são entendidos como fortemente intencionais e intencionalmente comunicativos. Consideramos movimentos que possuem características dinâmicas específicas como movimentos carregados de sentido e como partes do discurso (KENDON, 2004). Isso significa que existe um segundo aspecto da ideia de expressividade deliberada que faz um gesto ir além do nível articulatório (MÜLLER, 2014 p. 132): gestos correspondem a movimentos carregados de sentido e são reconhecidos como tal. Para Kendon (2004), o que determina o sentido de um gesto é o contexto de uso.

Nesse sentido, partindo da ideia de que gestos constituem formas específicas de ações visíveis que estão integradas com a fala, Kendon (2004) distingue os diferentes tipos de sentido que um gesto pode carregar, com base no contexto em que estão situados e nas funções que desempenham nesses respectivos contextos: um gesto é considerado representacional quando contribui para o conteúdo proposicional de um enunciado; um gesto assume diferentes funções pragmáticas quando serve de operador em relação ao enunciado falado (função operacional); quando determina como o que está sendo dito deve ser interpretado (função modal); quando é usado para indicar o tipo de ato de fala em que estamos engajados (função performativa); ou quando pontuam ou marcam componentes lógicos do discurso falado (função analítica).

A ideia de gesto como movimento que possui uma expressividade deliberada abriu os caminhos rumo a uma compreensão de como movimentos corporais podem ser considerados como uma parte significativa do que “um falante está tentando dizer” (KENDON, 2004). É de fundamental importância que a intenção comunicativa se manifeste na qualidade e nas propriedades do próprio movimento. Ao propor isso, Adam Kendon, mesmo não focalizando questões cognitivas, acabou evitando a dicotomia mente-corpo, proposta por diversas abordagens psicológicas que tratavam de gesto, e abriu as portas para uma abordagem corporificada da cognição enquanto parte do movimento expressivo que vemos nos gestos e não como algo independente (MÜLLER, 2014, p. 147).

Para Müller (2014, p. 137), a descrição, proposta por Kendon (2004), das características articulatórias dos gestos como movimentos que possuem uma expressividade deliberada é complementada por uma análise do sentido das formas gestuais, que, por sua vez, são enriquecidas e especificadas por contextos de uso. Por essa razão, a autora (2014, p. 137) argumenta que essa faceta semiótica é uma parte importante da abordagem descritiva que Kendon propõe às análises do sentido gestual. É nesse sentido que Müller (2014) propõe, então, uma abordagem linguística, baseada na forma gestual e no contexto de uso, para a análise de gestos. Essa abordagem desenvolve um pouco mais a ideia de gestos como movimentos que possuem uma expressividade deliberada.

A autora (2014, p. 138) argumenta que a articulação do formato das mãos, dos movimentos, das posições, das orientações dos dedos e dos braços constitui unidades formais de movimentos corporais potencialmente significativas. Kendon (2004) aponta que o que vemos nos gestos é um esforço articulatório que pode ser reconhecido como um esforço comunicativo. Nesse sentido, Müller (2014, p. 138), tal como outros autores (C.f Calbris 1990, 2011; Mittelberg 2006, 2013; Müller e Haferland, 2009; Steeck, 1994, 2009), assume os sentidos dos gestos como sendo cognitivamente motivados e derivados de ações manuais. Essa perspectiva proposta pela autora (2014, p. 138) compreende a corporificação como o núcleo do sentido do gesto.

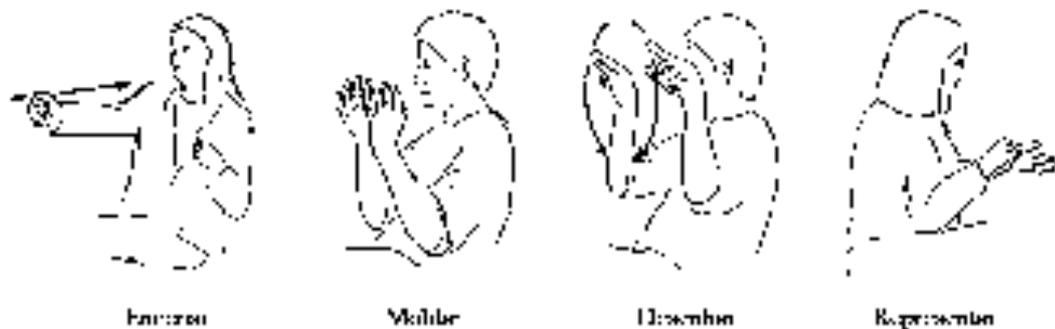
Nesse sentido, Müller (2014, p. 139), apesar de manter, assim como Kendon (2004), o foco nas formas gestuais, sugere que gestos não são somente formas de ações visíveis que constituem uma parte do processo de enunciado, mas também conceptualizações dinâmicas corporificadas, isto é, para a autora (2014, p. 139), o sentido dos gestos emerge do fluxo da interação. Desse modo, compreendemos formas gestuais significativas percebendo-as no contexto da interação conversacional e construindo seu sentido de modo que cumpra os requisitos do fluxo do discurso. Isso significa, de acordo com Müller (2014, p. 139), que as formas gestuais são consideradas como signos motivados que adquirem um sentido local específico, a depender do contexto do qual fazem parte.

Os gestos, por constituírem uma modalidade visoespacial, possuem propriedades de forma e sentido que são pré-requisitos para a linguagem e que, caso não haja a presença da modalidade oral, podem dar origem a sistemas linguísticos altamente desenvolvidos, como, por exemplo, a língua de sinais (MÜLLER; BRESSEM; LADEWIG, 2013, p. 711). De acordo com Müller (2014, p. 139), essa é a motivação para se pensar em uma gramática de gestos. Essa é uma proposta que leva em consideração as características de forma de gestos

manuais, bem como suas estruturas lineares e dinâmicas que podem se desenvolver e, sob determinadas circunstâncias, se tornarem estruturas semânticas e gramaticais.

Nesse sentido, Müller (2014, p. 140) faz um esboço das motivações cognitivo-semióticas para o sentido dos gestos. A autora (2014, p. 140) sugere que a criação de gestos referenciais se dá a partir de um conjunto limitado de técnicas cognitivo-semióticas, nomeado de Modos de Representação Gestual. Os Modos de Representação Gestual fornecem uma resposta sistemática para a questão de o que as mãos estão de fato fazendo enquanto são usadas para representar ações, objetos, propriedades, relações espaciais e temporais, ou quando atuam como atos de fala, por exemplo. Existem quatro modos básicos de representação que motivam a criação de gestos: encenar, quando a mão reencena uma atividade cotidiana; moldar, quando a mão molda a forma de um objeto; desenhar, quando a mão traça a forma de um objeto; e representar, quando a mão representa objetos estáticos ou em movimento. A figura a seguir ilustra os quatro Modos de Representação:

Figura 6 - Os quatro Modos de Representação Gestual



Fonte: Adaptado de Müller (2014, p. 141).

Na realização de gestos, os quatro modos de representação gestual implicam processos cognitivo-semióticos de metonímia, isto é, a metonímia motiva iconicamente os sentidos das formas gestuais e esse processo resulta em uma esquematização de forma e sentido. Quando as mãos encenam como se estivessem realizando uma ação instrumental, o falante assume o ponto de vista do agente e se torna um “ator em cena”. Assim, a ação gestual é modulada, sendo que os aspectos significativos da ação são abstraídos e esquematizados. Desse modo, gestos baseados na reencenação de uma ação prática passam por um processo de generalização de sentido. Isso vale também para quando as mãos moldam a forma de um objeto, criando uma escultura tridimensional temporária para representa-lo; ou quando as

mãos são usadas para traçar o contorno dos objetos representando-os de maneira bidimensional.

Nessa perspectiva, o termo “gesto” diz respeito a todo o espectro de gestos que ocorrem com a fala: os gestos espontâneos, os gestos recorrentes e os gestos emblemáticos. Esses três tipos de gestos se diferenciam em termos de forma e grau de convencionalização e em relação às funções linguísticas e comunicativas que desempenham. Os gestos espontâneos, apesar de serem baseados em um repertório de técnicas de criação de gestos compartilhado culturalmente, são realizados de maneira livre e espontânea. Os gestos recorrentes, por sua vez, mesclam elementos convencionais e idiossincráticos, ocupando um lugar entre os gestos espontâneos e os emblemáticos que, por sua vez, são gestos completamente convencionalizados (MÜLLER, 2018).

Nosso foco, na seção seguinte, recai sobre os gestos recorrentes, uma vez que os gestos de Negação, objeto desta pesquisa, constituem-se como formas gestuais recorrentes.

3.1 Gestos Recorrentes e Famílias Gestuais

De acordo com Ladewig (2014, p. 1559), os Gestos Recorrentes correspondem a gestos parcialmente convencionalizados que são culturalmente compartilhados e, assim, podem ser facilmente identificados dentro de uma sequência de movimentos manuais. Outra importante razão pode ser, de acordo com autora (2014, p. 1559), a ideia de que os Gestos Recorrentes funcionam no nível da fala.

Assim como os Emblemas, os Gestos Recorrentes configuram uma relação estável entre forma e sentido e se diferenciam de gestos espontâneos, icônicos e metafóricos, devido ao seu caráter convencional (LADEWIG, 2014, p. 1559). Nesse sentido, os Gestos Recorrentes frequentemente desempenham funções pragmáticas no discurso, ou seja, realçam aspectos da própria interação comunicativa. Além disso, esses gestos podem formar um repertório de gestos compartilhado dentro de uma cultura.

Ladewig (2014) introduz o termo “Gestos Recorrentes” pensando no caráter convencional que eles apresentam. De acordo com a autora (2014, p. 1559), os Gestos Recorrentes têm sido considerados, ao longo dos anos, como gestos pragmáticos ou interativos devido às funções pragmáticas que frequentemente desempenham. Entretanto, ela argumenta que considerar apenas as funções pragmáticas desse tipo de gesto não fornece uma compreensão completa do fenômeno e até reduz a variedade de funções desses gestos. Além disso, o termo “gestos pragmáticos”, não abrange as características particulares desses gestos,

como o grau de convencionalização e suas propriedades linguísticas, assim como o termo “Gestos Recorrentes” o faz. Nesse sentido, estes gestos podem ser não apenas pragmáticos, quando desempenham funções pragmáticas/metadiscursivas, mas também referenciais, ao representarem uma ideia/sentido, contribuindo diretamente para o conteúdo proposicional do enunciado. Dessa forma, outros aspectos que compreendem a natureza semiótica dos Gestos Recorrentes são trazidos à tona (LADEWIG, 2014, p. 1559).

Nesse sentido, a “recorrência” diz respeito à construção de um núcleo formal que está correlacionado a um núcleo semântico. A unidade estável forma-sentido recorre em diferentes contextos de uso, com diferentes falantes em uma comunidade de fala específica. Entretanto, de acordo com Ladewig (2014, p. 1560), apesar de terem passado por um processo de convencionalização, os Gestos Recorrentes não podem ser entendidos como Emblemas, uma vez que seus sentidos são esquemáticos e, dessa forma, eles não podem assumir o papel de palavras. Em outras palavras, a relação entre os núcleos formal e semântico dos Gestos Recorrentes pode ser entendida como motivada, ou seja, o sentido de um gesto recorrente deriva da sua forma (LADEWIG, 2014, p. 1560). A ligação entre forma e sentido é semioticamente motivada, o que significa, de acordo com Ladewig (2014, p. 1560), que a base semiótica da qual um gesto deriva (uma ação instrumental, por exemplo) contribui para o seu sentido. Esse aspecto diferencia os Gestos Recorrentes de Emblemas, na medida em que a relação entre forma e sentido nos Emblemas não pode mais ser reconstruída, sendo considerada opaca e, desse modo, estabelecendo um processo de convencionalização e/ou gramaticalização (LADEWIG, 2014, p. 1560).

O aspecto da convencionalidade leva a outra razão pela qual Ladewig (2014) argumenta em favor da recorrência: quando investigados a fundo, os gestos interativos e pragmáticos parecem ter sido identificados em termos de uma construção de uma unidade estável de forma e sentido, em vez de apenas terem sido identificados com base nas suas funções pragmáticas. Para a autora (2014, p. 1560), esses são aspectos característicos de uma recorrência. Além disso, para Ladewig (2014, p. 1560), utilizar a função pragmática como critério único para caracterizar um determinado tipo de gesto pode ser um método um pouco equivocado, pois sugere que somente um tipo particular de gesto pode desempenhar determinadas funções, quando, na verdade, muitos estudiosos argumentam que os gestos são multifuncionais. O Gesto de Varrer, por exemplo, realizado para negar tópicos do discurso ao mover a palma da mão para longe, do centro em direção à periferia, pode, também, desempenhar uma função referencial ao ilustrar um período de tempo ou uma superfície plana. A ocorrência a seguir, retirada de um trecho do Programa do Porchat, no qual a atriz

Maitê Proença afirma que limpa o chão da própria casa, é um exemplo de como o Gesto de Varrer pode assumir também uma função referencial.

Figura 7 - Gesto de Varrer com função referencial



Fonte: Canal do Programa do Porchat no YouTube

A relação entre gesto e fala diz respeito à ocorrência das duas modalidades e sua relação temporal. Os Gestos Recorrentes, assim como outros gestos que co-ocorrem com a fala, interagem com a fala, porém, a força dessa relação pode variar. Quando utilizados com função referencial, ou seja, quando representam um objeto, uma ação ou um evento, os Gestos Recorrentes fornecem uma informação redundante ou complementar para o conteúdo proposicional de um enunciado. Nesse caso, de acordo com Ladewig (2019, p. 1563), os Gestos Recorrentes são expressos juntamente com uma unidade verbal, seja uma palavra ou uma frase, isto é, o objeto ou a ação representada estão descritos na fala.

Além disso, existem Gestos Recorrentes cuja função primária é realizar um ato de fala. Searle (1969), ao desenvolver a Teoria dos atos de Fala, inicialmente proposta por Austin (1962), afirma que os atos de fala possuem três dimensões constitutivas: a enunciação de palavras, a referência, a predicação e as ações de afirmar, questionar, ordenar, entre outras. Nesse sentido, o autor (1969), com base na categorização proposta por Austin (1962), divide os atos de fala em atos de enunciação, atos proposicionais e atos ilocucionários¹¹. Os atos de enunciação consistem simplesmente na enunciação de cadeias de palavras. Os atos ilocucionários e proposicionais consistem na enunciação de palavras em sentenças e

¹¹ Diz respeito às ações que executamos por meio de enunciados verbais, como por exemplo, as ações de informar, ordenar, alertar, etc. (AUSTIN, 1962, p. 108).

contextos, sob determinadas condições e com determinadas intenções (SEARLE, 1969, p. 24-25). Em conjunto com a noção de atos ilocucionários, Searle (1969) retoma a noção de ato perlocucionário¹², ou seja, o ato que diz respeito à consequência ou efeito causado nas ações, pensamentos, crenças do ouvinte.

Partindo dessa fundamentação teórica, Müller (2014, p. 214) argumenta que todo gesto é uma ação comunicativa: alguns expressam primariamente o conteúdo proposicional, como é o caso dos gestos referenciais; outros realizam uma força ilocucionária, como os gestos performativos; e outros, ainda, executam efeitos perlocucionários. Essas propriedades indicam, de acordo com a autora (2014, p. 214), que os gestos corporificam as origens funcionais e articulatórias da linguagem.

Os chamados gestos performativos funcionam como os verbos performativos: quando dizemos “eu juro”, por exemplo, a ação de jurar é realizada; quando dizemos “eu te abençoo, a ação de abençoar é realizada. A maioria desses performativos verbais é acompanhada por um gesto performativo altamente convencionalizado: a ação de jurar geralmente é acompanhada pelo gesto de mão aberta com a palma levantada verticalmente e a ação de abençoar geralmente é acompanhada pelo gesto que esboça o sinal da cruz (MÜLLER, 2014, p. 214). Os gestos performativos são, em geral, extremamente comuns e difundidos. Além disso, esses gestos frequentemente constituem atos de fala altamente convencionalizados.

Por sua vez, os Gestos Recorrentes que são empregados de maneira metacomunicativa e operam sobre o enunciado do falante podem desempenhar as funções operacional, analítica e modal. Quando desempenham uma função operacional, esses gestos funcionam como um operador em relação ao enunciado falado (KENDON, 2013, p. 15). De acordo com Kendon (2013, p. 15), um exemplo muito comum de um gesto assumindo a função de operador, é o Gesto de Varrer¹³ [*sweeping away gesture*], gesto comumente utilizado em conjunto com construções negativas ou que implicam uma circunstância negativa, mas que, também, é realizado em conjunto com afirmações positivas absolutas, como se as mãos servissem para prevenir qualquer tentativa de negar o que foi dito.

Quando desempenham uma função analítica, também chamada de pontuacional (KENDON, 2016, p. 171), os Gestos Recorrentes são utilizados para marcar a estrutura do enunciado falado, como é o caso dos Gestos de Anel [*Ring gestures*], que, geralmente, servem para marcar um trecho do enunciado falado que o falante julga ser de central importância para

¹² Diz respeito aos efeitos que provocamos ao dizermos algo, como convencer ou dissuadir, por exemplo (AUSTIN, 1962, p. 108).

¹³ No decorrer deste capítulo, exploramos melhor as propriedades gerais do Gesto de Varrer [*sweeping away gestures*]

o sentido do que ele está dizendo. Além disso, ao desempenharem uma função analítica, os gestos fornecem pontos de ancoragem visíveis para conectar ou separar partes do discurso falado (BRESSEM; STEIN; WEGENER, 2015).

Já quando desempenham funções modais, os Gestos Recorrentes servem para fornecer um *frame* de interpretação para um determinado trecho do discurso falado e podem, ainda, revelar uma atitude ou postura do falante em relação ao que está sendo dito ou feito. Um exemplo disso é o gesto de aspas, comumente utilizado para destacar uma porção do enunciado falado (KENDON, 2013, p. 16) e marcá-la com ironia ou sarcasmo. Na maioria dos casos, os gestos com função modal co-ocorrem com a fala e estão fortemente conectados com a unidade verbal sobre a qual eles operam.

Os Gestos Recorrentes, além de co-ocorrerem com a fala, veiculam informação semântica e pragmática. Nesse sentido, muitos estudiosos de Gesto e de Línguas de Sinais argumentam que os gestos podem compor sistemas linguísticos completamente desenvolvidos, operando como marcadores discursivos ou até como morfemas gramaticais e lexicais (LADEWIG, 2014, p. 1567). Os Gestos Recorrentes, dessa forma, podem ser o ponto de partida para processos de gramaticalização. De acordo com Ladewig (2014, p. 1569), os núcleos formal e semântico desses gestos podem se desenvolver e se transformar em marcadores gramaticais nas línguas de sinais.

No que diz respeito ao processo de convencionalização dos gestos, Ladewig (2014, p. 1569) propõe um *continuum* de movimentos ou sinais manuais. É importante ressaltar que o termo “convencionalização” refere-se à formação de uma unidade estável de forma e sentido, bem como ao uso desses gestos em determinados contextos comunicativos (LADEWIG, 2014, p. 1569). Nesse *continuum*, os gestos espontâneos, icônicos e metafóricos marcam o ponto de partida, as línguas de sinais marcam o ponto final, enquanto os Gestos Recorrentes e emblemáticos ocupam espaços entre esses pontos. Entretanto, para a autora (2014, p. 1569), situar os Gestos Recorrentes nesse *continuum* é um desafio, já que esses gestos possuem variantes que demonstram diferentes graus de convencionalização. Esse processo é ilustrado na imagem a seguir:

Figura 8 - Dimensões dos tipos de gestos



Fonte: Ladewig (2014, p. 1570).

De acordo com a autora (2014, p. 1570), Gestos Recorrentes com função referencial costumam ser menos convencionalizados ao passo que os que desempenham funções pragmáticas possuem um grau de convencionalização maior e podem até ser categorizados como Emblemas. Tendo em vista essas questões, a autora (2014, p. 1570) propõe que o *continuum* do processo de convencionalização leve em conta a taxonomia dos gestos em termos de dimensões, em vez de categorias. De acordo com a autora (2014, p. 1570), uma transição mais flexível dos gestos espontâneos aos Gestos Recorrentes e dos Gestos Recorrentes aos emblemáticos deve ser considerada, uma vez que os Gestos Recorrentes possuem variantes que possuem propriedades de outros tipos de gesto.

Além das propriedades abordadas anteriormente, a estrutura estável de forma e sentido dos Gestos Recorrentes permite que esses gestos, utilizados em diferentes contextos culturais, componham Famílias Gestuais. Kendon (2004) propõe que Famílias Gestuais são agrupamentos de expressões gestuais que possuem um conjunto de padrões de movimento em comum e que compartilham uma ou mais características de forma e função. De acordo com esses parâmetros, o autor (2004) distingue quatro Famílias Gestuais: a Família G [*Grappolo Family*] e a Família R [*Ring Family*], que agrupam gestos que compartilham a ação de “agarrar com precisão”; e as Famílias de Mão Aberta Supinada e Mão Aberta Pronada, cujos membros possuem em comum o formato de mão aberta.

A Família G [*Grappolo Family*] agrupa os gestos que são comumente utilizados para descrever de maneira estereotipada o modo de gesticular dos italianos. Nessa família, as formas gestuais são caracterizadas pelos dedos estendidos, mas com as pontas unidas, e o antebraço é mantido em uma posição supinada, de maneira que a palma da mão esteja direcionada para cima. Os gestos dessa família podem marcar o tópico conversacional do discurso do falante e podem ser empregados quando o falante está fazendo uma pergunta ou exigindo uma explicação ou justificativa para algo (KENDON, 2004). A imagem a seguir ilustra um gesto dessa família:

Figura 9 - Gesto G



Aquele telefone é útil para quem?

[*A chi servë chillu telefënë?*]

Fonte: Kendon (2004, p. 233).

Nos gestos da Família R [*Ring Family*], as mãos assumem o formato de anel (*ring*, em inglês), ou seja, as pontas do dedo indicador e do polegar se unem formando um pequeno círculo. Os gestos dessa família expressam a ideia de precisão e são utilizados em conjunto com a fala para indicar que o interlocutor está interpretando algo de maneira equivocada e, desse modo, para esclarecer uma determinada ideia, descrição ou opinião. A seguir, temos um exemplo de um gesto R:

Figura 10 - Gesto R



Todos esses aquedutos abaixo do solo eram administrados por um trabalhador que trabalhava aqui embaixo. **Ele era chamado** de “o pozzaro”.

[*Tutti questi acquedotti in sotteranea venivano gestiti da un operaio che lavorava quaggiù. **Si chiamava** il pozzaro.*]

Fonte: Kendon (2004, p. 239).

Já os gestos da família de Mão Aberta Supinada são amplamente utilizados para indicar as ações de apresentar, oferecer ou de demonstrar interesse em receber algo. Nesses gestos, a mão aberta é mantida em uma posição de antebraço supinado, de modo que a palma da mão esteja direcionada para cima. Kendon (2004) divide os gestos dessa família em três categorias: os gestos de Palmas de Apresentação [*Palm Presentation*] (PP), que funcionam como marcadores metadiscursivos, já que, em conjunto com a fala, marcam uma introdução do que o falante está prestes a dizer e, além disso, são utilizados quando um termo ou uma frase está sendo explicada pelo falante para melhorar a compreensão do interlocutor; os gestos de Palmas Endereçadas [*Palm-Adressed*] (PA), gestos de mão aberta utilizados para apontar um objeto para o qual o falante deseja que seu interlocutor dirija sua atenção; e os gestos de Palma Lateral (PL), que podem expressar a incapacidade do falante em intervir em determinada situação, indicar que algo é tido como óbvio, que o falante está fazendo uma pergunta retórica, dando uma resposta indecisa a uma proposta ou fazendo um convite. A seguir, exemplificamos com imagens os três tipos de Gestos de Mão Aberta Supinada:

Quadro 2 - Tipos de Gestos de Mão Aberta Supinada

<p>Gesto PP</p>		<p>“Isso indica que antes de Rose e Crown, aqui existia ali uma construção diferente <u>Isso é o tipo de coisa sobre a qual você pode especular bastante.</u>”</p>
<p>Gesto PA</p>		<p>“Era ópio! E eles costumavam comer essas flores. Eles costumavam comê-las!”</p>
<p>Gesto PL</p>		<p>A falante G realiza um gesto PL ao responder à insinuação de que sua tartaruga morreu por ter ingerido água com sabão. O gesto é utilizado para indicar que a falante não aceita nem rejeita a insinuação.</p>

Fonte: Kendon (2004, p. 271-280).

Kendon (2004) argumenta que os gestos da Família de Mão Aberta Pronada são usados em situações nas quais uma ação é negada ou interrompida, e, ainda, em contextos nos quais algo está sendo avaliado na situação conversacional. Os membros dessa família gestual podem ser vistos na imagem a seguir:

Figura 11 - Gestos de Mão Aberta Pronada



Fonte: Kendon (2004, p. 250).

Como parte dos gestos investigados nesta pesquisa pode ser incluída nessa Família, ilustramos a seguir, com dados do nosso *corpus*, alguns membros da família de Mão Aberta Pronada:

Figura 12 - Gesto de Mão Aberta Pronada pertencente ao *corpus* de análise



Gesto: Mãos abertas palmas para baixo movendo-se do centro à periferia do espaço gestual
01 mas ficou bem CLARo que o presidente da rePÚ;blica NÃO está disposto

preparação |núcleo|

02 sofrer uma derrota desnecessária;
retração

Fonte: Elaborada pela autora.

A depender da orientação da palma, Kendon (2004) classificou os gestos da família de Mão Aberta Pronada em duas categorias:

- a) **Gestos da Palma Vertical – VP**, categoria que agrupa os gestos em que o antebraço se encontra na vertical ou o pulso encontra-se estendido de maneira que a palma da mão se volta para o lado oposto ao do falante. Os gestos dessa categoria são usados em contextos nos quais um falante demonstra a intenção de interromper ou suspender sua própria linha de ação ou a linha de ação do(s) seu(s) interlocutor(es) (KENDON, 2004). A seguir, temos um exemplo desse tipo de gesto:

Figura 13 - Gesto da Palma Vertical (VP)



Gesto: Mão aberta palma para fora
 01 tem nada a VER- (.) nunca pararam de chamar?
preparação | **núcleo** | **retração**

Fonte: Elaborada pela autora

- b) **Gestos da Palma Horizontal – ZP**, categoria que agrupa os gestos em que a palma da mão está suspensa e direcionada para baixo e diretamente afastada do corpo do falante. Os gestos dessa categoria, por sua vez, são utilizados em contextos nos quais uma linha de ação está sendo interrompida por condições externas que não estão sob o controle do(s) falante(s) (KENDON, 2004). Na sequência, também ilustramos esse tipo de gesto:

Figura 14 - Gesto da Palma Horizontal (ZP)

01 No fim do dia o presidente da Vale,
02 anunciou que a empresa vai DESativAr:

preparação

| núcleo |

03 TODas as barrAgens que usam a mesma tecnologIa das de Brumadinho e Mariana;

retração

Fonte: Elaborada pela autora.

Tendo em vista essas caracterizações, Kendon (2004) argumenta que os gestos de Mão Aberta Pronada, apesar de muitas vezes expressarem Negação, não podem ser considerados exclusivamente gestos de Negação, pois em todas as situações em que o autor investigou o uso desses gestos existia uma implicação de que algo estava sendo ou seria interrompido e, na verdade, a ação de interromper ou de descrever uma interrupção não configura Negação. Entretanto, se dizemos algo e logo em seguida alguém nos interrompe, a relação que se cria entre essas duas ações pode ser caracterizada, de acordo com Kendon (2004), como uma relação de rejeição.

Kendon (2004) baseia a noção de Famílias Gestuais na forte relação entre forma e sentido. Uma Família Gestual é caracterizada, nesse sentido, por uma forma particular ou por um conjunto distinto de características de movimento, que acompanham um conjunto de funções em comum. Dessa forma, Müller (2014, p. 135) aponta que o conceito de Família Gestual é uma consequência da definição, proposta por Kendon, de gesto como ações visíveis que demonstram uma expressividade deliberada. De acordo com a autora (2014, p. 135), os grupos de gestos que compartilham forma e sentido e, desse modo, caracterizam Famílias Gestuais, são articulados de maneira mais clara na fase de núcleo gestual. Uma frase gestual (preparação, núcleo, suspensão pós-núcleo) é a manifestação de um esforço comunicativo deliberado e intencional e é nesse momento que o movimento manual se torna a parte gestual do enunciado (MÜLLER, 2014, p. 135).

Com base nas análises de gestos representacionais e Famílias Gestuais, propostas, inicialmente, por Kendon (2004), Müller (2014, p. 144) propõe uma reconstrução de uma família gestual a partir da combinação de uma análise semiótica e uma análise distributiva de formas gestuais recorrentes em uma variedade de contextos de uso. Essa análise, então, levou à formulação de um tema semântico que, por um lado, unifica essa família gestual e, por outro lado, identifica variações de sentido que distinguem seus diferentes membros. É nesse sentido que, desenvolvendo estudos realizados previamente por Kendon (2004), Bressemer e Müller (2014) elaboram um estudo de Gestos Recorrentes no alemão, que tem como um dos resultados a criação de uma família de gestos nomeada como Família de Gestos De Afastar. Os gestos dessa família têm em comum o efeito compartilhado de uma ação subjacente: remover ou manter longe algo que está perto ou se aproximando do corpo, para que o espaço ao redor de corpo permaneça livre.

3.1.1 A Família de Gestos de Afastar

A Família de Gestos de Afastar, de acordo com Bressemer e Müller (2014, p. 1596), é unida, semanticamente, pelos temas de Rejeição, Recusa, Avaliação Negativa e Negação. Os gestos dessa família têm em comum o efeito compartilhado de uma ação subjacente: remover ou manter longe algo que está perto ou se aproximando do corpo, para que o espaço em torno do falante permaneça livre. O que unifica a Família de Gestos de Afastar não é o formato, a posição ou o movimento das mãos, mas sim o ato ou efeito de mover ou manter longe do espaço gestual imediato objetos, entidades, ideias ou ações que são considerados incômodos. Esse efeito pode ser considerado como motivação para formas gestuais de Negação.

A Família de Gestos de Afastar¹⁴ é composta por quatro Gestos Recorrentes: os Gestos de Varrer, Barrar, Espanar e Lançar.

O Gesto de Varrer é um gesto recorrente no qual as mãos abertas com as palmas direcionadas para baixo são lateralmente e horizontalmente movidas para fora, com uma qualidade precisa de movimento. Nesse tipo de gesto, as mãos estão posicionadas no centro do espaço gestual. Os Gestos de Varrer, de acordo com Bressemer e Müller (2014, p. 1597), são usados somente em conjunto com a fala e podem desempenhar as funções referencial, quando representam um período de tempo (como o fim de algo, por exemplo), ou a ação de suavizar

¹⁴ Na versão original *The Away Family*, a partícula “away”, que caracteriza o núcleo semântico dessa família e seu significado (para longe), é o que dá a direção da ação do verbo. Na tradução sugerida aqui, prezamos por manter o paralelismo entre os nomes dos gestos em PB com os verbos nos infinitivo que indicam um sentido de afastar ou de manter algo longe.

ou limpar uma superfície; ou pragmática, quando são utilizados como formas manuais de Negação.

Quando utilizados como gestos de Negação, os Gestos de Varrer são motivados pelo efeito de manter o espaço gestual livre. Isso é alcançado por meio da ação de varrer uma superfície (quando limpamos farelo de pão de uma mesa, por exemplo), de modo que não reste nada. Dessa forma, os Gestos de Varrer criam uma superfície vazia e limpa ao redor do corpo do falante, pois todo objeto ou obstáculo foi varrido e excluído daquele espaço. (BRESSEM; MÜLLER, 2014, p. 1597).

Com a realização desse tipo de gesto, tópicos de conversação, como ideias, crenças ou argumentos são rejeitados completamente, pois, segundo Bresse e Müller (2014, p. 1597), esses tópicos são metaforicamente varridos do centro para a periferia, de modo que sejam excluídos da conversação e, assim, sejam negados. Abaixo, ilustramos uma ocorrência desse tipo de gesto, retirada do nosso corpus.

Figura 15 - Gesto de Varrer



Gesto: Mãos abertas palmas para baixo movendo-se do centro à periferia do espaço gestual

01 aí veio meu show foi chegando a parte e eu falei assim (.) é que nem o JORge mão de vaca da contabilidade (.)

preparação

02 siLÊNcio e a mulher lá no fundo

| **núcleo** | **retração**

Fonte: Elaborada pela autora

Os Gestos de Barrar, por sua vez, correspondem a Gestos Recorrentes nos quais as mãos estão abertas, com as palmas na vertical direcionadas para o lado oposto ao corpo do falante. As mãos podem estar posicionadas no centro do espaço gestual ou nas laterais superiores. Esses gestos podem ser utilizados em conjunto com a fala ou não e podem desempenhar as funções referencial e pragmática. Quando desempenham uma função referencial, os Gestos de Barrar, de acordo com Bresse e Müller (2014, p. 1597), ilustram as

ações de empurrar ou manter longe determinados objetos. Já quando desempenham uma função pragmática, os Gestos de Barrar indicam recusa ou interrupção e qualificam qualquer que seja o alvo da rejeição como incômodo.

O sentido dos Gestos de Barrar baseia-se no efeito de ações de manutenção de um espaço corporal livre de objetos indesejados. Esse efeito é alcançado por meio da ação de empurrar ou manter algo longe, como, por exemplo, quando impedimos que uma porta, ao ser aberta muito perto de nós, nos atinja, ou quando impedimos outra pessoa de invadir nosso espaço pessoal (BRESSEM; MÜLLER, 2014, p. 1597). As mãos orientadas verticalmente criam um bloqueio que impede que algo indesejado se aproxime ou afasta algo que está incomodando. Ilustramos, a seguir, uma ocorrência de um Gesto de Barrar, também retirada do nosso *corpus*:

Figura 16 - Gesto de Barrar



Gesto: Mão aberta palma para fora

01 não inteREssa quem foi atingido tem direito a ser socorrido, é: não

preparação |núcleo|

02 interessa,

03 se é assasSino, se não é; (.)tem direito a ser (.) atingido

retração

Fonte: Elaborada pela autora.

Já os Gestos de Espanar são gestos nos quais as mãos abertas com as palmas inicialmente direcionadas para o corpo do falante se movem para fora em um rápido movimento de torção dos pulsos. De acordo com Bressem e Müller (2014, p. 1598), esses gestos são utilizados somente em conjunto com a fala, pois as autoras não encontraram, em seus dados, ocorrências em que esses gestos funcionavam como substitutos da fala. Os Gestos de Espanar podem desempenhar as funções dêitica, quando representam trajetórias ou direções; e pragmática, quando expressam uma Avaliação Negativa. Quando são utilizados

com uma função dêitica, a característica de forma desses gestos é a direção do movimento e eles são realizados em frente ao corpo do falante e no centro do espaço gestual. Já quando são utilizados pragmaticamente, as mãos estão posicionadas no lado do corpo do falante e na periferia do espaço gestual.

O sentido dos Gestos de Espanar é baseado na ação de manter o espaço em torno do corpo do falante livre, por meio da remoção de objetos incômodos. Esse efeito é alcançado pela ação de espanar rapidamente, com as “costas” ou lateral da mão, pequenos objetos indesejados, como quando limpamos farelos de comida que caem na nossa roupa. Ao espanar objetos metafóricos, o nosso espaço corporal fica livre de ideias, crenças ou argumentos que nos incomodam, pois os Gestos de Espanar compartilham os temas semânticos de dispensar, remover ou se livrar de tópicos conversacionais incômodos (BRESSEM; MÜLLER, 2014, p. 1598). Além disso, com esses gestos, ainda qualificamos o objeto alvo de rejeição como algo irrelevante ou indesejado, de modo que o tópico conversacional em questão seja avaliado negativamente. A seguir, ilustramos uma ocorrência de um Gesto de Espanar, retirada do nosso *corpus*:

Figura 17 - Gesto de Espanar



Gesto: Mão aberta palma lateral se movendo em um rápida torção de pulsos

01 eu sempre fui um cara sem GRAna nenhuma,
preparação | núcleo |

02 morando no subúrbio, (.)
retração

03 e fazendo teatro amador pra ganhar Nada né?

Fonte: Elaborada pela autora.

Os Gestos de Lançar, por sua vez, são aqueles em que a mão aberta com a palma direcionada para o lado oposto ao corpo do falante realiza um movimento descendente por meio da dobra do pulso. A mão está posicionada no espaço ao redor do corpo e se move do centro em direção à periferia superior. De acordo com Bressemer e Müller (2014, p. 1599), esses gestos podem ser utilizados em conjunto com a fala, mas também podem substituí-la. Além disso, os Gestos de Lançar desempenham funções pragmáticas e operam tanto sobre a fala quanto sobre o comportamento dos interlocutores.

Os Gestos de Lançar possuem uma motivação compartilhada semelhante à dos Gestos de Espanar: um espaço em torno do corpo livre e a remoção de objetos incômodos e indesejados. A diferença entre esses dois tipos de gesto está no formato das mãos e no que diz respeito aos objetos removidos: enquanto as ações dos Gestos de Espanar removem objetos pequenos, os Gestos de Lançar são utilizados para remover objetos um pouco maiores e com um formato arredondado, como quando nós lançamos uma bolinha de papel amassado na lixeira. Essas ações instrumentais servem para criar um espaço vazio ao redor do corpo do falante que é usado para marcar argumentos, ideias ou ações como desinteressantes e inúteis. De acordo com Bressemer e Müller (2014, p. 1599), o efeito da ação manual é o que motiva o sentido desses gestos. O tema semântico dos Gestos de Lançar consiste em remover, dispensar e se livrar de um tópico conversacional ao lançá-lo, metaforicamente, para longe do corpo. A limpeza do espaço ao redor do corpo, com esse tipo de gesto, acompanha uma qualificação dos objetos rejeitados como incômodos, ou seja, o tópico conversacional, além de ser rejeitado, é avaliado negativamente. A seguir, ilustramos esse gesto:

Figura 18 - Gesto de Lançar



Gesto: Mão aberta palma para fora se move ao longo de uma trajetória descendente
 01 <O apresentador faz uma piada da qual ninguém ri>
 02 não? TÁ;
Preparação | núcleo | retração

Fonte: Elaborada pela autora.

Uma análise linguística de formas e funções gestuais como essa, feita por Bressemer e Müller (2014), revela que os gestos da Família de Gestos de Afastar compartilham uma característica de movimento (para longe do corpo) e não de formato e orientação de mãos, como proposto por Kendon (2004). Além disso, as autoras (2014) descobriram que os gestos de afastar são motivados por diferentes tipos de ações reencenadas que têm em comum o efeito de manter objetos, entidades, ideias ou ações longe do corpo por meio das ações de varrer, barrar, espanar e lançar algo com as mãos. É esse efeito, de acordo com Bressemer e Müller (2014, p. 1600), que produz a motivação compartilhada pelos membros da Família de

Gestos de Afastar: um espaço em torno do corpo, livre de objetos, entidades, ideias ou ações considerados indesejados e incômodos.

Em suma, buscamos, com as discussões empreendidas neste capítulo, apresentar, inicialmente, um panorama mais geral dos estudos em gesto, partindo da abordagem pragmática proposta por Adam Kendon, até a perspectiva focada em aspectos de forma e função dos gestos, proposta por Cornelia Müller. Além disso, mobilizamos os conceitos de Gestos Recorrentes (LADEWIG, 2014) e de Famílias Gestuais (KENDON, 2004) e um estudo de Gestos de Negação já realizado no alemão (BRESSEM; MÜLLER, 2014) no sentido de construir uma base teórica consistente para abordarmos o objeto desta pesquisa, os Gestos de Negação. No próximo capítulo, serão apresentados os procedimentos metodológicos que adotamos para analisar as ocorrências de gestos de Negação em dados multimodais do PB.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, abordamos os procedimentos de coleta e análise de dados. Na primeira seção, detalhamos questões específicas dos procedimentos metodológicos de identificação e anotação dos Gestos de Negação adotados para este trabalho. A partir disso, apresentamos, na segunda seção, o *corpus* utilizado para a análise e descrevemos nossos critérios de coleta. Já na terceira seção, descrevemos os procedimentos de análise de dados.

4.1 Procedimentos metodológicos de identificação e anotação gestual

Explicar as nuances da produção de gestos no cotidiano é uma tarefa complexa, pois, assim como as palavras em um enunciado falado, os gestos constituem enunciados visíveis (KENDON, 2004), e desempenham diferentes funções ao mesmo tempo. Além disso, são multidimensionais, na medida em que cada dimensão da sua produção evoca uma propriedade semântica e/ou pragmática que guia seu sentido e sua função (PAYRATÓ; TEBENDORF, 2014, p. 1532). Por isso, uma análise como a descrita nesta dissertação requer procedimentos metodológicos que abarcam a complexidade envolvida na modalidade gestual da língua, assim como a correlação dessa modalidade com a verbal.

Nesse sentido, optamos por utilizar, para a anotação e análise dos gestos, o Sistema Linguístico de Anotação Gestual (LASG¹⁵), desenvolvido por Bressem, Ladewig e Müller (2013), com base nos Métodos de Análise Gestual (MGA¹⁶). O MGA oferece uma forma de reconstruir sistematicamente as propriedades fundamentais da criação de sentido de um gesto com base em aspectos formais, ao distinguir quatro blocos de construção: i) a forma; ii) a estrutura sequencial dos gestos em relação à fala e a outros gestos; iii) o contexto local de uso; iv) a distribuição do gesto em diferentes contextos de uso (BRESSEM; LADEWIG; MÜLLER, 2013, p. 1100).

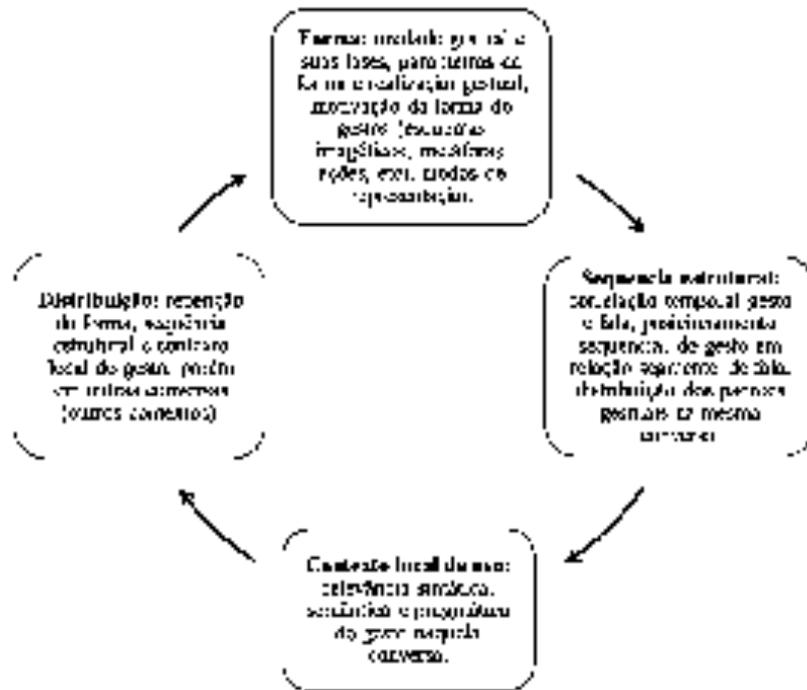
O MGA parte da ideia de que o sentido de um gesto emerge da interação refinada entre sua forma, sua posição sequencial e sua inserção em um contexto de uso. Esse sistema de análise gestual constitui-se como um sistema cíclico. Isso significa que as etapas de análise sugeridas pelo MGA não precisam ser seguidas na ordem em que aparecem (partindo da forma até a distribuição em contextos de uso). Cabe ao pesquisador, avaliando sua pergunta e

¹⁵*Linguistic Annotation System for Gesture*

¹⁶*Methods of Gesture Analysis*

seus objetivos de pesquisa, decidir por qual etapa iniciar a análise. A figura a seguir ilustra o MGA:

Figura 19 - Blocos de análise do MGA



Fonte: Elaborado por Barbosa (2020), com base em Müller (2019).

Já o Sistema Linguístico de Anotação Gestual, de acordo com Bressemer, Ladewig e Müller, (2013, p. 1100) abrange os três primeiros blocos do MGA (forma, posição sequencial, contexto local de uso) e os transforma em trilhas de anotação aplicáveis a ferramentas computacionais de anotação, como o ELAN¹⁷ (WITTENBURG et al. 2008). A estrutura do LASG parte dos aspectos formais dos gestos ao fazer uma descrição da estrutura gestual (unidade e fases) e da motivação das formas gestuais em termos de modos de representação, esquemas imagéticos, padrões de movimentos e ações. Em seguida, o sistema trata dos gestos em relação à fala, levando em conta um conjunto de níveis de descrição linguística (prosódico, sintático, semântico e pragmático).

Dessa forma, levando em conta a nossa pergunta de pesquisa: “Quais são as formas e funções recorrentes desempenhadas pelos Gestos de Negação em contextos comunicativos variados do PB (PB)?” e retomando nossos objetivos de (i) identificar as formas e funções gestuais que desempenham a função linguística e/ou pragmática de Negação no PB; (ii) descrever os parâmetros de forma e função dos gestos de Negação dentro da amostra de dados

¹⁷Abordamos as propriedades do ELAN com mais detalhes na seção 4.3.

selecionada para esta pesquisa; e (iii) documentar as formas e funções recorrentes e representativas dos Gestos de Negação na amostra de dados selecionada, utilizamos o LASG priorizando, além dos aspectos compreendidos pelos blocos 1, 2 e 3 do MGA, aspectos envolvidos na produção de gestos de Negação em contextos de uso distribuídos do PB, que compreendidos pelo bloco 4 do MGA. A seguir, abordamos detalhadamente cada parâmetro do LASG utilizado neste trabalho e suas descrições.

4.1.1 Determinando as unidades de análise (Bloco 1)

De acordo com Bressemer, Ladewig e Müller (2013, p. 1102), o primeiro bloco do sistema de anotação linguística tem como foco principal determinar as unidades de análise, sobretudo em diferentes níveis de complexidade de movimento, observáveis na execução de gestos. Nesse sentido, o Sistema Linguístico de Anotação Gestual, partindo dos estudos feitos por Adam Kendon, compreende que os gestos exibem uma estrutura frasal que pode ser dividida em uma sucessão de diferentes fases gestuais e, desse modo, concentra-se em dois aspectos principais de movimento: as unidades gestuais e as fases gestuais.

Com esses dois aspectos, o LASG estabelece a base de todas as anotações do Sistema. As unidades gestuais funcionam como o nível mais amplo da segmentação gestual. Por outro lado, as fases gestuais constituem o nível mais estrito da segmentação gestual e compõe uma unidade de referência para todas as anotações seguintes. A anotação das fases e unidades gestuais especifica a relação exata entre os gestos e unidades do fluxo de fala e fornece um primeiro acesso à organização temática da conversação, podendo, assim, ser útil para a anotação das relações semânticas e funcionais entre gesto e fala (BRESSEMER, LADEWIG E MÜLLER, 2013, p. 1103).

4.1.2 Parâmetros de forma (Bloco 1): Orientação das mãos

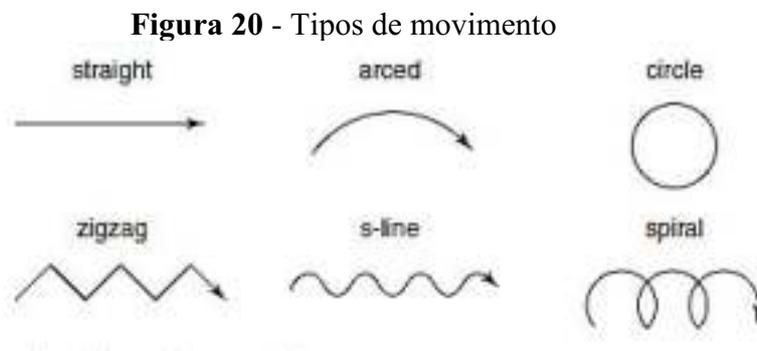
Após determinarmos as unidades de análise, partimos para a anotação de aspectos formais dos gestos, partindo do parâmetro de orientação das mãos. A anotação da orientação das mãos depende tanto da orientação da palma, quanto do espaço gestual. Desse modo, de acordo com Bressemer (2013, p. 1087), o procedimento deve envolver a distinção entre a orientação da palma e a orientação das mãos em relação ao espaço gestual. Para caracterizar a orientação das palmas, quatro ângulos básicos são propostos pela autora (2013, p. 1087): i) palma para cima; ii) palma para baixo; iii) palma lateral; iv) palma vertical (MCNEILL,

1992). Para diferenciar esses quatro ângulos básicos e marcar uma possível orientação intermediária entre eles, Bresse (2013, p. 1087) acrescenta o ângulo “diagonal”.

Com relação ao espaço gestual, a autora (2013, p. 1088) distingue quatro tipos: i) em direção ao centro; ii) para fora do centro; iii) em direção ao corpo; iv) para fora do corpo. A anotação do parâmetro “orientação das mãos” deve ser sempre a combinação entre a anotação da (1) orientação das palmas e a (2) anotação do espaço gestual (palma vertical (1) fora do copo (2), por exemplo). Entretanto, Bresse (2013, p. 1088) aponta ainda que, caso seja necessário, uma anotação da orientação dos dedos pode ser adicionada à anotação da orientação das mãos.

4.1.3 Parâmetros de forma (Bloco 1): Movimento

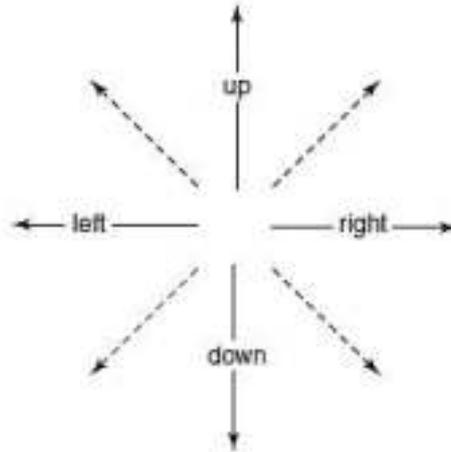
O parâmetro de movimento é considerado um dos mais complexos do sistema, pois envolve três aspectos distintos: tipo, direção e qualidade de movimento. O parâmetro “tipo de movimento” dá conta da forma do padrão de movimento e Bresse (2013, p. 1088) elenca seis tipos básicos, ilustrados abaixo: i) movimento reto; ii) movimento arqueado; iii) movimento circular; iv) movimento em espiral; v) movimento em zigzag e vi) movimento em linha-S.



Fonte: Bresse (2013, p. 1088).

Após a descrição do tipo de movimento, é necessário especificar os padrões de movimento de acordo com a direção. No que diz respeito aos movimentos de braços, ombros e dedos, três direções principais são distinguidas (BRESSEM, 2013, p. 1089): i) movimentos ao longo do eixo horizontal (para a esquerda e para a direita); ii) movimentos ao longo do eixo vertical (para cima e para baixo) e iii) movimentos ao longo do eixo sagital (em direção ao corpo ou para fora do corpo). A figura a seguir ilustra esse parâmetro:

Figura 21 - Direção do movimento ao longo dos eixos vertical, horizontal e diagonal



Fonte: Bresseem (2013, p. 1089).

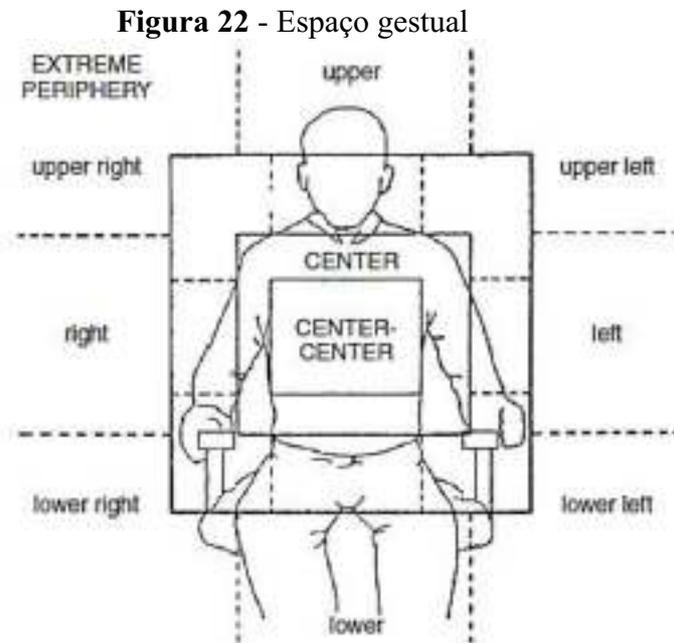
Além disso, outros aspectos de direção de movimento, como movimentos circulares ou em espiral, podem ser considerados (BRESSEM, 2013, p. 1089). Os movimentos circulares podem ser distinguidos em termos de sentido horário ou anti-horário e os movimentos em espiral podem ser descritos em relação à direção em um dos quatro eixos (esquerda, direita, para cima e para baixo).

O aspecto “qualidade do movimento”, por sua vez, dá conta de outras distinções relacionadas ao padrão de movimento, como: i) tamanho (reduzido ou ampliado); ii) velocidade (acelerada, desacelerada) e iii) fluxo do movimento (acentuado ou fraco). De acordo com Bresseem (2013, p. 1090), esse aspecto diz respeito à marcação dos movimentos, ou seja, um movimento é marcado a partir do momento em que se destaca em relação a outros movimentos devido a uma saliência particular de uma das propriedades qualitativas. Um movimento acentuado, por exemplo, tem o ponto final marcado, pois é realizado com uma força maior. Isso leva a um aumento de intensidade ao final da execução do movimento (BRESSEM, 2013, p. 1089). Na trilha de análise que elaboramos para aplicar no ELAN, todos os aspectos desse parâmetro estão compreendidos pelas categorias “preciso” e “impreciso”.

4.1.4 Parâmetros de forma (Bloco 1): Posição espacial

No que diz respeito ao parâmetro “posição”, o LASG baseia-se no conceito de espaço gestual, introduzido por McNeill (1992), que divide esse espaço em quadrados concêntricos. Desse modo, de acordo com Bresseem (2013, p. 1091), quatro setores básicos são distinguidos:

“centro-centro”, “centro” “periferia” e “periferias extremas”, que são diferenciadas de acordo com as categorias “em cima”, “embaixo”, “à esquerda”, “à direita”, como pode ser observado na figura a seguir:



Fonte: McNeill (1992 *apud* BRESSEM, 2013, p. 1091).

A autora (2013, p. 1091) argumenta que essa descrição do espaço gestual é suficiente para uma caracterização básica da posição das mãos e pode ser utilizada para uma primeira descrição formal de gestos. Entretanto, se o pesquisador tem como objetivo uma descrição mais detalhada da posição espacial dos gestos, um modelo tridimensional do espaço gestual pode ser mais apropriado. É nesse sentido que Bressemer (2013, p. 1091) apresenta o modelo proposto por Fricke (2005, 2007 *apud* BRESSEM, LADEWIG e MÜLLER., 2013, p. 1091) no qual quatro dimensões espaciais dos gestos são propostas: i) 0 = próprio corpo do falante; ii) 1 = distância próxima do corpo; iii) 2 = distância média do corpo, e iv) 3 = distância longa do corpo.

Em suma, a anotação do parâmetro “posição espacial” envolve dois passos: a descrição dos setores espaciais básicos e de suas propriedades e, caso o pesquisador julgue necessário, a aplicação do modelo tridimensional de Fricke (2005, 2007 *apud* BRESSEM, LADEWIG e MÜLLER., 2013, p. 1091) para uma análise mais detalhada.

4.1.5 Motivação das formas (Bloco 1): padrões de movimento, Esquemas Imagéticos e ações subjacentes

O próximo passo previsto pelo bloco 1 do LASG é a anotação de aspectos motivacionais. Nesse sentido, o LASG engloba os processos semióticos básicos envolvidos na criação dos gestos, a fim de explicar o que as mãos fazem quando os realizam (BRESSEM, LADEWIG, MÜLLER, 2013, p. 1104). Diversos estudos sobre gestos, incluindo os já abordados anteriormente, demonstraram, ao longo do tempo, que os gestos exploram padrões motores de ações cotidianas, evocam padrões esquemáticos ou geométricos, e utilizam estruturas cognitivas imago-esquemáticas básicas. Desse modo, o Sistema Linguístico de Anotação Gestual considera que com os gestos nós vemos e experienciamos a base corporificada do sentido verbal.

Identificar a motivação de um gesto é um passo crucial para a reconstrução e explicação de característica de forma, sentido e função de um gesto. Nesse sentido, o LASG focaliza aspectos como padrões de movimento, Esquemas Imagéticos e ações subjacentes.

Os Esquemas Imagéticos constituem, de acordo com Cienki (2013, p. 190), importantes ferramentas que utilizamos para conceptualizar, absorver informações e reconhecer aspectos físicos do mundo que percebemos. Por serem baseados em nossa percepção visual, em movimentos motores e no manuseio de objetos, os esquemas imagéticos estruturam de maneira coerente a nossa experiência ao operarem no nível pré-conceptual (BRESSEM, LADEWIG, MÜLLER, 2013, p. 1105). Os Esquemas Imagéticos existem em todas as modalidades perceptuais e são, ao mesmo tempo, auditivos, cinestésicos e táteis. Por essa razão, de acordo com Bressemer, Ladewig e Müller, (2013, p. 1105), eles estão na base da criação e do sentido dos gestos. O quadro a seguir apresenta exemplos de Esquemas Imagéticos.

Quadro 3 - Classificação dos esquemas imagéticos

Recipiente	Um recipiente tem um limite que separa um interior de um exterior. Pode conter coisas. Podemos ser contidos (por exemplo, numa sala), e nossos próprios corpos são recipientes.
Ciclo	Um ciclo começa por uma sequência de eventos conectados, e retorna ao estado original para reconeçar. Vivenciamos ciclos por meio do tempo na natureza e nas nossas vidas.
Força	A força implica geralmente uma extensão de força física em uma ou mais direções. Podemos vivenciar a forças em termos de conquistas, atrações, bloqueios ou capacitações.
Objeto	Um objeto é uma coisa material que podemos ver e tocar. Podemos pensar num objeto como item discreto.
Trajectoria	Uma trajetória é uma rota para locomover-se de um ponto de partida a um ponto de chegada. Podemos seguir uma trajetória existente ou criar uma trajetória a partir da nossa locomoção própria.

Fonte: Cienki (2005) traduzido por Pinheiro (2017).

Outra peça importante no processo de compreensão da motivação de um gesto, de acordo com as autoras (2013, p. 1106), corresponde às ações cotidianas nas quais o sentido e a função gestual estão fundamentadas. Frequentemente, gestos constituem-se como reencenações de ações do cotidiano, o que ancora as ações comunicativas dos gestos em ações do mundo real. Nesse processo de derivação, que parte de ações do dia-a-dia em direção ao sentido gestual, os gestos selecionam e recombina aspectos perceptualmente salientes a elementos distintivos de uma ação. Assim, ao serem metonimicamente ligados a uma ação, os gestos evocam elementos dessa ação e os utilizam em diferentes propósitos comunicativos. Esse processo pode ser exemplificado pelo uso do Gesto de Barrar, cujo sentido é baseado no efeito de manter o espaço corporal livre, alcançado por meio da ação de empurrar ou manter um objeto longe. Desse modo, a base corporificada concreta de um gesto se torna visível na sua forma.

4.1.6 Anotação da fala (Bloco 2)

O segundo bloco do Sistema Linguístico de Anotação Gestual compreende a anotação da fala e, para isso, oferece duas possibilidades de anotação: o segmento de fala que co-ocorre com um determinado gesto pode ser anotado em termos de turnos de fala ou de unidades entonacionais. Em ambos os casos, a fala é transcrita de acordo com as convenções do

GAT2¹⁸ (SELTING, et al., 2011), um sistema de transcrição desenvolvido por um grupo de pesquisadores alemães da Linguística Interacional e da Análise da Conversa. No sentido de conferir às análises uma maior precisão, decidimos realizar a anotação da fala com base nas unidades entonacionais.

Com base na definição, proposta por Chafe (1994, p. 57), de unidade entonacional como uma sequência de palavras, geralmente precedida por uma pausa, combinadas em um contorno entonacional único e coerente, o LASG oferece a possibilidade de anotação da fala com base em unidades entonacionais devido a três motivos principais: i) as unidades entonacionais não são primariamente dependentes de unidades sintáticas de um enunciado verbal e, desse modo, são caracterizadas e identificadas em termos de uma variedade de critérios baseados em aspectos formais; ii) as unidades entonacionais podem conter mais de um acento primário, o que é muito importante quando consideramos sequências de gestos; iii) as unidades entonacionais constituem uma unidade de processamento linguístico e mental que verbaliza o que está presente na consciência do falante no momento em que ele fala ou realiza um gesto.

4.1.7 Parâmetros estruturais e funcionais (Bloco 3): a relação gesto-fala do ponto de vista semântico e pragmático

No que diz respeito à documentação de aspectos estruturais e funcionais da realização de gestos em relação à fala, o LASG engloba parâmetros que vão desde a anotação de funções sintáticas, até a anotação de padrões relacionados a questões pragmáticas, como atos de fala, por exemplo. Nesta pesquisa, entretanto, interessa-nos, especificamente, descrever os aspectos semânticos e pragmáticos da relação entre os Gestos de Negação e enunciados verbais do PB. Nesse sentido, decidimos fazer a anotação dos seguintes parâmetros: as classes das palavras que co-ocorrem com os gestos, a posição temporal dos gestos em relação à fala e a relação e as funções semânticas e pragmáticas que os gestos desempenham no discurso.

O LASG propõe a anotação da classe de palavras do enunciado falado que co-ocorre com o gesto, pois, segundo Bressen, Ladewig e Müller (2013, p. 1109), essa anotação fornece a base necessária para determinar a relevância do gesto na criação do sentido multimodal do enunciado. Além disso, de acordo com as autoras (2013, p. 1109), anotar a

¹⁸ *Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem* (Sistema de Transcrição para Análise da Conversa).

classe de palavra do enunciado falado é necessário para analisar o grau de integração entre o gesto e a fala.

Ao incluir aspectos semânticos relacionados à fala, o LASG parte do conceito de coexpressividade, proposto por McNeill (1992, 2008 *apud* BRESSEM; LADEWIG; MÜLLER, 2013, p. 1110), considerando que gesto e fala expressam, de maneiras distintas, a mesma ideia. Nesse sentido, de acordo com Bressem, Ladewig e Müller, (2013, p. 1111), a posição temporal do gesto em relação à fala corresponde a um fator que determina o sentido local do gesto. O Sistema Linguístico de Anotação Gestual distingue três posições temporais do gesto em relação à fala: i) relação pré e –pós fala, isto é, a combinação linear entre gesto e fala, na qual o gesto pode anteceder ou suceder um segmento da fala que é coexpressivo ao núcleo gestual; ii) relação simultânea ou paralela, ou seja, a combinação na qual o gesto é realizado em uma sobreposição temporal com a fala e iii) gesto isolado, relação na qual o gesto não possui nenhuma contraparte falada direta, mas ocorre durante pausas do discurso ou lacunas sintáticas.

Com base na anotação da posição temporal do gesto, o LASG parte para a relação semântica entre gesto e fala. Nesse sentido, Bressem, Ladewig e Müller, (2013, p. 1111) distinguem quatro tipos de relações semânticas: i) redundante, quando a forma gestual combina exatamente as mesmas propriedades semânticas que a fala e, assim, corresponde ao esquema imagético ou à ação subjacente do segmento de fala que é coexpressivo ao gesto; ii) complementar, quando gesto e fala não possuem as mesmas motivações semânticas, mas os gestos contribuem para as propriedades semânticas da fala, e, conseqüentemente, para a coexpressividade; iii) contrária, quando gesto e fala carregam propriedades semânticas contrárias e iv) de substituição, quando gestos são utilizados sem a fala.

Partindo da anotação das relações semânticas entre gesto e o segmento coexpressivo de fala, o LASG sugere a anotação da função semântica do gesto em relação ao enunciado verbal. Para isso, o sistema categoriza as funções semânticas em: i) função de enfatizar, quando o gesto expressa uma relação de redundância com a fala; ii) função de modificar, quando o gesto expressa uma relação de complementação em relação à fala; iii) função de acrescentar, quando o gesto carrega propriedades semânticas contrárias à fala; iv) função de substituir, quando o gesto expressa uma relação contrária na ausência da fala. Em suma, os gestos podem ilustrar ou enfatizar o que foi enunciado verbalmente, modificar ou substituir o sentido verbal (BRESSEM; LADEWIG; MÜLLER, 2013, p. 1112).

Quando olhamos para os gestos, não podemos ignorar a maneira como eles estão inseridos nos enunciados verbais. De acordo com Müller (2013, p. 212), gestos realizados em

conjunto com a fala não podem ser entendidos apenas como elementos de um sistema de sinais que podem ser analisados fora de contexto, pois estão integrados com os enunciados com os quais co-ocorrem. Os gestos, enquanto parte constitutiva da fala desempenham as chamadas funções pragmáticas (MÜLLER, 2013, p. 212).

Nessa perspectiva, Bressemer, Ladewig e Müller, (2013, p. 1113) apontam, partindo do ponto de vista teórico dos atos de fala (AUSTIN, 1962; SEARLE, 1969), que os gestos realizam atos de fala e contribuem para os atos de fala verbais de maneiras variadas. Como abordado anteriormente, alguns gestos expressam primariamente um conteúdo proposicional, outros performam uma força ilocucionária, enquanto outros possuem um efeito sobre a força perlocucionária dos atos de fala verbais. De acordo com as autoras (2013, p. 1113), apesar de alguns gestos serem mais aptos a realizarem atos de fala do que outros, todos, em geral, performam atos de fala, independentemente do tipo. Desse modo, Bressemer, Ladewig e Müller, (2013, p. 1112) afirmam que essa etapa da anotação pode fornecer informações importantes a respeito do contexto local de uso e da construção do sentido local dos gestos.

Desse modo, como nossa pergunta de pesquisa tem como foco os aspectos não somente formais, mas também funcionais dos Gestos de Negação no PB, decidimos, nessa etapa, dedicar maior atenção ao parâmetro de função pragmática. Assim, retomamos as quatro funções pragmáticas propostas por Kendon (2004) e já mencionadas no Capítulo 3 desta dissertação: i) função operacional, quando o gesto assume função de operador em relação ao enunciado falado; ii) função performativa, quando o gesto marca a força ilocucionária de um enunciado, ao indicar um pedido, uma pergunta ou uma recusa, por exemplo; iii) modal, quando o gesto indica um *frame* de interpretação e marca a postura do falante diante do conteúdo proposicional do enunciado, ao qualificar algo como negativo ou óbvio, por exemplo, e iv) analítica, quando o gesto contribui para a marcação de aspectos da estrutura do discurso falado (BRESSEMER; STEIN; WEGENER, 2015).

Nesse sentido, como o Sistema Linguístico de Anotação é uma ferramenta que parte da forma e, no que diz respeito aos aspectos funcionais semânticos e pragmáticos, considera questões mais relacionadas ao contexto local de uso dos gestos, decidimos expandir a análise até o que é proposto no bloco 4 do MGA, no sentido de investigar o uso dos Gestos de Negação em contextos mais distribuídos do PB, a fim de avaliar a influência do contexto na determinação do sentido específico desses gestos.

Desse modo, com vistas a realizar a análise multimodal de ocorrências de Gestos de Negação no PB, selecionamos um total de 53 trechos pertencentes a contextos de uso variados. Nosso *corpus* consiste em trechos de vídeos de conferências TED, narrativas,

discursos jornalísticos e entrevistas. A variedade de amostras que compõe o nosso *corpus* foi pensada para que pudéssemos identificar e analisar ocorrências de gestos de Negação em contextos de usos diferentes do PB e, desse modo, evitar possíveis generalizações equivocadas.

Na seção a seguir, apresentaremos com mais detalhes as ocorrências que compõem o *corpus* desta pesquisa e os procedimentos adotados para coletá-las.

4.2 Procedimentos de coleta dos dados

Nesta pesquisa, analisamos 53 ocorrências de Gestos de Negação que compõem o total de 25 minutos de dados audiovisuais. As primeiras dez ocorrências coletadas são provenientes de quatro conferências TED¹⁹ disponíveis no canal do YouTube “TEDxTalks”. Além disso, trinta ocorrências foram coletadas da biblioteca de dados multimodais *Distributed Little Red Hen Lab*. Coletamos, ainda, treze ocorrências de gestos de Negação em contextos de interação face-a-face, no sentido de avaliar melhor o uso pragmático desses gestos.

Todas as ocorrências coletadas são trechos de interações situadas em contextos semi-institucionais. Isso significa que as ocorrências são parte de programas de televisão e conferências TED que, apesar de estarem situadas em um cenário institucional caracterizado pela formalidade de um estúdio de TV e por uma produção roteirizada, apresentam traços de interações espontâneas informais e cotidianas, pois, nesses programas e conferências, existe um aspecto imprevisível, já que, mesmo com a existência de um *script*, não é possível prever, de maneira absoluta, como os participantes vão conduzir a interação.

A coleta dos vídeos abrigados no *Red Hen* foi feita a partir do uso de palavras-chave de Negação na ferramenta de busca do banco de dados. No que diz respeito às demais ocorrências, como não havia a possibilidade de coletarmos a partir de palavras-chave de negação, decidimos partir do critério de coleta mais produtivo ao qual tínhamos acesso, ou seja, o padrão de movimento de gestos recorrentes de negação já catalogados em outras línguas, como os gestos da Família de Gestos de Afastar, sintetizados no quadro a seguir:

¹⁹ Acrônimo de *Technology, Entertainment, Design*

Quadro 4 - Família De Gestos de Afastar

	<p style="text-align: center;"><i>Gesto de Varrer</i></p> <p>Características de forma: mão(s) aberta(s), palma(s) para baixo, movimento lateral e horizontal para fora.</p> <p>Expressa: Negação (rejeição de tópicos conversacionais por meio do movimento de “limpar uma superfície” do centro para a periferia, para que eles sejam excluídos da interação e, desse modo, negados)</p>
	<p style="text-align: center;"><i>Gesto de Barrar</i></p> <p>Características de forma: mão(s) aberta(s), palma(s) na vertical direcionada para longe do corpo do falante e mantido para fora.</p> <p>Expressa recusa ou interrupção de tópicos conversacionais indesejados.</p>
	<p style="text-align: center;"><i>Gesto de Espanar</i></p> <p>Características de forma: mão(s) relaxada(s), palma(s) direcionadas para fora do corpo, num movimento de rápida torção dos pulsos.</p> <p>Expressa: avaliação negativa (remoção de um tópico conversacional indesejado + a avaliação desse tópico como “incômodo”)</p>
	<p style="text-align: center;"><i>Gesto de Lançar</i></p> <p>Características de forma: mão(s) aberta(s) relaxada(s), palma(s) direcionadas para fora do corpo, num movimento de flexão dos pulsos.</p> <p>Expressa: avaliação negativa (remoção de um tópico conversacional indesejado + a avaliação desse tópico como “incômodo”)</p>

Fonte: Adaptado de Bressemer e Müller (2014).

Os membros dessa família fazem parte de um repertório de dezesseis Gestos Recorrentes com função pragmática para falantes de alemão, elaborado por Bressem e Müller (2014). Os procedimentos metodológicos de análise adotados pelas autoras (2014) na elaboração desse repertório serviram como base para os procedimentos de análise desta pesquisa, uma vez que um dos nossos objetivos é dar início à construção de um Repertório de Gestos próprio para o PB. Sendo assim, realizamos a coleta a partir de uma pré-seleção indutiva, no sentido de identificar previamente possíveis gestos recorrentes com função pragmática de negação, excluindo, assim, gestos dêiticos ou referenciais, ou seja, gestos que, a princípio, não desempenham funções pragmáticas. Após refinar essa seleção, os gestos encontrados foram descritos de acordo com o que é previsto no LASG.

É importante ressaltar que, apesar de termos realizado a coleta com base em padrões pré-estabelecidos, esperávamos ainda encontrar ocorrências diferentes em contextos verbo-gestuais específicos do PB e, como é possível observar no capítulo seguinte, isso de fato ocorreu.

4.2.1 Ocorrências coletadas das conferências TED

As conferências TED consistem em palestras que duram, em média, vinte minutos, e são amplamente divulgadas na internet. Lideradas por especialistas que tratam de assuntos diversos, essas conferências são pensadas para promover a disseminação de ideias. Como abordado anteriormente, esse tipo de conferência, geralmente, configura um contexto semi-institucional, uma vez que, apesar de serem conferências e, como tais, constituírem um discurso institucional, elas são diferentes de uma conferência acadêmica, por exemplo, devido ao caráter pessoal e muitas vezes afetivo do conteúdo que veiculam. As conferências TED com as quais trabalhamos nesta pesquisa tratam de aspectos relacionados ao lugar da mulher na sociedade brasileira, sob diferentes olhares.

Na primeira conferência, intitulada “Como sair do piloto automático”, a antropóloga Angela Domingos Peres explora, a partir da perspectiva feminina, novas formas de olhar e pensar a vida. Já em “Acredite: você é perfeita”, a comunicóloga Jessica Tauane questiona os padrões opressores de beleza e aborda a necessidade de desconstruí-los. Na terceira palestra que selecionamos, intitulada “Chega de fiu fiu! Cantada não é elogio”, a jornalista Juliana de Faria aborda o assédio sexual e a violência contra a mulher. Por fim, na conferência intitulada “A mulata que nunca chegou”, a influenciadora digital Nátaly Neri aborda questões relacionadas ao racismo e à objetificação da mulher negra.

Como critério inicial de seleção das palestras, utilizamos os temas das conferências: todas elas tratam de dinâmicas sociais que precisam ser repensadas e desconstruídas e, por isso, julgamos, em um primeiro momento, que esses discursos poderiam conter uma produção significativa de enunciados verbais e formas gestuais de Negação. Além disso, utilizamos, como critério de coleta de trechos específicos de vídeo, a configuração das mãos dos falantes, com base nos estudos de Gestos de Negação, já realizados em outras línguas, descritos no capítulo anterior. Selecionamos, então, dez ocorrências provenientes dessa primeira amostra de dados.

4.2.2 Ocorrências coletadas no Red Hen

O *Distributed Little Red Hen Lab* é uma base de dados que consiste em uma biblioteca de notícias internacionais mantida pela Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). Atualmente, o banco de dados conta com cerca de 350 mil horas de gravações de notícias em uma variedade crescente de línguas, incluindo o PB. Além de notícias, o *Red Hen* inclui, ainda, gravações de entrevistas, conferências, propagandas etc.. A biblioteca de dados é dirigida conjuntamente pelos professores Francis Steen (UCLA) e Mark Turner (*Case Western Reserve University*). No Brasil, o banco de dados é coordenado por Maíra Avelar (UESB), Lilian Ferrari (UFRJ) e Gustavo Guedes (CEFET-RJ).

Figura 23 - *The Distributed Little Red Hen Lab*



Fonte: <http://www.redhenlab.org/>

Coletamos da base de dados do *Red Hen* trechos de jornais, programas esportivos e de auditório. Para realizar essa coleta, elaboramos uma lista de dez palavras-chave com sentido de Negação para serem utilizadas na ferramenta de busca do banco de dados. A partir dos

resultados dessa busca, selecionamos, por meio do critério de busca por palavras-chave de Negação, trechos de vídeo em que havia a co-ocorrência da palavra com o gesto. Foram descartados os vídeos em que não havia realização de gesto ou que possuíam um enquadramento que prejudicava a visualização das mãos do falante. No quadro a seguir, apresentamos a lista de palavras-chave e o número de ocorrências encontradas:

Quadro 5 - Palavras-chave e número de ocorrências do *Red Hen*

Palavras-chave	Nº de ocorrências
Não	13
Nem	2
Nunca	2
Ninguém	2
Jamais	1
Nenhuma	1
Sem	1
Nada	1
Impossível	1
Desativar	1

Fonte: Elaborado pela autora.

Em seguida, assim como fizemos com o conjunto de dados das conferências TED, coletamos, a partir da observação da forma das mãos, mais cinco ocorrências encontradas no banco de dados do *Red Hen*. Desse modo, ao fim do processo de coleta, feito tanto a partir da busca por palavras-chave quanto com base na observação da configuração das mãos dos falantes, reunimos um conjunto de dados provenientes do *Red Hen*, composto por trinta ocorrências correspondentes a diferentes vídeos de diferentes entrevistas em *talk-shows* e programas de auditório.

Esses programas são caracterizados pelo fato de informarem e entreterem, pois, ao mesmo tempo em que, através de entrevistas, veiculam notícias sobre diversos assuntos, apresentam, como em uma conversa casual, trocas de opiniões entre os participantes (ILIE, 2001, p. 211). Além disso, em *talk-shows* e programas de auditório, os interlocutores geralmente executam o que é planejado previamente no roteiro, porém, nem toda a interação se desenvolve de acordo com o que foi roteirizado, uma vez que diversas decisões comunicativas são tomadas durante a conversação de modo que as expectativas dos interlocutores em relação ao evento comunicativo sejam correspondidas. Ilie (2001, p. 214) entende esse tipo de programa como interações faladas públicas que se constituem, ao mesmo tempo, como evento midiático e como prática social.

4.2.3 Ocorrências coletadas de Entrevistas em talk-shows e Rodas de Conversa televisionadas

No sentido de investigar a ocorrência de gestos de Negação em interações face-a-face, nos quais esses gestos apresentam o potencial de desempenhar funções pragmáticas, decidimos buscar por vídeos de entrevistas e de programas de roda de conversa. Para isso, utilizamos como critério a configuração das mãos dos falantes, uma vez que, de acordo com um estudo prévio feito no alemão (BRESSEM; MÜLLER, 2014), abordado no capítulo anterior e retomado, neste capítulo, por meio do

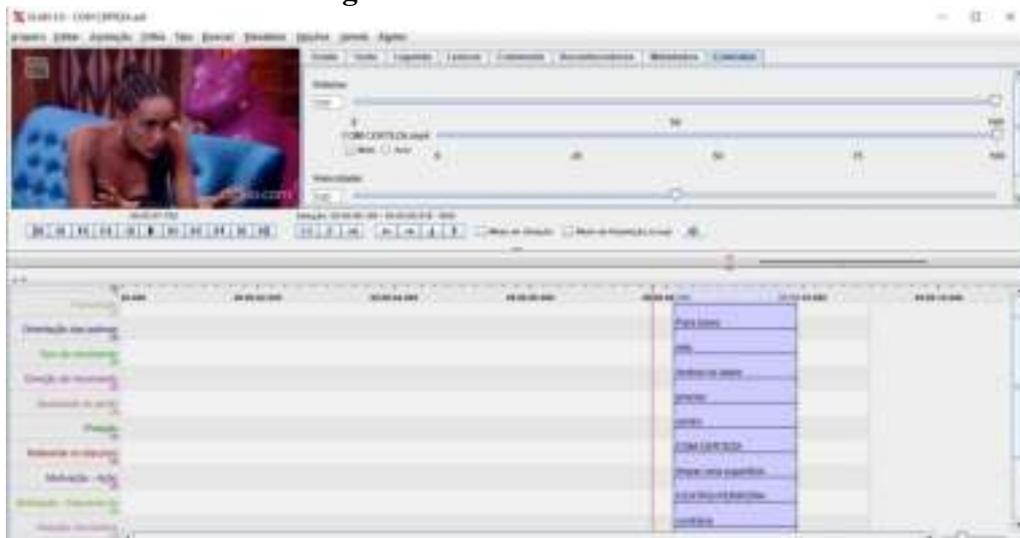
Quadro 4, os gestos de Negação, geralmente, são realizados com a mão aberta e a palma direcionada para baixo ou para fora do corpo do falante. Com isso em mente, selecionamos treze ocorrências provenientes de programas como o Programa do Porchat, o De frente com Gabi e o Saia Justa.

No caso dessas ocorrências, o contexto, assim como nas ocorrências descritas anteriormente, também possui um caráter semi-institucional. Desse modo, em entrevistas em *talk-shows* e rodas de conversa televisionadas, as respostas ou as opiniões emitidas pelos participantes já são, de certa forma, esperadas, porém, ao mesmo tempo, existe um aspecto espontâneo característico dessas interações, uma vez que não se sabe exatamente, de que maneira esses participantes vão responder ou reagir às perguntas ou aos comentários.

4.3 Procedimentos de análise de dados

Para realizar a análise das ocorrências multimodais descritas na seção 4.2, utilizamos o *software* ELAN versão 5.9 (SLOETDJES; WITTENBURGH, 2008). O ELAN é um *software* profissional que possibilita a criação de um número ilimitado de anotações textuais de gravações de vídeos e/ou áudios. Uma anotação pode ser constituída por uma palavra, uma sentença, um comentário, uma tradução ou uma descrição de qualquer característica de um conteúdo de mídia. Além disso, as anotações podem ser criadas em múltiplas camadas, chamadas de trilhas, sendo que cada trilha pode conter vocabulários controlados, ou seja, palavras que podem ser adicionadas pelo próprio pesquisador, e selecionadas de acordo com a ocorrência específica a ser analisada. A imagem a seguir ilustra a interface do ELAN:

Figura 24 - Interface do ELAN



Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse sentido, para analisar os nossos dados, criamos trilhas de anotação no ELAN, com base nos parâmetros de análise previstos o Sistema Linguístico de Anotação Gestual, descritos na seção 4.1. A seguir, ilustramos as trilhas criadas no ELAN e as descrevemos em conjunto com seus respectivos vocabulários controlados:

Figura 25 - Trilhas de análise criadas no ELAN

default (1)	Classe de palavra (1)
Transcrição (2)	Motivação - Ação (1)
Unidade entonacional (3)	Modo de representação (1)
Fases gestuais (4)	Motivação - Esquema Imagético (1)
Orientação das palmas (5)	Contexto de uso (1)
Tipo de movimento (6)	Posição temporal (1)
Direção do movimento (7)	Função do gesto (1)
Qualidade do movimento (8)	Relação Semântica (1)
Posição (9)	Função Semântica (1)
Referente no discurso (10)	Posição em turno (1)
	Função Pragmática (1)

Fonte: Elaborado pela autora.

Trilha 1: Transcrição textual

Trilha 2: Transcrição por unidade entonacional

Trilha 3: Fases Gestuais: Preparação, núcleo, retração

Trilha 4: Orientação das Palmas: Para cima, para baixo, vertical (foradocorpo), vertical (emdireçãoaocorpo) lateral, diagonal.

Trilha 5: Tipo de movimento: Movimento reto, movimento arqueado, movimento circular, movimento em espiral, movimento em zigzag, movimento em linha-S.

Trilha 6: Direção do Movimento: Para cima, para baixo, para esquerda, para direita, para frente, para trás, ambos os lados.

Trilha 7: Qualidade do Gesto: Preciso ou impreciso.

Trilha 8: Posição: Centro, periferia, periferia superior direita, periferia superior esquerda, periferia inferior direita, periferia inferior esquerda.

Trilha 9: Referente no Discurso: Anotação manual da porção do discurso com a qual o gesto ocorre

Trilha 10: Classe de palavra

Trilha 11: Motivação – Ação: Anotação manual da ação subjacente.

Trilha 12: Motivação – Modo de representação gestual: Encenar, Moldar, Desenhar, Representar

Trilha 13: Motivação – EI: Anotação manual do Esquema Imagético instanciado pelo gesto

Trilha 14: Contexto de uso: Anotação manual descritiva do contexto em que o gesto está sendo empregado.

Trilha 15: Posição temporal: pré-fala; pós-fala; simultânea; gesto isolado

Trilha 16: Função do Gesto: Referencial e pragmática

Trilha 17: Relação Semântica: Redundante, complementar, contrária, de substituição.

Trilha 18: Função Semântica: Enfatizar, modificar, acrescentar, substituir.

Trilha 19: Posição em turno: Começo, Meio e Final

Trilha 20: Função Pragmática: Operacional, Performativa, modal, analítica.

Assim como prevê o LASG, o primeiro passo que seguimos, após a criação das trilhas, foi assistir aos vídeos, em um primeiro momento, sem o som, no sentido de isolar o núcleo gestual (trilha 3), uma vez que a fase de núcleo constitui o foco de análise gestual, já que é nessa fase que o falante aplica um esforço maior de movimento. Por essa razão, o núcleo gestual é a fase mais significativa do gesto no que diz respeito às suas funções em relação à fala (CIENKI, 2017, p. 7). A seguir, utilizamos uma das ocorrências do nosso *corpus* para ilustrar as principais fases de uma unidade gestual, principalmente, a fase de núcleo:

Figura 26 - Fases de (1) Preparação (2) Núcleo (3) Retração



Fonte: Canal do YouTube do GNT.

Em seguida, ainda com o som do vídeo desligado, preenchemos as trilhas que dizem respeito aos parâmetros de forma gestual (trilhas 4, 5, 6, 7 e 8), no sentido de explicitar as propriedades de forma dos gestos para estabelecer um ponto de partida verificável para as interpretações envolvidas na anotação dos parâmetros seguintes (CIENKI, 2017, p. 7).

Após essas etapas iniciais, realizamos, com base no que propõem Bressemer e Müller (2014), o preenchimento das trilhas correspondentes aos parâmetros de motivação dos gestos

(trilhas 11 a 13). De acordo com as autoras, as estruturas imago-esquemáticas que, geralmente, estão envolvidas na realização dos Gestos De Afastar são CENTRO-PERIFERIA, FONTE-TRAJETÓRIA-ALVO e BARREIRA e, além disso, diferentes ações cotidianas funcionam como bases derivacionais para esses gestos. Entretanto, como nosso *corpus* é composto por formas gestuais de Negação bastante variadas, decidimos montar as trilhas relacionadas à motivação dos gestos de modo que pudessem ser preenchidas de maneira livre, ou seja, sem a marcação de vocabulários controlados.

Em seguida, realizamos a anotação de parâmetros relativos à fala. Por meio da transcrição das unidades entonacionais, seguindo as diretrizes do GAT2, foi possível marcar aspectos da fala que não ficam evidentes apenas com a transcrição textual tradicional e que, integrados com os gestos, nos fornece dados importantes.

Após essa etapa, partimos para o preenchimento das trilhas correspondentes aos aspectos funcionais dos gestos. Nesse sentido, preenchamos primeiro as trilhas 14, 15 e 16 que dizem respeito à descrição do contexto de uso, à posição temporal do gesto em relação à fala e à função do gesto, respectivamente. Na sequência, para facilitar a compreensão do leitor, decidimos adicionar o parâmetro mais geral de função do gesto, pois, como não assumimos, de início, que todas as ocorrências encontradas seriam de gestos com função pragmática, julgamos mais adequado anotar se a função que o gesto desempenha é i) referencial, quando estabelece uma relação semântica com o segmento de fala (palavra ou expressão) com o qual ele co-ocorre; ii) ou pragmática, quando o gesto está relacionado ao modo pelo qual o discurso é apresentado e administrado em uma situação interacional. Quando o gesto foi marcado como um gesto de função pragmática, passamos então para a trilha seguinte (trilha 20). Se o gesto foi marcado como um gesto com função referencial deixamos a trilha 20 vazia.

No capítulo seguinte, discutimos os resultados das análises.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Neste Capítulo, analisamos os dados provenientes das nossas amostras e discutimos os resultados das análises pautadas pelo LASG e pelo bloco 4 do MGA, mencionadas e explicadas no capítulo anterior. Em um primeiro momento, apresentamos a descrição de uma análise-piloto, realizada com o intuito de testar a funcionalidade das trilhas e dos parâmetros de forma e função gestual selecionados para análise. Em seguida, agrupamos os dados em Subfamílias Gestuais, analisando as ocorrências ilustrativas do nosso *corpus* de análise em contextos de uso específicos. Por fim, propomos um Repertório dos Gestos de Negação para o PB.

5.1 Análise-piloto: aplicação do Sistema Linguístico de Anotação Gestual (LASG)

Para a realização da análise-piloto selecionamos, do nosso *corpus*, quatro ocorrências de gestos que possuem propriedades de forma bastante distintas, para que pudéssemos avaliar, na prática, o funcionamento da trilha de análise criada no ELAN e, desse modo, adicionar ou descartar determinados parâmetros.

A ocorrência 1, utilizada na análise-piloto, ilustrada por meio da imagem a seguir, consiste na resposta da atriz Taís Araújo a uma pergunta sobre críticas em relação ao seu trabalho.

Figura 27 - Amostra ilustrativa da aplicação do LASG: ocorrência 1



Gesto: Mãos Abertas Palmas para baixo se movem do centro à periferia do espaço gestual

01 F1: e eu fiquei muito abaLAda (.)
 02 MUito abal[ada] com as críticas. Muito.
 03 F2: [é difícil mesmo]
 04 F1: MAS aí o que
 05 que cê aPREN:de (.)depois (.)
 06 porQUE isso VAi acontecer de novo; na minha carreira,
preparação
 07 com certeza vai acontecer porQUE: nossa carreira é assim
 | **núcleo** | **retração**

Fonte: Elaborada pela autora.

Durante essa resposta, a atriz realiza um Gesto de Varrer ao falar a expressão “com certeza”. Apesar de co-ocorrer com uma expressão de sentido positivo, esse gesto de Negação, ao desempenhar uma função operacional, expressa o caráter definitivo da resposta de Taís Araújo, ou seja, o fato de que ela sempre receberá críticas no decorrer da sua carreira não está aberto para discussão. Na seção de discussão, tratamos das particularidades dessa ocorrência com mais detalhes.

A ocorrência 30, por sua vez ilustrada abaixo, consiste em um trecho do programa da emissora de TV fechada GNT, “Que História é Essa, Porchat?”, no qual o apresentador Fábio Porchat convida famosos para contar histórias inusitadas de suas vidas.

Figura 28 - Amostra ilustrativa da aplicação do LASG: ocorrência 30



Gesto: Mãos Abertas Palmas para fora se movem em direção aos interlocutores.

01 F1: alguém foi LÁ (.) e não tinha nin[guém]

preparação

02 F2: [péra] pelo aMOR de deus que eu também

| núcleo | Suspensão Pós-núcleo

tenho uma histÓria assim?

retração

Fonte: Elaborada pela autora.

Nesse trecho, a atriz Cláudia Raia interrompe a história de outro convidado, afirmando que ela tem uma história parecida com a dele para contar. Assim, a atriz realiza um Gesto de Barrar com as duas mãos e os braços estendidos e sinaliza, de maneira enfática, a sua necessidade de falar. Essa ocorrência ilustra muito bem um Gesto de Barrar assumindo uma função performativa uma vez que a falante marca, por meio do gesto, a força ilocucionária do enunciado, indicando um pedido pra que seus interlocutores interrompam o que estão falando, para que ela possa falar.

Na ocorrência 40, ilustrada a seguir, o cantor Eduardo Costa, durante a reprodução de um dito que, segundo ele, sempre ouviu sua mãe contar, realiza um gesto da família de Mão Aberta Supinada com palma lateral (PL) (KENDON, 2004), que chamamos, aqui, de Gesto de

Retirar²⁰, em conjunto com uma porção do discurso na qual ele enuncia a expressão “não interessa”.

Figura 29 - Amostra ilustrativa da aplicação do LASG - ocorrência 40



Gesto: Mãos Abertas Palmas para Cima se movem numa trajetória descendente
 01 um leÃO e uma zebra (.)
 02 o leÃO acorda
 03 pra coMER
 04 e COrrre
 05 a ZEBra acorda pra correr e corre
 06 então não inteRE,ssa se você é o leão ou a zebra
preparação | núcleo | retração
 07 acorda CEdo e corre

Fonte: Elaborada pela autora.

Esse gesto não pertence à família de gestos de afastar, relacionados à Negação, porém, ao co-ocorrer com a expressão “não interessa”, o gesto veicula uma avaliação negativa implícita na indiferença expressa pelo falante diante de dois elementos distintos da história (o leão e a zebra).

Já o gesto realizado na ocorrência 33, ilustrada abaixo, configura-se como um Gesto de Barrar com função pragmática analítica. Durante uma participação no programa da Rede Globo, “Alta Horas”, o ator Reynaldo Gianecchini conta que, depois de sobreviver a um câncer, percebeu que precisava “se doar” mais e ajudar outras pessoas.

²⁰ Discutiremos essa nomenclatura com mais detalhes no decorrer deste Capítulo

Figura 30 - Amostra ilustrativa da aplicação do LASG: ocorrência 33



Gesto: Mão Aberta Palma para baixo se move Ao longo de uma de trajetória descendente

01 a ideia tomou muito mais CORpo Ser? Serginho quando eu: quando e?
depois que eu passei pelo meu tratamen:to

02 que eu recebi TANTo amor,
03 e eu falei CARa agora

preparação

04 NÃO dá MAIS (.)
|núcleo|

05 pra eu NÃO (.) me doar;
|Repetição| retração

Fonte: Elaborada pela autora.

Ao verbalizar o que, segundo ele, estava passando pela sua cabeça durante esse processo, ele enuncia a sentença “Não dá mais pra eu não me doar” e realiza um Gesto de Barrar com direção descendente e palma diagonal que marca o ritmo do seu enunciado falado. No decorrer deste Capítulo exploramos esse tipo de ocorrência com mais detalhes.

Na próxima seção, descrevemos qualitativamente a análise dos dados e apresentamos ocorrências ilustrativas de cada grupo de gestos encontrado no *corpus*.

5.2 Análise das ocorrências coletadas de Gestos de Negação

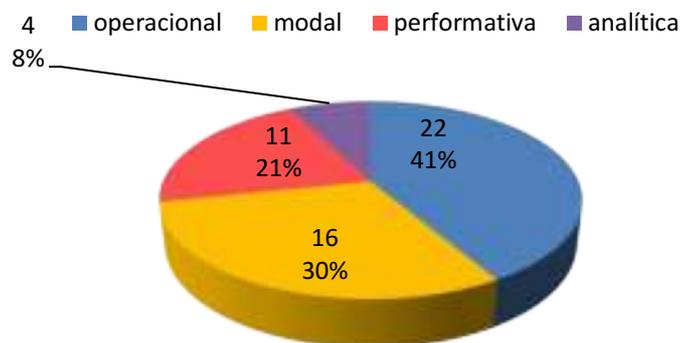
No sentido de organizar melhor a apresentação dos dados nesta dissertação, optamos por, na medida em que preenchemos as trilhas e categorizamos os gestos, agrupar as ocorrências de acordo com suas características de forma. Cada um dos 53 gestos que compõem a nossa amostra de dados foi analisado seguindo os parâmetros propostos pelo Sistema Linguístico de Anotação Gestual e, ainda, categorizados de acordo com as funções pragmáticas que desempenham nos contextos de uso em que são realizados.

Como detalhamos no capítulo anterior, ao categorizarmos as funções desempenhadas pelos gestos que compõem o nosso *corpus*, utilizamos três categorias: gestos que desempenham função referencial e gestos que desempenham funções pragmáticas. Após o preenchimento das trilhas e da distribuição das ocorrências nessas três categorias de função, chegamos ao seguinte resultado: todos os gestos analisados desempenham função pragmática,

o que confirma a nossa hipótese de trabalho (c. f. Introdução). De acordo com Kendon (2004, p. 158), gestos que desempenham funções pragmáticas possuem uma relação com propriedades do sentido de um enunciado que não são necessariamente parte do sentido referencial que esse enunciado carrega, nem do seu conteúdo proposicional. Nesse sentido, esses gestos podem servir como marcadores da força ilocucionária de um enunciado, como operadores semânticos e gramaticais, como marcadores de *frames* interpretativos e como marcadores do discurso falado. Dessa forma, os gestos que desempenham funções pragmáticas podem ser categorizados de acordo com quatro funções: performativa, operacional, modal e analítica (KENDON, 2016).

A partir desse primeiro resultado geral, de acordo com o qual todos os gestos que compõem o *corpus* desempenham uma função pragmática, as ocorrências foram, então, categorizadas de acordo com as funções específicas mencionadas anteriormente: operacional, performativa, modal e analítica. Dessa forma, como é possível observar no gráfico a seguir, a maior parte dos gestos analisados desempenha a função operacional, isto é, a maioria dos gestos analisados são gestos que, em relação com os enunciados verbais com os quais co-ocorrem, funcionam como operadores.

Gráfico 1 - Gestos de Negação no PB - Funções pragmáticas



Fonte: Dados de análise.

Dentre as ocorrências restantes, tivemos uma maior ocorrência (30%) de gestos com função modal e de gestos com função performativa (21%), e uma ocorrência muito pequena (8%) de gestos pragmáticos com funções analíticas. Esses resultados podem ser explicados pelo fato de que os gestos que compõem nosso *corpus* são considerados Gestos Recorrentes e, desse modo, são gestos que estão ligados, majoritariamente, a um conjunto de funções

operacionais, modais e performativas (MÜLLER, 2010 *apud* PAYRATÓ; TEßENDORF, 2014, p. 1534).

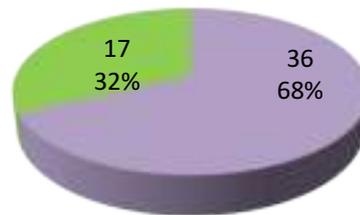
Como explicado detalhadamente no Capítulo 2, os Gestos Recorrentes são gestos que não alcançaram o mesmo grau de convencionalização e lexicalização dos chamados Emblemas. Tais Gestos são caracterizados por uma estreita relação com a fala, mas não são facilmente traduzíveis em palavras ou frases. Ainda assim, os Gestos Recorrentes, são, em certa medida, convencionalizados, pois demonstram padrões de forma e sentido que são amplamente compartilhados entre contextos e falantes de uma determinada cultura.

O sentido prototípico no qual esses padrões estão baseados emerge de uma convencionalização de diferentes tipos de contextos de uso locais, juntamente com a motivação corporificada de formas e movimentos corporais. Assim, o sentido central dos Gestos Recorrentes provém de uma ligação convencionalizada entre a forma gestual motivada pela corporificação e uma seleção específica de contextos de uso recorrentes (BRESSEM; MÜLLER, 2014, p. 1596).

Após a exclusão dos vídeos com possíveis ocorrências inconclusivas por questões de enquadramento ou pela ausência de gesto, notamos que as 53 ocorrências selecionadas estavam inseridas em dois contextos gerais de uso mais frequentes. O primeiro é o contexto em que o falante descreve uma situação ou narra uma história para espectadores simples (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 28), ou seja, o falante não conta com a presença de um interlocutor reconhecido no contexto imediato da interação. As ocorrências pertencentes a esse tipo de contexto foram categorizadas, na análise, como “Gestos do Espaço Narrativo”. O segundo é o contexto no qual o falante interage com interlocutor(es) reconhecido(s) (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 28), isto é, interlocutores que fazem oficialmente parte do grupo conversacional situado no contexto imediato da cena. As ocorrências situadas nesse contexto foram categorizadas, na análise, como “Gestos do *Ground*”. O gráfico a seguir mostra a distribuição geral das ocorrências nesses contextos.

Gráfico 2 - Gestos de Negação no PB - Distribuição em contextos de uso

■ GESTOS NO ESPAÇO NARRATIVO ■ GESTOS NO GROUND



Fonte: Dados de análise.

Nas subseções seguintes, realizamos as análises mais específicas de cada grupo de gestos, no sentido de detalhar o funcionamento de cada tipo de ocorrência nos contextos de uso especificados nesse gráfico.

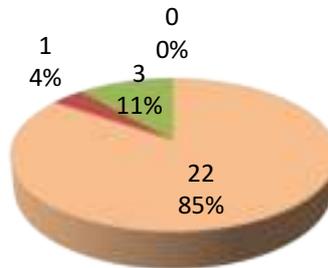
5.2.1 Análise das ocorrências de Gestos de Varrer [sweeping away]

Como discutido no Capítulo 3 desta dissertação, os Gestos de Varrer são Gestos Recorrentes realizados com a(s) mão(s) abertas e nos quais as palmas, direcionadas para baixo, são movidas lateral e horizontalmente para fora, com uma qualidade precisa de movimento. Nesse tipo de gesto, as mãos estão posicionadas no centro do espaço gestual.

Os Gestos de Varrer, de acordo com Bressemer e Müller (2014, p. 1597), são usados somente em conjunto com a fala e podem desempenhar as funções referencial ou pragmática. Entretanto, como dito anteriormente, todas as ocorrências analisadas nesta pesquisa desempenham função pragmática. Nesse sentido, como pode ser observado no gráfico a seguir, as ocorrências dos Gestos de Varrer foram categorizadas de acordo com as quatro funções pragmáticas já discutidas neste Capítulo (operacional performativa, modal e analítica):

Gráfico 3 - Gestos de Varrer - Funções pragmáticas

operacional modal performativa analítica



Fonte: Dados de análise.

Os Gestos de Varrer presentes no *corpus* desempenham, predominantemente, a função operacional (85%), a função performativa (11%) e a modal (4%). Isso indica que todas as ocorrências desses gestos analisadas funcionam como o que Teßendorf (2014, p. 1544) considera como gestos performativos, ou seja, gestos que operam de alguma maneira no discurso falado (funções operacional e modal) e gestos que regulam o comportamento tanto do falante quanto dos seus interlocutores (função performativa). Na sequência, apresentamos ocorrências ilustrativas de Gestos de Varrer desempenhando cada uma dessas funções.

A ocorrência 13, ilustrada abaixo, consiste em um trecho retirado do programa da emissora de TV a cabo GNT, “Que História é Essa, Porchat?”. Nesse trecho, a atriz Cláudia Raia narra um momento de sua carreira em que foi, sem ninguém saber, fazer um teste para a personagem “Engraçadinha”, de Nelson Rodrigues.

Figura 31 - Representação multimodal da ocorrência 13

Gesto: Mãos Abertas Palmas para Baixo se movem do centro à periferia
 01 fui chamada pra fazer a engraçadinha
 02 na verdade eu fui fazer (.) o TESte porque o Manga que era o diretor geral
 03 NÃO me queria,

preparação

|núcleo|

04 porque achava que eu era comediante, (.)

retração

05 e que eu não podia fazer um papel dramático da força (.) do Nelson Rodrigues,

Fonte: Elaborada pela autora

De acordo com a atriz, ela teve que fazer o teste sem ninguém saber porque o diretor da peça já a havia recusado mesmo sem ela ter feito nenhuma audição. Ao enfatizar que o diretor não a queria para o papel, a atriz realiza um Gesto de Varrer com função operacional que carrega um de seus sentidos prototípicos, pois expressa uma Negação, por parte do diretor, da possibilidade de Claudia Raia interpretar a “Engraçadinha”.

Já a ocorrência 26, apresentada a seguir, foi retirada de uma conferência TED sobre padrões de beleza opressores, realizada pela jornalista Jéssica Tauane. Nesse trecho da conferência, a palestrante aborda a necessidade de pararmos de dar atenção aos ideais de beleza das revistas e começarmos a “olhar para nós mesmas”.

Figura 32 - Representação multimodal da ocorrência 26



Gesto: Mãos Abertas Palmas para Baixo se movem do centro á periferia

01 PPara de mirar na revista (.)e mira no espelho-

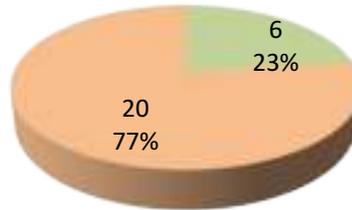
prep. |núcleo| retração

Fonte: Elaborada pela autora

Essa ocorrência consiste em um Gesto de Varrer com função performativa, pois a falante regula por meio do gesto, uma determinada ação do seu interlocutor ao marcar a força ilocucionária do seu enunciado, que indica um ato diretivo para que uma determinada linha de ação (nesse caso, a comparação que fazemos da nossa aparência com o que é mostrado nas revistas) seja interrompida.

Gráfico 4 - Gestos de Varrer - Contextos de uso

■ GESTOS NO GROUND ■ GESTOS NO ESPAÇO NARRATIVO



Fonte: Dados de análise.

O discurso narrativo instanciado por esse tipo de ocorrência configura um espaço narrativo e, dessa forma, permite que os interlocutores explorem pontos de vista situados em um espaço diferente do da cena imediata das interações.

Apesar de, como descrevemos anteriormente, a maioria dos Gestos de Varrer do nosso *corpus* estar situada em contextos nos quais o falante narra uma história, encontramos algumas ocorrências desses gestos situadas em contextos comunicativos do *Ground*, nos quais o falante estabelece uma interação direta com um ou mais interlocutores presentes no contexto imediato da cena. A seguir, ilustramos esse tipo de ocorrência

Figura 34 - Representação multimodal da ocorrência 6



Gesto: Mãos Abertas Palmas Diagonal se movem do centro à periferia

01 F1: boa noite Lidiane, quando é que essa chuva vai PARar nessas regiões?
 02 F2: tá diFÍcil viu Janine? boa noite pra vocês pra quem nos acompanha;
preparação

03 nem tão CEdo viu? até quinta-feria pelo menos;
|núcleo| retração

04 há CHAN,ce de temporais; nestas duas áreas

Fonte: Elaborada pela autora.

Nessa ocorrência, extraída de uma edição do Jornal da Record, exibida em 2019, a âncora do jornal, Janine Borba, pergunta à sua colega e jornalista da previsão do tempo, Lidiane Shayuri quando que as fortes chuvas que estavam ocorrendo na época iriam parar.

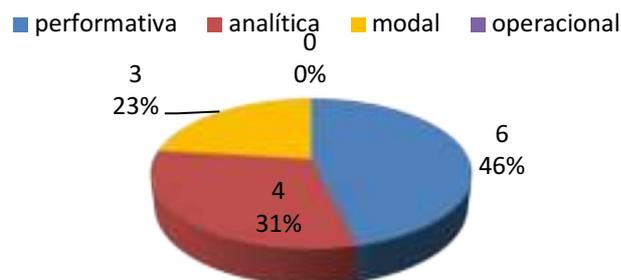
Lidiane então responde e, ao falar “nem tão cedo” realiza um Gesto de Varrer com função operacional, que, nesse caso, expressa uma exclusão, uma vez que, com o gesto, a falante tira de questão a possibilidade de as chuvas cessarem em um curto prazo. Essa ocorrência se estabelece no *Ground*, pois a falante conta com seu interlocutor presente no “aqui e agora” da interação e se dirige diretamente a ele ao responder à pergunta.

5.2.2 Análise das ocorrências de Gestos de Barrar [*holding away*]

Os Gestos de Barrar também são Gestos Recorrentes e são realizados com as mãos abertas, com as palmas na vertical direcionadas para o lado oposto ao corpo do falante. As mãos podem estar posicionadas no centro do espaço gestual ou nas laterais superiores. Esses gestos podem ser utilizados em conjunto com a fala ou não e podem desempenhar as funções referencial e pragmática (BRESSEM; MÜLLER, 2014, p. 1596).

Em nosso *corpus*, foram encontradas ocorrências de Gestos de Barrar desempenhando três das quatro funções pragmáticas. Como é possível observar no Gráfico 6, diferentemente dos Gestos de Varrer, a maioria das ocorrências dos Gestos de Barrar desempenha uma função performativa (46%), enquanto 31% desempenha a função analítica e o restante (23%) desempenha a função modal.

Gráfico 5 - Gestos de Barrar - Funções pragmáticas

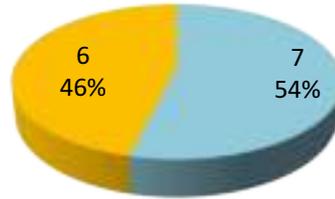


Fonte: Dados de análise.

Além disso, no que diz respeito ao contexto de uso, as ocorrências de Gestos de Barrar foram as que tiveram uma distribuição maior em contextos situados no *Ground*, como é possível observar no gráfico abaixo:

Gráfico 6 - Gestos de Barrar - Contextos de uso

■ GESTOS NO GROUND ■ GESTOS NO ESPAÇO NARRATIVO



Fonte: Dados de análise.

Isso se dá pelo fato de que a maior parte dos Gestos de Barrar pertencentes ao nosso *corpus* desempenha a função performativa, ou seja, os Gestos de Barrar analisados regulam, com mais frequência, ao realizarem atos de fala, as ações dos interlocutores reconhecidos, ao expressarem “instruções” sobre como agir (BRESSEM; MÜLLER, 2014, p. 1586).

Como discutido no Capítulo 3 desta dissertação, os Gestos de Barrar são, geralmente, utilizados para i) rejeitar tópicos conversacionais, ii) impedir que argumentos, crenças ou ideias “invadam” o domínio da interação e iii) para interromper o andamento de tópicos conversacionais.

Nesse sentido, os Gestos de Barrar com função performativa, encontrados no *corpus*, são utilizados, majoritariamente, para interromper tópicos conversacionais. Além disso, esse tipo de ocorrência se dá em contextos situados no *Ground*, em que o falante realiza, com a fala e com o gesto, uma intervenção direta no turno de fala do(s) seu(s) interlocutor(es), ou seja, contextos em que a interação se estabelece no momento imediato da cena. A seguir, apresentamos ocorrências ilustrativas de Gestos de Barrar que ilustram esses resultados.

A ocorrência 38 faz parte do conjunto de ocorrências situadas no *Ground* e consiste em um trecho do programa de TV a cabo já mencionado “Que história É Essa, Porchat?” no qual uma das convidadas está narrando uma história da sua vida e o apresentador Fábio Porchat a interrompe para fazer uma pergunta sobre um aspecto específico da história utilizando um Gesto de Barrar.

Figura 35 - Representação multimodal da ocorrência 38



Gesto: Mão Aberta Palma para Fora se move em direção ao interlocutor.

01 F1: aí eu falei (.) BIA conheci essa pessOAS (.)
 02 tinha o homem borRacha aLI tinha outras pessoas do CIRco (-)
 03 falei conheci essas essas peSOAS (-)
 04 gente parece MENTira =né? e elas tão aQUI e: elas vão ajudar a
 gente,
 05 porque eles falaram que iam ajuDAR a gente;
 06 F2: desCULpa só interromper (.) mas? (.) ser o homem borracha significa
 | núcleo | suspensão pós-núcleo retração
 o que exatamente?

Fonte: Elaborada pela autora.

Nessa ocorrência, o gesto funciona com um gesto performativo, pois marca a força ilocuconária do enunciado do falante que solicita a interrupção do tópico conversacional em andamento, ou seja, a história da convidada.

A ocorrência 36, por sua vez, também faz parte do conjunto de ocorrências situadas no *Ground* e foi extraída de um episódio do programa de entrevistas, exibido pela emissora SBT, “De Frente com Gabi”.

Figura 36 - Representação multimodal da ocorrência 36



Gesto: Mão Aberta Palma para Fora se move em direção ao interlocutor.

01 F1: como é que uma pessoa Marília Gabriela? (.) fica TRINta anos numa
 igreja?
 02 quaREnta anos numa igreja, dando oferta e dízimo? e não tem
 benefício nenhum?
 03 é uma imbeCIL [idiO?ta]
 04 F2: [NÃO, não] (.) [não não eu acho (.)]
 preparação | núcleo | repetição retração

05	F1:	[então como é que Isso?]
06		o maiOR beneficiado são as pessoas e não a igreja]
07		eu acho que encontra uma conforto (.) um Tipo de conforto;

Fonte: Elaborada pela autora.

Nesse episódio, a apresentadora Marília Gabriela entrevista o Pastor Silas Malafaia e, no trecho em questão, eles estão falando sobre as ofertas de dízimo pedidas pelas igrejas evangélicas. A apresentadora sugere que isso é uma prática abusiva e o pastor então se exalta e sugere que ela está chamando os fiéis que pagam o dízimo de “idiotas” e “imbecis”. Desse modo, Marília Gabriela imediatamente começa a interromper o pastor (o que fica evidenciado pela marcação de sobreposição na transcrição “[]”) para esclarecer que não é bem isso que ela está querendo dizer. Ao fazer isso, a apresentadora realiza um Gesto de Barrar, com função performativa, que é repetido na medida em que ela repete, também, a palavra “não” para impedir que aquele argumento que o pastor utiliza para atacá-la se instale no domínio da interação e, assim, rejeitá-lo.

Já os Gestos de Barrar com função modal, encontrados no *corpus*, são utilizados, em sua maioria, para rejeitar tópicos conversacionais e, desse modo, qualificá-los como indesejados. Na maioria dessas ocorrências, os falantes realizam um Gesto de Barrar enquanto narram uma história e, conseqüentemente, configuram um espaço narrativo a partir do qual os interlocutores exploram cenários que não poderiam ser experienciados diretamente no aqui-agora do ato comunicativo. A ocorrência a seguir ilustra esse resultado:

Figura 37 - Representação multimodal da ocorrência 27

				
Gesto: Mão Aberta Palma para Fora se move para a direita.				
01	F1:	ele era um fumante inveteRAdo o papai noel (.)		
02		os dedos [amarelos]		
03	F2:	[de CHARUto]		
04	F1:	charuto,		
05		ele era um GUIMba ele era uma guimba;		
06		e desde entÃO eu esqueci essa histÓ:ria		
		Preparação	 núcleo 	retração

Fonte: Elaborada pela autora.

Nessa ocorrência, também extraída do programa “Que história É Essa, Porchat?, a atriz e humorista Mariana Santos narra uma situação que viveu na infância quando foi

“conhecer o papai Noel”. Nesse trecho, a falante relata que ficou traumatizada por ter conhecido um papai Noel assustador, mas, afirma que na medida em que foi crescendo, esqueceu o episódio. Ao falar a palavra “esqueci”, a falante realiza um Gesto de Barrar com características de forma um pouco diferentes: ela utiliza as duas mãos e, enquanto a esquerda está direcionada para fora do seu corpo, a direita está com a palma direcionada para baixo. Nesse sentido, o Gesto de Barrar desempenha a função modal, uma vez que a falante o utiliza para rejeitar um tópico conversacional (a história que ela contou previamente) e, desse modo, qualificá-lo como algo incômodo que deve permanecer esquecido.

No nosso *corpus*, também foram encontradas ocorrências de Gestos de Barrar com função analítica. De acordo com Bresslem, Stein e Wegener (2015, p, 53), os Gestos de Barrar podem operar no nível do discurso falado quando são utilizados para contrastar ou inserir informações e quando são utilizados como marcadores discursivos para enfatizar o foco do falante na conclusão e na mudança de tópico. Nesses casos, os Gestos de Barrar estão relacionados a seguimentos do discurso falado e não contribuem, necessariamente, para o sentido proposicional de nenhum seguimento, ou seja, eles operam nos aspectos pragmáticos do discurso falado ao corporificarem ações comunicativas e a estrutura discursiva. A ocorrência a seguir, ilustra um Gesto de Barrar desempenhando a função analítica:

Figura 38 - Representação multimodal da ocorrência 3



Gesto: Mãos Abertas Palmas para Baixo se movem em uma trajetória descendente

01 eu tinha: ME,do dessa novela (.)

02 e faSCÍ,nio (.)

03 e eu falava eu NÃO QUero que o diabo apaREça pra me propor um Pacto,

Preparação | núcleo | repetição

04 e ao mesmo tempo ficava apavoRado porque eu tava invoCAN,do o diabo

retração

Fonte: Elaborada pela autora.

Nessa ocorrência, o ator Guilherme Weber narra sobre o medo que tinha da novela, exibida pela Rede Globo, “Corpo a Corpo”, na qual o ator Flávio Galvão interpretava o diabo. Ao relatar o que ele costumava pensar depois de ver a novela (“eu não quero que o diabo apareça”), Weber realiza um Gesto de Barrar que se repete na medida em que ele enfatiza que

não queria ver o diabo e marca ritmicamente cada parte do enunciado. Esse Gesto de Barrar desempenha a função analítica, ou seja, trata-se de um gesto que funciona como um marcador discursivo, uma vez que falante utiliza o gesto para enfatizar (assim como faz, também, na fala) o desespero que ele sentia ao ver a novela em questão.

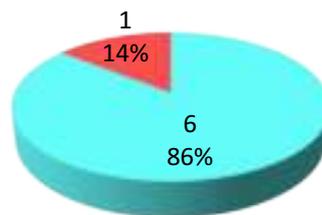
5.2.3 Análise das ocorrências de Gestos de Mão Aberta Supinada (*Palma para Cima*)

Os gestos da Família de Mão Aberta Supinada são realizados com a mão aberta, mantida em uma posição de antebraço supinado, de modo que a palma da mão esteja direcionada para cima. Esses gestos, de acordo com Kendon (2004) são amplamente utilizados para indicar as ações de apresentar, oferecer ou de demonstrar interesse em receber algo.

Os Gestos de Palma Para Cima não costumam ser caracterizados como gestos característicos de Negação, porém, de acordo com Kendon (2004), gestos pertencentes a essa família podem ser realizados em contextos que implicam negação, ou seja, contextos em que a negação, apesar de não estar marcada lexicalmente, está implícita no contexto geral do enunciado falado. Desse modo, encontramos no nosso *corpus* gestos de Mão Aberta Supinada que se enquadram exatamente nessa proposição. Esses gestos apresentaram uma maior ocorrência em relação a outros dois membros da Família de Gestos de Afastar (típicos gestos de Negação), discutidos nas próximas subseções. Como podemos observar no gráfico abaixo, a maior parte (86%) dos gestos da Família de Mão Aberta Supinada – categorizada como Gestos de Retirar e Gestos de Questionar – encontrados no *corpus* desempenha a função modal e a uma pequena parcela (14%) desempenha a função performativa.

Gráfico 7 - Gestos de Retirar e de Questionar - Funções pragmáticas

■ operacional ■ modal ■ performativa ■ analítica



Fonte: Dados de análise.

Como detalhamos no Capítulo 3, Kendon (2004) divide os gestos dessa família em três categorias²¹: gestos de Palmas de Apresentação [*Palm Presentation*] (PP), gestos de Palmas Endereçadas [*Palm-Adressed*] (PA) e os gestos de Palma Lateral (PL). Em nosso *corpus*, os gestos de palma para cima encontrados são gestos PL. De acordo com Kendon (2004) os gestos da Família de Mão Aberta Supinada com palma lateral podem expressar a incapacidade do falante em intervir em determinada situação, indicar que algo é tido como óbvio, que o falante está fazendo uma pergunta, dando uma resposta indecisa a uma proposta ou fazendo um convite.

Nos dados analisados, encontramos ocorrências de gestos de Mão Aberta Supinada (PL) que expressam uma avaliação negativa, ou seja, gestos que qualificam algo como ruim ou irrelevante, que indicam uma indiferença por parte do falante em relação ao conteúdo proposicional ou ao(s) seu(s) interlocutor(es) e que revelam uma incapacidade, por parte do falante, de intervir na situação descrita verbalmente. Como mencionamos anteriormente, esses gestos são nomeados neste trabalho, como Gestos de Retirar, pois, de acordo com Kendon (2004), com a realização desse gesto, demonstramos uma incapacidade ou uma indisposição para agir, intervir ou oferecer uma sugestão ou solução que forneça um sentido ou uma interpretação para algo. Nesse sentido, ainda de acordo com o autor (2004, p. 275), a motivação desse gesto é a ação de remover as mãos da “arena de ação”, ou seja, a motivação semântica por trás da realização desse tipo de gesto é a ação de retirar (KENDON, 2004). O exemplo a seguir ilustra esse tipo de ocorrência:

Figura 39 - Representação multimodal da ocorrência 43



Gesto: Mãos Abertas Palmas para Cima se movem numa trajetória ascendente

01 HO, je eu teria o? a idade da engraçadinha (-)

02 na época eu não TINHA

03 **Preparação | núcleo | suspensão pós-núcleo retração**

Fonte: Elaborada pela autora.

²¹ Explicamos cada uma dessas classificações no capítulo 3 desta dissertação.

Nessa ocorrência, a atriz Claudia Raia, ainda narrando a situação em que foi fazer um teste para a personagem Engraçadinha, de Nelson Rodrigues, enfatiza que na época da audição não tinha a mesma idade que a personagem. Ao fazer isso, a atriz realiza, em conjunto com um movimento de encolher os ombros, um Gesto de Retirar com função modal que, ao invés de simplesmente negar, assim como o que indica o enunciado falado, demonstra a incapacidade da falante de intervir na situação (KENDON, 2004), já que é impossível ela alterar o fato de que, na época, não tinha a idade adequada para o papel.

Foi encontrada também, uma ocorrência de gesto de Mão Aberta Supinada (PL) em um contexto situado no *Ground*, em que foi utilizado em conjunto com uma pergunta, como proposto por Kendon (2004). De acordo com Kendon (2016, p. 171), ao realizar esse gesto para fazer uma pergunta, o falante mantém a mão aberta com a palma para cima como se quisesse que algo fosse colocado sobre as palmas. Por isso, nomeamos esse gesto de Mão Aberta Supinada (PL) como Gesto de Questionar. A ocorrência a seguir ilustra esse dado:

Figura 40 - Representação multimodal da ocorrência 46²²



Gesto: Mãos Abertas Palmas para Cima se movem numa trajetória ascendente

01 porque QUE:, (-)

02 que acabou, por que que cê não tá na TEVÊ?

Preparação | núcleo | retração

Fonte: Elaborada pela autora.

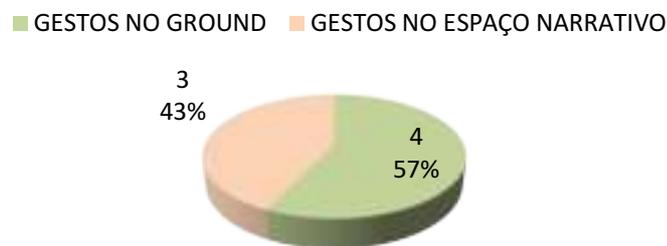
Nessa ocorrência, que também foi extraída do vídeo da entrevista feita pelo apresentador Fábio Porchat com a jornalista Marília Gabriela, o apresentador pergunta à entrevistada, por que ela não está mais no ar, na televisão. A fazer essa pergunta, Porchat realiza um gesto de mãos abertas com as palmas para cima com função performativa, indicando um questionamento que demonstra, implicitamente, uma atitude de discordância.

²² Apesar de compreendermos o Gesto de Questionar como um potencial gesto que veicula um sentido negativo, entendemos que precisamos de dados mais robustos para confirmar essa hipótese. Entretanto, optamos por mantê-lo provisoriamente no repertório elaborado nesta pesquisa, pois a ocorrência foi catalogada normalmente de acordo com os parâmetros de análise.

Nesse caso, ele demanda uma explicação para o fato de ela não estar mais na TV e, conseqüentemente, é necessário que a resposta explique o fato de ela não estar na TV (KENDON, 2004).

No que diz respeito aos contextos de uso mais frequentes em que os gestos de Mão Aberta Supinada (Gestos de Retirar e de Questionar) foram encontrados nesta análise, encontramos, como é possível observar no gráfico abaixo, uma maior ocorrência (57%) desses gestos em contextos em que o falante narra uma história.

Gráfico 8 - Gestos de Retirar e Questionar - Contextos de uso



Fonte: Dados de análise.

Dessa forma, a maior parte das ocorrências analisadas nesta pesquisa configura um espaço narrativo a partir do qual seus interlocutores podem explorar diferentes eventos passados ou futuros a partir de um ponto de vista diferente do ponto de vista presente. Os gestos de Mão Aberta Supinada que, por sua vez, não fazem parte de um contexto de narração (43%) estão inseridos em contextos situados no *Ground*, ou seja, ocorrem em contextos nos quais falante e ouvinte interagem na cena imediata do evento interativo, nesse caso, em conjunto com perguntas (Gestos de Questionar).

5.2.4 Análise das ocorrências dos Gestos de Espanar [*brushing away*]

Os Gestos de Espanar são gestos realizados com as mãos abertas e as palmas inicialmente direcionadas para o corpo do falante que se movem para fora em um rápido movimento de torção dos pulsos. De acordo com Bressemer e Müller (2014, p. 1598), esses gestos são utilizados somente em conjunto com a fala. Além disso, os Gestos de Espanar podem desempenhar as funções dêitica, quando representam trajetórias ou direções, e pragmática, quando indicam uma avaliação negativa.

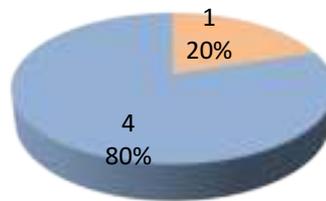
Os Gestos de Espanar compõem uma parcela menor do nosso *corpus* e desempenham, em sua totalidade, a função pragmática modal. Esse resultado pode ser explicado pelo fato de

os Gestos de Espanar expressarem, ao serem utilizados pragmaticamente, uma avaliação negativa, ou seja, o gesto, em conjunto com a fala, qualifica o conteúdo proposicional do enunciado como negativo ou irrelevante (TEßENDORF, 2014, p. 1540).

Em relação ao contexto de uso, como é possível observar no gráfico a seguir, os gestos de espanar encontrados em nosso *corpus* estão, majoritariamente, situados em contextos em que os falantes narram uma história e, assim, configuram um espaço narrativo que contém elementos dos eventos narrados pelos falantes.

Gráfico 9 - Gestos de Espanar - Contextos de uso

■ GESTOS NO GROUND ■ GESTOS NO ESPAÇO NARRATIVO



Fonte: Dados de análise.

O fato de os Gestos de Espanar presente no *corpus* desempenharem a função pragmática modal, explica o uso mais frequente desses gestos em contextos em que o falante narra uma história, já que, nesses contextos, o falante assume um interlocutor que não necessariamente é determinado ou está presente na cena imediata da ocorrência, como ocorre em contextos situados no *Ground*. A seguir, ilustramos esse tipo de ocorrência:

Figura 41 - Representação multimodal da ocorrência 51



Gesto: Mão Aberta Palma Lateral se move ao longo do eixo sagital (de dentro para fora)

- 01 a priMEIra vez (.) que eu sofri assédio (.)foi no caminho da
padaria pra minha casa e eu chorei;
02 uma seNHOrA me viu chorando pelo caminho e foi tentar me consolar;
03 quando eu conteI pra ela o que tinha acontecido ela me disse que eu

	era (.)
	preparação
04	bo:ba que eu não devia tá chorando por isso,
	 núcleo retração

Fonte: Elaborada pela autora.

Na ocorrência acima, retirada de uma das conferências TED que compõe o nosso *corpus*, a falante narra o momento em que sofreu assédio sexual na rua pela primeira vez. Ela afirma que, ao sofrer essa violência, começou a chorar no meio da rua e uma senhora, ao vê-la chorando, tentou confortá-la dizendo que ela era “boba” por estar chorando, pois o assédio era algo positivo, do qual ela sentiria a falta quando fosse mais velha. Ao reportar o discurso da senhora, a falante realiza um Gesto de Espanar que, no momento em que ela assume o ponto de vista da personagem da sua história (a senhora), qualifica a situação (ela chorando no meio da rua por conta do assédio) como irrelevante, sem importância. Desse modo, a falante configura um espaço narrativo a partir do qual seus interlocutores são capazes de acessar o ponto de vista de ambas as personagens da narrativa. Desse modo, o Gesto de Espanar, opera no nível do enunciado falado e não necessariamente regula o comportamento dos interlocutores presentes na interação, como os performativos.

5.2.5 Análise das ocorrências de Gestos de Lançar [*throwing away*]

Os Gestos de Lançar são aqueles em que a mão aberta com a palma direcionada para o lado oposto ao corpo do falante realiza um movimento descendente por meio da dobra do pulso: a mão geralmente está posicionada no espaço ao redor do corpo e se move do centro em direção à periferia superior. Esse gesto é baseado na ação de jogar fora um objeto pequeno, como o resto de uma maçã ou uma bolinha de papel amassado. A mão encena essas ações, ou seja, metaforicamente joga fora tópicos conversacionais e qualifica os argumentos, ideias e ações rejeitadas como inúteis ou irrelevantes. Nesse sentido, o gesto adquire um sentido particular de remover, dispensar tópicos conversacionais incômodos ao lançá-los para longe do corpo (BRESSEM; MÜLLER, 2017, p. 3).

De acordo com Bressemer e Müller (2014, p. 1599), esses gestos podem ser utilizados em conjunto com a fala, mas também podem substituí-la. Além disso, os Gestos de Lançar desempenham funções pragmáticas e operam tanto sobre a fala quanto sobre o comportamento dos interlocutores.

Apenas 4%²³ do *corpus* é composto por ocorrências de Gestos de Lançar e, dentre essas ocorrências, metade desempenha a função modal e outra metade desempenha a função performativa, isto é, os Gestos de Lançar encontrados no nosso *corpus* revelam a postura do falante e fornecem um *frame* de interpretação para o enunciado falado e manifestam a força ilocucionária do que está sendo veiculado verbalmente. Além disso, as ocorrências estão situadas tanto em contextos de narrativas nos quais o falante faz uma descrição de uma situação ou de outra pessoa, quanto em contextos caracterizados pelo *Ground*. A seguir, apresentamos ocorrências do nosso *corpus* para ilustrar esses resultados.

A ocorrência 52 foi coletada de outro episódio do programa “Que história é essa, Porchat?” e consiste em um relato de uma participante da plateia sobre uma experiência sobrenatural que teve quando era criança.

Figura 42 - Representação multimodal da ocorrência 52



Gesto: Mão Aberta Palma para fora se move numa trajetória descendente

01 F1: NÃO mas é porque: (-)

02 quando e? às vezes a gente tá contando umas coisas assim: de? é:

03 lembrando história assim de terrOr (.)

04 não É que a história é [fictÍ:cia]

05 F2: [cê ouviu dizer, cê viveu!]

06 F1: NÃ:o

07 aí eu conto aí todo mundo fala (.) ah leGAL sua história (.)

Preparação | núcleo | retração

08 gen:te aconteCEU

Fonte: Elaborada pela autora.

Nessa ocorrência, a falante afirma que as pessoas não costumam acreditar nela quando conta esse tipo de história. Ao fazer isso, ela encena o tipo de reação que as pessoas costumam ter nesses momentos e realiza um Gesto de Lançar com função modal que, mesmo em um contexto em que há a reprodução da fala de terceiros, indica uma Avaliação Negativa.

²³ Esse número pequeno de ocorrências gerou resultados pouco conclusivos. Nossa hipótese é que isso seja uma questão de recorte de *corpus* e não necessariamente teórica.

O gesto, combinado com a parte do discurso falado em que a moça fala “ah, legal sua história” indica que algo, no caso, a experiência sobrenatural dela, está sendo qualificado como irrelevante e até mesmo como uma mentira pelo personagem que ela assume para representar o ponto de vista das outras pessoas que a ouvem.

Já na ocorrência 53, também retirada do programa “Que história é essa, Porchat?” e apresentada abaixo, o apresentador faz uma piada da qual ninguém ri e, ao perceber isso, ele se dirige aos seus interlocutores e faz um Gesto de Lançar, que não co-ocorre com nenhuma porção do discurso falado.

Figura 43 - Representação multimodal da ocorrência 53



Gesto: Mão Aberta Palma para fora se move numa trajetória descendente
 03 <O apresentador faz uma piada da qual ninguém ri>
 04 não? TÁ; (-)
Preparação | núcleo | retração

Fonte: Elaborada pela autora.

O gesto, nessa ocorrência, substitui a fala e desempenha uma função performativa, pois, é com o gesto que o apresentador, ao checar com a plateia se a piada realmente foi sem graça, qualifica a sua intenção de ser engraçado como não mais relevante para o contexto comunicativo e dispensa qualquer tentativa de levar a piada á frente. É como se o falante estivesse comunicando, apenas com o gesto, o sentido da expressão “deixa pra lá”, muito utilizada no PB.

5.2.6 Gestos de Negação + enunciados positivos: ocorrências contraditórias?

Foram encontradas, em nosso *corpus*, ocorrências em que gestos de Negação co-ocorrem com enunciados positivos. Uma dessas ocorrências, utilizada na análise-piloto, consiste em um Gesto de Varrer, realizado pela atriz Taís Araújo, ao responder positivamente a uma pergunta sobre críticas que recebeu no decorrer da sua carreira. Sweetser (2006, p. 13) afirma que construções negativas são capazes de evocar Espaços Mentais alternativos de um

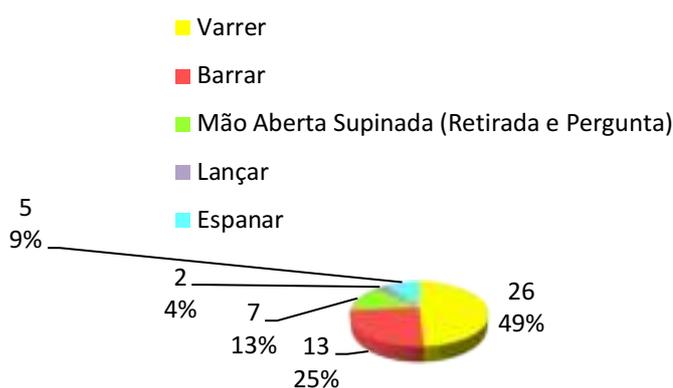
Entretanto, o autor (2004) argumenta que, nessas ocorrências, os gestos funcionam como intensificadores, de fato, mas somente porque carregam um sentido negativo implícito. Uma avaliação positiva, por exemplo, que carrega a implicação de que nada mais é tão bom quando o objeto avaliado, é uma avaliação intensificada. Se o falante utiliza um gesto ZP ou um balanço de cabeça (ou os dois juntos) ao fazer uma avaliação positiva de algo, seus gestos intensificam sua avaliação. Ao utilizá-los, implica-se que não há outra coisa que possa ser similar em termos de valor.

Ocorrências como essas, em geral, revelam que os gestos que co-ocorrem com a fala são muito mais do que meros ilustradores da fala. Bressemer e Müller, (2017, p. 7), nesse sentido, afirmam que esses gestos não deveriam ser considerados uma mera expressão do sentido verbal e sim levados a sério enquanto meios semióticos para a construção de padrões. Os Gestos Recorrentes, especificamente, já são acompanhados de padrões gestuais convencionalizados, que são fundamentais para o sentido das construções.

5.3 Discussão geral dos dados

Como detalhado anteriormente, após a análise das ocorrências, agrupamos todos os gestos de acordo com suas características de forma. O gráfico abaixo ilustra, de maneira mais geral, as formas gestuais que encontramos no nosso *corpus* e quais foram as mais recorrentes.

Gráfico 10 - Gestos de Negação no PB - Ocorrências



Fonte: Dados de análise.

Das 53 ocorrências que compõem o nosso *corpus*, 49% são ocorrências de Gestos de Varrer. Isso explica outro dado importante, já discutido anteriormente: a maior parte dos gestos analisados desempenha a função pragmática operacional (KENDON, 2016), função frequentemente desempenhada por Gestos de Varrer (KENDON, 2016, p. 170), uma vez que

eles constituem o que Bressemer e Müller (2014, p. 1597) categorizam como formas manuais de negação e podem, desse modo, assumir o papel de operadores em relação aos enunciados falados com os quais co-ocorrerem.

No nosso *corpus*, encontramos ocorrências em que os Gestos de Varrer expressam Rejeição, Interrupção e Avaliação Negativa. Ao expressarem Rejeição, tópicos conversacionais são metaforicamente varridos do centro para a periferia e, assim, são rejeitados de maneira enfática. Já quando expressam Interrupção, os Gestos de Varrer indicam a conclusão de uma série de eventos, seja de forma definitiva, ou de maneira temporária.

Quando indicam uma avaliação negativa, os Gestos de Varrer marcam a postura epistêmica do falante, ou seja, do ponto de vista dos Espaços Mentais, podemos dizer que o falante, ao expressar uma Negação na fala e/ou no gesto, configura um espaço mental contrafactual que é negado no momento em que o falante se associa ao espaço negativo, por meio da qualificação negativa que faz da situação.

Já os Gestos de Barrar, que representam 25% do nosso *corpus*, expressam, majoritariamente, interrupção e rejeição e, em menor escala, marcam, também, partes do discurso falado. Quando expressam interrupção, os Gestos de Barrar atuam como performativos, ou seja, regulam o comportamento dos interlocutores e marcam a força ilocucionária do enunciado do falante (TEßENDORF, 2014, p. 1544). Já quando indicam rejeição, os Gestos de Barrar criam uma espécie de “bloqueio” que impede que tópicos conversacionais indesejados ou incômodos se instalem no domínio da interação e, desse modo, os rejeita.

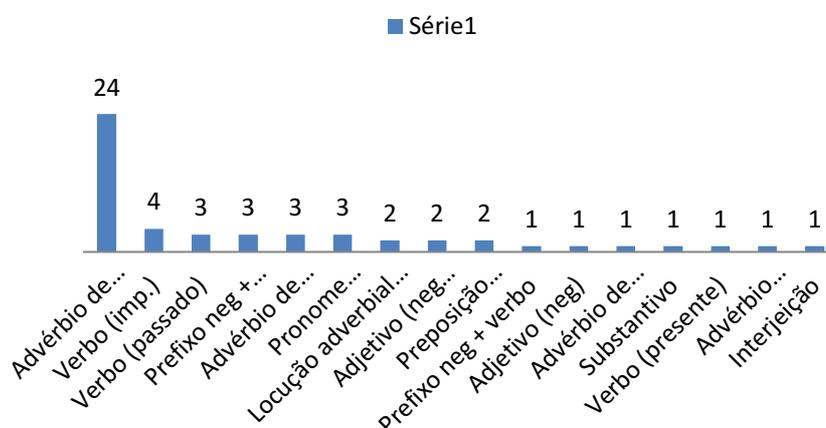
Nos casos em que funcionam como marcadores discursivos, os Gestos de Barrar operam no enunciado verbal do falante e marcam a estrutura do discurso falado. Na ocorrência 35, por exemplo, as mãos encenam o fluxo da fala ao marcarem o ritmo de cada porção do enunciado que o falante produz de maneira enfática.

Além disso, como discutido na subseção anterior, encontramos, no nosso *corpus*, gestos que não são gestos típicos de Negação. Esses gestos são gestos PL da Família de Mão Aberta Supinada (KENDON, 2004), que são tratados como gestos muito utilizados para apresentar ideias. Entretanto, no caso das ocorrências dos Gestos de Mão Aberta Supinada analisadas nesta pesquisa, encontramos padrões diferentes: as ocorrências desse gesto nos nossos conjuntos de dados indicam, em sua maioria, uma avaliação do falante e têm como motivação semântica a ação de “retirar”. Por essa razão, esses gestos são nomeados, aqui, de Gestos de Retirar.

. Além disso, uma menor parcela dos gestos de Mão Aberta Supinada (PL) analisados indica que o falante está fazendo uma pergunta. Esses gestos foram chamados neste trabalho de Gestos de Questionar. Como pode ser observado na ocorrência 46, o falante, ao fazer uma pergunta e realizar um Gesto e Mão Aberta Supinada, indica, por meio do gesto, um vazio (motivo da pergunta) que precisa ser preenchido (com a respectiva resposta) (KENDON, 2016, p. 171). Desse modo, essa ocorrência instancia o esquema imagético RECIPIENTE.

Os Gestos de Espanar e de Lançar, apesar de, em estudos feitos em outras línguas, terem apresentado um padrão recorrente significativo, no nosso *corpus*, esses gestos representam uma parcela muito pequena das ocorrências. De modo geral, os Gestos de Espanar desempenham função modal em contextos caracterizados pela configuração de um espaço narrativo e os Gestos de Lançar desempenham tanto a função modal quanto a função performativa em ambos os contextos analisados (espaço narrativo e *Ground*)

Com a utilização do sistema de transcrição sugerido pelo LASG, o GAT2, foi possível anotar as unidades entonacionais com as quais os gestos analisados co-ocorrem e, desse modo, compreender o alinhamento entre as fases gestuais e os trechos dos enunciados verbais na análise da relação gesto + fala. Dessa forma, foi possível, também, comprovar a eficiência de um dos critérios de coleta adotados para a pesquisa: a configuração das mãos. Como explicado anteriormente, o YouTube, plataforma na qual coletamos grande parte dos dados, não nos oferece a possibilidade de realizar uma coleta de ocorrências com base em palavras-chave de negação, tal como o banco de dados *Red Hen* o faz. Por essa razão, utilizamos o padrão de movimento de gestos de negação já estudados por outros autores (BRESSEM; MÜLLER, 2014) como critério de coleta. Esse critério se mostrou produtivo, uma vez que, como é possível observar no gráfico abaixo, a maioria das ocorrências gestuais de fato co-ocorreram com palavras ou expressões de negação.

Gráfico 12 - Classes de palavras que co-ocorrem com os Gestos de Negação

Fonte: Dados de análise.

Entretanto, apesar dos dados ilustrados nesse gráfico, encontramos em nosso *corpus*, como já pontuamos anteriormente, algumas ocorrências que evidenciam a relação semântica de Contrariedade entre fala e gesto, prevista pelo LASG, nas quais Gestos de Negação co-ocorrem com enunciados positivos. Para explicar essas ocorrências, retomamos os conceitos de alternatividade e contrafactualidade e conceitos já discutidos por Kendon (2004). De maneira geral, na perspectiva da Teoria dos Espaços Mentais, a Negação é entendida como um fenômeno que evoca cenários contrafactuais (FAUCONNIER, 1994). Nesse sentido, Dancygier (2012) argumenta que a Negação constitui um exemplo primário de alternatividade, pois construções negativas configuram dois Espaços Mentais e não somente um: o espaço negativo descrito na sentença e sua alternativa positiva. Além disso, Kendon (2004) argumenta que um gesto de negação pode ser utilizado quando fazemos uma avaliação positiva sem que seja algo contraditório, pois o gesto acaba funcionando como um intensificador ao carregar um sentido negativo implícito.

No que diz respeito aos contextos de uso, os gestos analisados são realizados, em sua maioria (68%), em contextos nos quais um espaço narrativo é configurado, ou seja, um espaço que contém elementos introduzidos pela narração de um história/situação. Os gestos de Varrer, Retirar, Lançar e Espanar foram os mais realizados nesse tipo de contexto, devido às funções mais frequentes que desempenham no conjunto de dados analisados nesta pesquisa, já que a maior parte dessas ocorrências desempenham funções pragmáticas metadiscursivas (funções operacional e modal). Por sua vez, os gestos de Barrar e Questionar analisados nesta pesquisa compõem os 32% restantes de gestos realizados em contextos configurados pelo

espaço-base, o *Ground*, isto é, um espaço que contém o evento interativo, seus participantes, a interação entre esses participantes e as circunstâncias imediatas do evento. Esse resultado pode ser explicado pelo fato de que a maior parte dessas ocorrências desempenha uma função pragmática interativa (função performativa), e, desse modo, operam no contexto imediato da cena interacional.

5.3.1 Os Gestos de Negação no PB: a construção de um repertório

O ponto de partida do Repertório de Gestos de Negação do PB proposto nesta pesquisa é a análise de 53 ocorrências de Gestos de Negação realizados em contextos distintos. O *corpus* consiste em conferências TED, interações face-a-face em Programas de Entrevistas, Rodas de Conversa televisionadas e Reportagens sobre assuntos variados. Essas ocorrências foram analisadas de acordo com o que propõe o Sistema Linguístico de Anotação Gestual (BRESSEM, LADEWIG, MÜLLER, 2013), a partir do qual elaboramos trilhas de análise, explicitadas com mais detalhes no Capítulo 4 desta dissertação, para serem utilizadas no *software* ELAN (SLOETDJES, H.; WITTENBURGH, 2008).

Primeiro, realizamos a análise a transcrição do *corpus* seguindo as diretrizes do GAT2 e a determinação das unidades de análise gestual. Em seguida, realizamos a anotação dos parâmetros de forma dos gestos em termos de orientação das palmas, movimento (tipo e direção) e posição espacial das mãos. Por fim, realizamos a análise dos parâmetros de função, levando em conta os parâmetros de motivação icônica dos gestos, como os padrões de movimento, os Esquemas Imagéticos e as ações subjacentes instanciados pelos gestos; e os aspectos semânticos e pragmáticos que compõem a construção de sentido dos gestos.

No *corpus* de análise, composto por 53 ocorrências, encontramos 6 tipos de gesto com padrões de forma e sentido recorrentes e com funções pragmáticas, que podem constituir um Repertório de Gestos de Negação do PB, elaborado a partir dos seguintes parâmetros:

- a) Nome do gesto
- b) Um exemplo de enunciado verbal com o qual o gesto pode co-ocorrer
- c) Sentido do gesto
- d) Funções pragmáticas específicas desempenhadas pelos gestos

Quadro 6 - Repertório de Gestos de Negação para o PB

	Nome do gesto	Ex. de enunciado verbal	Sentido	Funções Pragmáticas
	Gesto de Varrer	“- E a repórter depois falou alguma coisa?” “- <u>Não</u> , ela ficou rindo!”	Negação	Operacional / Modal / Performativa
	Gesto de Barrar	“Eu não tava interessada, então eu <u>ignorei</u> .”	Rejeição/ interrupção	Performativa / Modal / Analítica
	Gesto de Retirar	“Hoje eu teria a idade da Engraçadinha, na época eu <u>não tinha</u> ”	Negação implícita e incapacidade de intervir na situação negada	Modal / Performativa
	Gesto de Espanar	“Mas você sente que dá pra conquista esse público, ou cê <u>nem quer</u> ?”	Negação / indiferença	Modal

	Gesto de Lançar	<p>“Mas é porque quando... às vezes a gente tá contando umas coisas assim de... lembrando umas histórias assim de terror, não é que a história é fictícia. Aí eu conto, aí todo mundo fala ‘ah, legal sua história!’”</p>	Avaliação negativa/ Desdém	Modal
	Gesto de Questionar	<p>“Por que que acabou, porque que não tá mais na TV?”</p>	Pergunta/ Questionamento	Performativa

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Como já discutido anteriormente, nosso ponto de partida para a realização das análises desta pesquisa foram os estudos de Bressemer, Ladewig e Müller (2014) realizados com gestos do alemão. Dessa forma, a maior parte dos gestos de Negação do PB que compõe esse repertório apresenta um padrão semelhante aos dos gestos analisados pelas autoras. Entretanto, o conjunto de gestos de negação do PB que foi identificado e analisado nesta pesquisa contém outros padrões gestuais relacionados à negação que não foram identificados no alemão, como os gestos de Retirar e de Questionar. Nesse sentido, consideramos esses resultados como um ponto de partida para o desenvolvimento de um repertório de gestos mais abrangente, que contemple mais gestos de negação, assim como que, futuramente, inclua outros gestos, que não só os de negação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa descrita nesta dissertação procurou responder à seguinte pergunta: Quais são as formas e funções recorrentes desempenhadas pelos Gestos de Negação em contextos comunicativos variados do PB? Desse modo, considerando essa pergunta de pesquisa, determinamos como objetivo geral realizar, a partir de uma perspectiva cognitivo-gestual, a construção de um Repertório de Gestos de Negação para o PB. A partir da realização do estudo proposto, confirmamos a nossa hipótese de que os Gestos de Negação, no PB, desempenham com mais frequência funções pragmáticas, ou seja, possuem uma relação com propriedades do sentido de um enunciado, que não necessariamente são parte do sentido referencial e nem do conteúdo proposicional que esse enunciado veicula (KENDON, 2004, p. 158).

No que diz respeito à base teórica desta pesquisa, mobilizamos, inicialmente, conceitos relativos à Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994) e à Teoria da Integração Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002), no sentido de fundamentar as discussões realizadas a respeito dos processos de construção de sentido que estão por trás da produção de um gesto. Tais teorias fundamentaram nosso estudo sobre o fenômeno da Negação. Nesse sentido, com base em Fauconnier (1994), discutimos a respeito da configuração de Espaços Mentais contrafactuais, elaborados a partir de construções negativas. Posteriormente, abordamos o conceito de alternatividade, processo inerente ao uso da Negação, discutido por Sweetser (2006) e Dancygier (2012).

Posteriormente, tratamos, especificamente, sobre os Estudos de Gesto. Inicialmente, traçamos, com base em Müller, Ladewig e Bressemer (2013), um percurso histórico das diferentes abordagens que levaram os Estudos de Gesto a se consolidarem como um dos campos de estudo da LC. Tal percurso parte da abordagem pragmática proposta por Kendon (2004) e chega à perspectiva linguística, focada nos aspectos de forma e função dos gestos, proposta por Müller (2013). Mobilizamos, em seguida, conceitos básicos relacionados à modalidade gestual, com base no que propõe Kendon (2004). Em seguida, discutimos sobre conceitos mais específicos, relacionados ao nosso objeto, como os conceitos de Gestos Recorrentes, introduzido por Ladewig (2014), e de Famílias Gestuais, proposto por Kendon (2004). Por fim, apresentamos os estudos realizados por Bressemer e Müller (2014), que levaram à construção do Repertório de Gestos Recorrentes de Negação para o Alemão, que engloba a Família de Gestos de Afastar [*The Away Family*], a fim de fundamentar teoricamente os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa.

Em relação aos procedimentos metodológicos adotados para analisar ocorrências de gestos de negação em dados multimodais do PB, utilizamos o Sistema Linguístico de Anotação Gestual (LASG), desenvolvido por Bressemer, Ladewig e Müller (2013), que prevê parâmetros específicos para a análise das formas gestuais e de gestos em conjunto com a fala. Esse sistema, como discutido ao longo do Capítulo 4 desta dissertação, contempla os três primeiros blocos de análise propostos nos Métodos de Análise Gestual (MGA), que permitem uma reconstrução sistemática das propriedades fundamentais da criação de sentido de um gesto com base em aspectos formais, ao distinguir quatro blocos de construção: i) a forma; ii) a estrutura sequencial dos gestos em relação à fala e a outros gestos; iii) o contexto local de uso; iv) a distribuição do gesto em diferentes contextos de uso (BRESSEMER, LADEWIG, MÜLLER, 2013, p. 1100). Tendo em vista os nossos objetivos e pergunta de pesquisa, expandimos a análise até o bloco 4 do MGA, pois é a etapa que nos permite analisar a distribuição mais abrangente dos gestos em contextos de uso variados.

A partir disso, selecionamos 53 ocorrências (que compõem o total de 25 minutos de dados audiovisuais) de Gestos de Negação: 10 ocorrências provenientes de quatro Conferências TED; 30 ocorrências coletadas no *Red Hen*, com base na inserção de palavras-chave de negação na ferramenta de busca do banco de dados e em parâmetros de forma já estabelecidos em estudos prévios; e 13 ocorrências provenientes de contextos de interação face-a-face, como Entrevistas e Rodas de Conversa televisionadas, coletadas diretamente do YouTube.

Após a realização da análise dos dados, agrupamos os gestos de acordo com parâmetros de forma. Nesse sentido, os primeiros resultados atestaram a predominância de Gesto de Varrer (49%), seguidos pelos Gestos de Barrar (25%), e de Retirar (13%). Em menor parcela, encontramos, também, ocorrências de Gestos de Espanar (9%), de Lançar (4%) e de Questionar (1%). Os resultados atestaram, ainda, que as 53 ocorrências constituem como pragmáticas, ou seja, todos os gestos analisados desempenham as funções operacional (41%), modal (30%), performativa (21%), ou analítica (8%).

Em seguida, categorizamos as ocorrências de acordo com o contexto de uso no qual estão inseridas. Nesse sentido, a partir de uma breve análise prévia, estabelecemos dois contextos principais de uso dos gestos: contextos em que o falante narra uma história ou descreve uma situação para os interlocutores que não estão presentes na situação interativa imediata (contextos situados no espaço narrativo); e contextos em que o falante interage com um interlocutor presente na cena imediata (contextos situados no *Ground*). Considerando essas categorias, 68% dos gestos presentes no nosso *corpus* foram realizados em contextos

narrativos, isto é, contextos nos quais um espaço narrativo, que contém elementos introduzidos pela narração de um história/situação, é configurado.

Os gestos de Varrer, Retirar, Lançar e Espanar foram os mais realizados nesse tipo de contexto, devido às funções mais frequentes que desempenham no conjunto de dados analisados nesta pesquisa, já que a maior parte dessas ocorrências desempenham funções pragmáticas metadiscursivas (funções operacional e modal). Já o restante das ocorrências (32%) constitui-se, majoritariamente, como gestos de Barrar e Questionar realizados, em contextos configurados pelo *Ground*, isto é, um espaço que abrange o evento interativo, seus participantes, a interação entre eles e as circunstâncias imediatas do evento. Isso pode ser explicado pelo fato de que a maior parte dessas ocorrências desempenha uma função pragmática interativa (função performativa) e, assim, opera no contexto imediato na cena interacional.

No decorrer das análises, deparamo-nos com ocorrências aparentemente contraditórias, nas quais gestos de Negação co-ocorrem com enunciados afirmativos. Para explicar essas ocorrências, exploramos qualitativamente os conceitos de alternatividade e contrafactualidade. Por esse ponto de vista, essas ocorrências evidenciam o potencial dos gestos que co-ocorrem com a fala como parte fundamental da produção de sentido de enunciados verbo-gestuais de Negação, atuando não somente como ilustradores da fala, mas como construções, ou seja, como pareamentos de forma e sentido.

Ao final das análises das 53 ocorrências de gestos de Negação, elaboramos um Repertório de Gestos de Negação recorrentes do PB, composto, até o momento, por 6 formas gestuais recorrentes com função pragmática. É importante ressaltar que o repertório proposto até o momento não está completo: eventualmente, a amostra poderá ser ampliada, ou mesmo novos Gestos Recorrentes poderão ser identificados.

A pesquisa descrita na presente dissertação contribui para o desenvolvimento de pesquisas em LC, uma vez que foi possível demonstrar como aspectos cognitivos, como os fenômenos da alternatividade e da contrafactualidade também ocorrem de forma multimodal, com espaços mentais sendo representados pela fala e pelo gesto em algumas ocorrências analisadas. Esse é um fenômeno cognitivo importante, que se constitui como uma motivação para o desenvolvimento futuro da pesquisa. Do ponto de vista teórico, esta pesquisa contribui para a ampliação do escopo dos Estudos de Gesto e da Multimodalidade no Brasil, uma vez que, ainda hoje, essas questões são pouco exploradas. Além disso, a presente pesquisa abre portas para pesquisas futuras, uma vez que propõe o início da construção de um Repertório de Gestos próprio do PB. Nesse sentido, no que diz respeito às nossas perspectivas futuras,

acreditamos na possibilidade de que tais pesquisas contribuam para ampliação do conjunto de dados, a partir do qual será possível construir, de maneira mais ampla, um repertório que envolva outras Famílias Gestuais do PB.

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, John L. **How to Do Things with Words**. Oxford: Clarendon Press, 1962
- BARBOSA, Adriana Fernandes. **Cognição em (inter)ação**: Uma análise multimodal do ensino de verbos separáveis e inseparáveis em aulas de Alemão como Língua Estrangeira. 2020. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal De Minas Gerais. Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. Belo Horizonte, 2020.
- BARROS, Isabela Barbosa Do Rêgo; FONTE, Renata Fonseca Lima Da. **Estereotípias motoras e linguagem**: aspectos multimodais da Negação no autismo. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 01 Dez. 2016, Vol.16(4), pp.745-763
- BRESSEM, Jana. A linguistic perspective on the notation of form features in gestures. In: MÜLLER; Cornelia; CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen; LADEWIG, Silva H.; MCNEILL, David & TEBENDORF, Sedinha (Orgs.). **Body – Language – Communication. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction**. Volume 1, Berlin, Boston: De Gruyter Mouton 2013, p. 1079-1098.
- BRESSEM, Jana; LADEWIG, Silva; MÜLLER, Cornelia. Linguistic Annotation System for Gestures. In: MÜLLER; Cornelia; CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen; LADEWIG, Silva H.; MCNEILL, David & TEBENDORF, Sedinha (Orgs.). **Body – Language – Communication. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction**. Volume 1, Berlin, Boston: De Gruyter Mouton 2013, p. 1098–1124.
- BRESSEM, Jana; MÜLLER, Cornelia. A repertoire of German recurrent gestures with pragmatic functions. In: MÜLLER, Cornelia, CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen; LADEWIG, Silva; MCNEILL, David; BRESSEM, Jana (Eds.). **Body – Language – Communication. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction**. Volume 2, Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2014, p. 1575-1591.
- BRESSEM, Jana; MÜLLER, Cornelia. The family of Away gestures. In MÜLLER, Cornelia, CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen; LADEWIG, Silva; MCNEILL, David; BRESSEM, Jana (Eds.). **Body – Language – Communication. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction**. Volume 2, Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2014, p. 1592-1604.
- BRESSEM, Jana; MÜLLER, Cornelia. **The “Negative-Assessment-Construction”**: A multimodal pattern based on a recurrent gesture?. *Linguistics Vanguard*. Vol.3. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2017.
- BRESSEM, Jana.; STEIN, Nicole.; WEGENER, Claudia. **Structuring and highlighting speech**: Discursive functions of holding away gestures in Savosavo. *GESPIN 4*, Nantes. 2015. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01195646>. Acesso em: 27 maio 2020.
- CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. **Negação, intersubjetividade e polifonia**: estudo de caso em processos civis. *Letras de Hoje*, Vol.51(1), pp.55-64, 01 Jan. 2016.
- CAVALCANTE, Rerisson. **De constituintes não-oracionais**: diferenças paramétricas. *Revista Linguística*, [s. l.], v. 12(2), p. 61-86, 1 dez. 2016.

CAVALCANTE, Rerisson; SIMIONI, Leonor. **Capaz como marcador negativo enfático no dialeto gaúcho**. Revista de Estudos da Linguagem, Vol.27(2), p.669-700, 01 Fev. 2019

CHAFE, Wallace. **Discourse, consciousness, and time**; the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing. Chicago Press, 1994, p. 53-70.

CIENKI, Alan. Image Schemas and Gestures. In: HAMPE, Beate; GRADY, Joseph. (Eds.). **From Perception to Meaning: Image Schemas in Cognitive Linguistics**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2005, p. 421-442.

CIENKI, Alan. Cognitive Linguistics: Spoken language and gesture as expressions of conceptualization. In: MÜLLER; Cornelia; CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen; LADEWIG, Silva H.; MCNEILL, David & TEßENDORF, Sedinha (Orgs.). **Body – Language – Communication. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction**. Volume 1, Berlin, Boston: De Gruyter Mouton 2013, p. 182-201

CIENKI, Alan. **Cognitive Linguistics, gesture studies, and multimodal communication**. Cognitive Linguistics, 2016, p. 603-618

DANCYGIER, Barbara. Negation, stance verbs, and intersubjectivity. In Dancygier, Barbara; Sweetser, Eve (eds.) **Viewpoint in Language: a multimodal perspective**, 2012, p. 69–93.

DANCYGIER, Barbara. SWEETSER, Eve. **Figurative Language**. University Press. 2014.

FAUCONNIER, Gilles. **Mental Spaces**. Cambridge: Cambridge University Press. 1994.

FAUCONNIER, Gilles.; TURNER, Mark. **The Way We Think: conceptual blending and the mind's hidden complexities**. New York: Basic Books, 2002.

FAUCONNIER, Gilles.; TURNER, Mark. Conceptual blending: form and meaning. *Rechercher en communication*, n. 19, 2003.

FAUCONNIER, Gilles. Mental Spaces. In: GEERAERTS, Dirk.; CUYCKENS, Hubert. (eds) **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 351-376.

FERRARI, Lilian. **Deixis and multiple blends: the role of recursion in meaning Construction**. Acta Scientiarum. Language and Culture. Maringá, v. 38, n. 2, p. 153-159, 2016.

FONSECA, Hely Dutra Cabral Da. **Concordância negativa (cn) e a estrutura [v neg] no PB**. A cor das letras, [s. l.], v. 4(1), p. 39-56, 1 maio 2017.

GOLDNADEL, Marcos; PETRY, Paloma. **Função pragmática de retorno a tópico em enunciados de dupla Negação**: evidências a partir de dados da cidade de Curitiba. Cadernos de Estudos Linguísticos, Vol.59(2), pp.397-418, 01 Set. 2017.

ILIE, Cornelia. **Semi-institutional discourse**: The case of talk shows. *Journal of Pragmatics* 33. 2001, p. 209-254.

KERBRAT ORECCHIONI, Catherine. **Análise da Conversação: princípios e métodos**. Parábola: São Paulo, 2006.

KENDON, Adam. **Gesture: Visible Action as Utterance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

KENDON, Adam. **Pragmatic functions of gestures**: Some observations on the history of their study and their nature. *Gesture* 16:2, doi 10.1075/gest.16.2.01ken. 2016, p. 157–175.

KRIEKEN, Kobie van; SWEETSER, Eve. **Linguistic and cognitive representation of time and viewpoint in narrative discourse**. *Cognitive Linguistics*, DOI: 10.1515/cog-2018-0107, 2019, p. 1-9.

LADEWIG, Silva H.. Recurrent gestures. . In: MÜLLER, Cornelia, CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen; LADEWIG, Silva; MCNEILL, David; BRESSEM, Jana (Eds.). **Body – Language – Communication. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction**. Volume 2, Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2014, p. 1558-1574.

LANGACKER, RONALD, W. **Cognitive Grammar: A Basic Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2008, p. 259-296.

MARQUES, Norma Barbosa Novaes; PEZATTI, Erotilde Goreti. **O estatuto de nem na gramática do português**. *Scripta*, Vol.20(38), 2016, p.168-185.

MCNEILL, David. **Hand and Mind: What Gestures Reveal about Thought** Chicago: Chicago University Press. 1992.

MÜLLER, Cornelia. Gestures as a medium of expression: The linguistic potential of gestures. In: MÜLLER; Cornelia; CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen; LADEWIG, Silva H.; MCNEILL, David & TEBENDORF, Sedinha (Orgs.). **Body – Language - Communication. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction**. Volume 1, Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2013, p. 202-217.

MÜLLER, Cornelia; LADEWIG, Silva H.; BRESSEM, Jana. Gestures and speech from a linguistic perspective: A new field and its history. In: MÜLLER; Cornelia; CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen; LADEWIG, Silva H.; MCNEILL, David & TEBENDORF, Sedinha (Orgs.). **Body – Language – Communication. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction**. Volume 1, Berlin, Boston: De Gruyter Mouton 2013, p. 55-81.

MÜLLER, Cornelia. Gesture as “deliberate expressive movement. In: SEYFEDDINIPUR, Mandana; GULLBERG, Marianne (Orgs.). **From Gesture in Conversation to Visible Action as Utterance**, Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014, p. 127-147.

MÜLLER, Cornelia. *Methods for Gesture Analysis (MGA)*. *Disciplina Gestik im politischen Diskurs*. Frankfurt (Oder): Europa-Universität Viadrina, abril a julho de 2019. Material fornecido pela docente.

NUNES, Érica Krachefski Barbisan. **Negação**: um olhar semântico-argumentativo sobre os morfemas a-, i- e des-. 2015. Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

PAYRATÓ, Lluís.; TEBENDORF, Sedinha. Pragmatic Gestures. In: MÜLLER, Cornelia, CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen; LADEWIG, Silva; MCNEILL, David; BRESSEM, Jana (Eds.). **Body – Language – Communication. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction**. Volume 2, Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2014, p. 1531-1539.

PINHEIRO, Hayat. **Uma análise cognitiva do dêitico “aqui” em dados multimodais**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória da Conquista, 2017.

PROENÇA, Paulo Sérgio de. “**Não sou racista, mas...**”: motivações linguísticas da proverbial retórica à brasileira para a Negação do racismo. *A Cor das Letras*, Vol.18(2), p.336-344, 01 Dez. 2017.

SEARLE, John R. **Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SEIXAS, Vivian; ALKMIN, Monica. **Negação sentencial em textos setecentistas e oitocentistas**: [NãoVNão] em foco. *RevistaLinguística*, v. 9(2), 1 jun. 2015.

SELTING, Margret et al. A system for transcribing talk-in-interaction: GAT 2. Tradução de, Elizabeth Couper-Kuhlen e Dagmar Barh-Weingarten. *Gesprächsforschung - Online-Zeitschrift zur verbalen Interaktion*, Mannheim, v.12, 2011, p. 1-51.

SLOETDJES, Han.; WITTENBURGH, Peter. **ELAN**. Version 5.9, retrieved 20 November 2014 from <http://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/> by Max Planck Institute for Psycholinguistics, The Language Archive, Nijmegen, The Netherlands, 2008.

SOUSA, Lílian Teixeira de. **Sobre Negação e tempo**: um estudo de caso sobre o PB. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Vol.60(1), pp.142-158, 01 Abril 2018.

STASSI-SÉ, Joceli Catarina; FONTES, Michel Gustavo. **Transparência e opacidade nos sistemas de Negação sentencial em línguas indígenas brasileiras**. *Liames*, Vol.17(2), p.283-305 01 Nov. 2017,

SWEETSER, Eve. Negative space: levels of negation and kinds of spaces. In BONNEFILLE, Stephanie; SALBAYRE, Sebastien (eds.). **Proceedings of the conference “Negation: Form, figure of speech, conceptualization”**. Publication du groupe de recherches angloamericaines de l’Universit’e de Tours. Tours: Publications Universitaires François. Rabelais, 2006.

TEBENDORF, Sedinha. **Pragmatic and metaphoric**: Combining functional with cognitive approaches in the analysis of the brushing aside gesture. In: MÜLLER, Cornelia, CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen; LADEWIG, Silva; MCNEILL, David; BRESSEM, Jana (Eds.). **Body – Language – Communication. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction**. Volume 2, Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2014, p. 1540_1557.

TURNER, Mark. Conceptual Integration. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. (eds) **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 377-393.

ANEXOS

ANEXO A: Conjunto de ocorrências

GESTOS DE VARRER

Gestos de Varrer				
Trilhas	Ocorrência 1	Ocorrência 2	Ocorrência 3	Ocorrência 4
Gesto				
Orientação das palmas	Para baixo	Para baixo	Para baixo	Para baixo
Tipo de movimento	Reto	Reto	Reto	Reto
Direção do movimento	Ambos os lados	Para a esquerda	Ambos os Lados	Para a esquerda
Qualidade do movimento	Preciso	Preciso	Preciso	Preciso
Posição	Centro	Centro	Centro	Centro
Referente no discurso	<i>Com certeza</i>	<i>Desativar</i>	<i>Detestável</i>	<i>Fica</i>
Classe de palavra	Locução Adverbial	Verbo	Adjetivo	Verbo
Modo de representação	Encenar	Encenar	Encenar	Encenar
Motivação - Ação	Limpar uma superfície	Limpar uma superfície	Ação de limpar uma superfície	Ação de limpar uma superfície
Motivação - Esquema Imagético	CENTRO-PERIFERIA	CENTRO-PERIFERIA	CENTRO-PERIFERIA	CENTRO-PERIFERIA
Contexto de uso	<i>Ground</i> : a falante utiliza um Gesto de Varrer para enfatizar uma resposta assertiva dada à	Narrativo/Descritivo; a falante (jornalista) noticia uma decisão tomada por uma	Narrativo/Descritivo: o falante fala sobre como eram os homens do passado e como isso se	Narrativo/Descritivo: o falante narra uma situação hipotética em que um fantasma encontra-se no

Gestos de Varrer				
Trilhas	Ocorrência 1	Ocorrência 2	Ocorrência 3	Ocorrência 4
	interlocutora presente na cena.	determinada empresa em relação à barragens de Brumadinho e Mariana.	relaciona com o personagem que interpreta em um determinado filme.	andar de baixo da sua casa, o que faz com que ele evite descer, mesmo em caso de um possível incêndio.
Posição temporal	Simultânea	Simultânea	Simultânea	Simultânea
Função do gesto	Pragmática	Pragmática	Pragmática	Pragmática
Relação Semântica	Contrária	Redundante	Complementar	Complementar
Função Semântica	Enfatizar	Enfatizar	Modificar	Modificar
Posição em Turno	Meio	Meio	Final	Meio
Função Pragmática	Operacional	Performativa	Modal	Operacional

Gestos de Varrer				
Trilhas	Ocorrência 5	Ocorrência 6	Ocorrência 7	Ocorrência 8
Gesto				
Orientação das palmas	Para baixo	Para baixo	Para baixo	Para baixo
Tipo de movimento	Reto	Reto	Reto	Reto
Direção do movimento	Para a direita	Ambos os lados	Para a esquerda	Ambos os Lados
Qualidade do movimento	Preciso	Impreciso	Preciso	Preciso
Posição	Centro	Centro	Centro	Centro
Referente no discurso	<i>Imediata</i>	<i>Sem</i>	<i>Sem</i>	<i>Sempre</i>
Classe de palavra	Adjetivo	Preposição	Preposição	Advérbio de tempo
Modo de representação	Encenar	Encenar	Encenar	Encenar
Motivação - Ação	Ação de limpar uma superfície	Ação de limpar uma superfície	Ação de limpar uma superfície	Ação de limpar uma superfície
Motivação - Esquema Imagético	CENTRO-PERIFERIA	CENTRO-PERIFERIA	CENTRO-PERIFERIA	CENTRO-PERIFERIA
Contexto de uso	Narrativo/Descritivo: a falante noticia a decisão do Procon em suspender um aplicativo, caso as medidas de segurança e privacidade não sejam revistas	Narrativo/Descritivo: a falante noticia a previsão do tempo em algumas regiões do país, falando especificamente sobre a falta de chuvas no interior.	Narrativo/descritivo: o apresentador descreve o início de ano conturbado que vivenciamos em 2020, com vários acontecimentos atípicos.	Narrativo/descritivo: o apresentador descreve o formato do programa de outra apresentadora, que, no momento, é a sua entrevistada, para perguntar por que o programa dela era do jeito que era.
Posição temporal	Simultânea	Simultânea	Pós-fala	Simultânea
Função do gesto	Pragmática	Pragmática	Pragmática	Pragmática
Relação Semântica	Complementar	Redundante	Redundante	Complementar

Gestos de Varrer				
Função Semântica	Modificar	Enfatizar	Enfatizar	Modificar
Posição em Turno	Meio	Meio	Meio	Meio
Função Pragmática	Operacional	Operacional	Operacional	Operacional

Gestos de Varrer				
Trilhas	Ocorrência 9	Ocorrência 10	Ocorrência 11	Ocorrência 12
Gesto				
Orientação das palmas	Para baixo	Para baixo	Diagonal	Para baixo
Tipo de movimento	Reto	Reto	Reto	Reto
Direção do movimento	Ambos os lados	Ambos os lados	Ambos os lados	Para a direita
Qualidade do movimento	Preciso	Impreciso	Preciso	Preciso
Posição	Centro	Centro	Centro	Centro
Referente no discurso	<i>Silêncio</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>
Classe de palavra	Substantivo	Advérbio de negação	Advérbio de negação	Advérbio de negação
Modo de representação	Encenar	Encenar	Encenar	Encenar
Motivação - Ação	Ação de limpar uma superfície	Ação de limpar uma superfície	Ação de limpar uma superfície	Ação de limpar uma superfície
Motivação - Esquema Imagético	CENTRO-PERIFERIA	CENTRO-PERIFERIA	CENTRO-PERIFERIA	CENTRO-PERIFERIA
Contexto de uso	Narrativo/Descritivo: o falante narra uma história de quando foi fazer um show de comédia e, ao fazer uma piada específica para o público-alvo presente no show, apenas uma pessoa sorriu, tornando a situação um pouco constrangedora	Narrativo/descritivo: o falante descreve a postura do presidente da república diante da possibilidade de perder uma votação.	<i>Ground</i> : o falante, ao relatar uma conversa que teve com um técnico de futebol, faz um adendo enfatizando que não é amigo dele.	Narrativo/Descritivo: a falante narra a história de quando ganhou um concurso de canto com a irmã, mesmo nada da apresentação dela tenha sido bom.
Posição temporal	Simultânea	Simultânea	Pré-fala	Simultânea
Função do gesto	Pragmática	Pragmática	Pragmática	Pragmática
Relação Semântica	Complementar	Redundante	Redundante	Redundante
Função Semântica	Modificar	Enfatizar	Enfatizar	Enfatizar
Posição em Turno	Meio	Meio	Meio	Meio

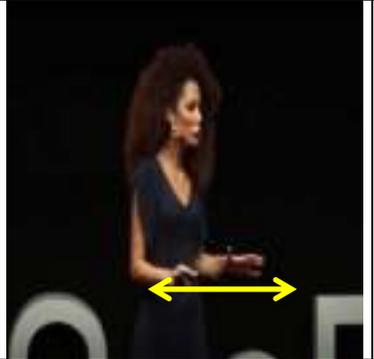
Função Pragmática	Operacional	Operacional	Operacional	Operacional
-------------------	-------------	-------------	-------------	-------------

Gestos de Varrer				
Trilhas	Ocorrência 13	Ocorrência 14	Ocorrência 15	Ocorrência 16
Gesto				
Orientação das palmas	Para baixo	Diagonal	Para baixo	Diagonal
Tipo de movimento	Reto	Reto	Reto	Reto
Direção do movimento	Ambos os lados	Ambos os lados	Para a esquerda	Para a direita
Qualidade do movimento	Preciso	Preciso	Preciso	Impreciso
Posição	Centro	Centro	Periferia	Periferia
Referente no discurso	<i>Não</i>	<i>Nem</i>	<i>Não</i>	<i>Nem</i>
Classe de palavra	Advérbio de negação	Advérbio de negação	Advérbio de negação	Advérbio de negação
Modo de representação	Encenar	Encenar	Encenar	Encenar
Motivação - Ação	Ação de limpar uma superfície	Ação de limpar uma superfície	Ação de limpar uma superfície	Ação de limpar uma superfície
Motivação - Esquema Imagético	CENTRO-PERIFERIA	CENTRO-PERIFERIA	CENTRO-PERIFERIA	CENTRO-PERIFERIA
Contexto de uso	Narrativo/Descritivo: a falante relata um momento de sua carreira que teve que fazer um teste para um papel escondido do diretor da peça porque ele não queria dar uma chance a ela.	<i>Ground</i> : a âncora do jornal pergunta à jornalista do tempo quando que as chuvas em determinadas regiões do Brasil vão parar e ela responde negativamente	<i>Ground</i> : o entrevistado responde a uma pergunta a respeito de uma entrevista que ele deu, na qual soltou um "fora temer". O entrevistador pergunta se, na ocasião, a repórter o repreendeu de alguma forma por isso e ele nega.	Narrativo/Descritivo: a falante enfatiza a importância de se ter um bichinho de estimação, pois eles fazem bem para a saúde mental do ser humano.
Posição temporal	Simultânea	Pós-fala	Pós-fala	Pós-fala

Função do gesto	Pragmática	Pragmática	Pragmática	Pragmática
Relação Semântica	Redundante	Redundante	Redundante	Redundante
Função Semântica	Enfatizar	Enfatizar	Enfatizar	Enfatizar
Posição em Turno	Meio	Começo	Começo	Meio
Função Pragmática	Operacional	Operacional	Operacional	Operacional

Gestos de Varrer

Trilhas	Ocorrência 17	Ocorrência 18	Ocorrência 19	Ocorrência 20
Gesto				
Orientação das palmas	Para baixo	Para baixo	Para baixo	Para baixo
Tipo de movimento	Reto	Reto	Reto	Reto
Direção do movimento	Para a esquerda	Para a direita	Ambos os lados	Ambos os lados
Qualidade do movimento	Impreciso	Preciso	Impreciso	Impreciso
Posição	Centro	Centro	Centro	Centro
Referente no discurso	<i>Nunca</i>	<i>Nunca</i>	<i>Desconhecidos</i>	<i>Não</i>
Classe de palavra	Advérbio de tempo	Advérbio de tempo	Adjetivo	Advérbio de negação
Modo de representação	Encenar	Encenar	Encenar	Encenar
Motivação - Ação	Ação de limpar uma superfície	Ação de limpar uma superfície	Ação de limpar uma superfície	Ação de limpar uma superfície
Motivação - Esquema Imagético	CENTRO-PERIFERIA	CENTRO-PERIFERIA	CENTRO-PERIFERIA	CENTRO-PERIFERIA
Contexto de uso	<i>Ground</i> : o apresentador fala sobre um casal famoso que nunca foi ao programa dele.	Narrativo/Descritivo: o falante enfatiza que nunca entrevistou o jogador de futebol sobre o qual ele e seus interlocutores estão falando	Narrativo/descritivo: a falante relata como teve seu corpo objetificado por homens ao seu redor, mesmo quando ainda era uma criança.	Narrativo/Descritivo: a falante argumenta que o entendemos como defeitos estéticos, na verdade são simplesmente características do nosso corpo
Posição temporal	Pós-fala	Simultânea	Simultânea	Simultânea
Função do gesto	Pragmática	Pragmática	Pragmática	Pragmática
Relação Semântica	Redundante	Redundante	Redundante	Redundante
Função Semântica	Enfatizar	Enfatizar	Enfatizar	Enfatizar
Posição em Turno	Meio	Meio	Final	Meio
Função Pragmática	Operacional	Operacional	Operacional	Operacional

Gestos de Varrer				
Trilhas	Ocorrência 21	Ocorrência 22	Ocorrência 23	Ocorrência 24
Gesto				
Orientação das palmas	Diagonal	Diagonal	Para baixo	Para baixo
Tipo de movimento	Reto	Reto	Reto	Reto
Direção do movimento	Ambos os ados	Ambos os lados	Ambos os lados	Ambos os lados
Qualidade do movimento	Preciso	Preciso	Preciso	Impreciso
Posição	Centro	Centro	Centro	Centro
Referente no discurso	Não	Não	Para	Únicos
Classe de palavra	Advérbio de negação	Advérbio de negação	Verbo	Adjetivo
Modo de representação	Encenar	Encenar	Encenar	Encenar
Motivação - Ação	Ação de limpar uma superfície	Ação de limpar uma superfície	Ação de limpar uma superfície	Ação de limpar uma superfície
Motivação - Esquema Imagético	CENTRO-PERIFERIA	CENTRO-PERIFERIA	CENTRO-PERIFERIA	CENTRO-PERIFERIA
Contexto de uso	Narrativo/Descritivo: a falante afirma que, em termos de beleza estética, as mulheres não precisam competir, pois a vida não é uma concurso de beleza.	Narrativo/Descritivo: a falante fala sobre momentos difíceis da vida em que buscamos soluções e não encontramos	Narrativo/Descritivo: a falante descreve como é conversar com sua mãe	Narrativo/Descritivo: a falante relata que apenas recebiam elogios que destacavam o potencial que o corpo dela tinha de se desenvolver
Posição temporal	Pós-fala	Simultânea	Simultânea	Simultânea
Função do gesto	Pragmática	Pragmática	Pragmática	Pragmática
Relação Semântica	Redundante	Redundante	Redundante	Complementar
Função Semântica	Enfatizar	Enfatizar	Enfatizar	Modificar
Posição em Turno	Começo	Final	Final	Final
Função Pragmática	Operacional	Operacional	Performativa	Operacional

Gestos de Varrer		
Trilhas	Ocorrência 25	Ocorrência 26
Gesto		
Orientação das palmas	Para baixo	Para baixo
Tipo de movimento	Reto	Reto
Direção do movimento	Para a esquerda	Ambos os lados
Qualidade do movimento	Impreciso	Preciso
Posição	Periferia	Centro
Referente no discurso	<i>Não</i>	<i>Para</i>
Classe de palavra	Advérbio de negação	Verbo
Modo de representação	Encenar	Encenar
Motivação - Ação	Ação de limpar uma superfície	Ação de limpar uma superfície
Motivação - Esquema Imagético	CENTRO-PERIFERIA	CENTRO-PERIFERIA
Contexto de uso	Narrativo/Descritivo: a falante relata um episódio de assédio pelo qual passou	<i>Ground</i> : a falante performa um ato de fala diretivo, ao “ordenar” que suas interlocutoras parem de dar importância aos padrões de beleza das revistas.
Posição temporal	Simultânea	Simultânea
Função do gesto	Pragmática	Pragmática
Relação Semântica	Redundante	Redundante
Função Semântica	Enfatizar	Enfatizar
Posição em Turno	Começo	Começo
Função Pragmática	Operacional	Performativa

GESTOS DE BARRAR

Gestos de Barrar				
Trilhas	Ocorrência 27	Ocorrência 28	Ocorrência 29	Ocorrência 30
Gesto				
Orientação das palmas	Para fora	Vertical	Vertical	Vertical
Tipo de movimento	Reto	Arqueado	Arqueado	Reto
Direção do movimento	Para a direita	Para trás	Para frente (fora do corpo)	Para frente (fora do corpo)
Qualidade do movimento	Preciso	Preciso	Preciso	Preciso
Posição	Periferia superior direita	Periferia	Periferia	Centro
Referente no discurso	<i>Esqueci</i>	<i>Nada a ver</i>	<i>Ninguém</i>	<i>Pera</i>
Classe de palavra	Verbo	Locução adverbial de negação	Pronome indefinido	Verbo (esperar)
Modo de representação	Encenar	Representar	Encenar	Encenar
Motivação - Ação	Ação de empurrar algo para longe	Ação de erguer uma barreira	Ação de erguer uma barreira	Ação de erguer uma Barreira
Motivação - Esquema Imagético	BARREIRA	BARREIRA	BARREIRA	BARREIRA
Contexto de uso	Narrativo/Descritivo a falante narra uma história de quando conheceu o Papai Noel e ficou traumatizada porque ele era assustador.	<i>Ground</i> : o falante se corrige no instante em que seu interlocutor responde negativamente à uma pergunta feita anteriormente.	<i>Ground</i> : o falante responde a uma pergunta do apresentador do programa, afirmando que não tem nenhuma pessoa do time do Palmeiras passando no espaço em que ele está no momento.	<i>Ground</i> : A falante interrompe a história contada pelo seu interlocutor, para que ela posa falar.
Posição temporal	Simultânea	Simultânea	Simultânea	Simultânea
Função do gesto	Pragmática	Pragmática	Pragmática	Pragmática

Relação Semântica	Redundante	Redundante	Complementar	Redundante
Função Semântica	Enfatizar	Enfatizar	Modificar	Enfatizar
Posição em Turno	Meio	Começo	Começo	Começo
Função Pragmática	Modal	Performativa	Analítica	Performativa

Gestos de Barrar				
Trilhas	Ocorrência 31	Ocorrência 32	Ocorrência 33	Ocorrência 34
Gesto				
Orientação das palmas	Vertical	Vertical	Para baixo	Diagonal
Tipo de movimento	Reto	Reto	Reto	Reto
Direção do movimento	Para frente (fora do corpo)	Para frente (fora do corpo)	Para baixo	Para frente (fora do corpo)
Qualidade do movimento	Impreciso	Impreciso	Preciso	Impreciso
Posição	Periferia superior direita	Periferia superior direita	Periferia	Periferia superior direita
Referente no discurso	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>
Classe de palavra	Advérbio de negação	Advérbio de negação	Advérbio de negação	Advérbio de negação
Modo de representação	Representar	Representar	Encenar	Encenar
Motivação - Ação	Ação de erguer uma barreira	Ação de erguer uma barreira	Ação de bloquear algo	Ação de bloquear algo
Motivação - Esquema Imagético	BARREIRA	BARREIRA	BLOQUEIO	BLOQUEIO
Contexto de uso	<i>Ground:</i> o falante está falando sobre jogadores de futebol que são homenageados quando morrem e afirma enfaticamente que ele não precisa de homenagem.	Narrativo/Descritivo: o falante argumenta que um médico não pode fazer juízo de valor na hora de socorrer alguém ferido, pois não importa se é um assassino, o socorro tem que ser prestado, mas afirma que ele pode fazer juízo de valor.	Narrativo/Descritivo: o falante narra sobre a experiência de ter ficado seriamente doente e relata como isso o fez tomar a decisão de ajudar outras pessoas.	Narrativo/descritivo: o falante afirma que bandidos não podem frequentar bailes funk no rio de Janeiro
Posição temporal	Simultânea	Pós-fala	Simultânea	Simultânea
Função do gesto	Pragmática	Pragmática	Pragmática	Pragmática

Relação Semântica	Complementar	Complementar	Complementar	Redundante
Função Semântica	Modificar	Modificar	Modificar	Enfatizar
Posição em Turno	Começo	Meio	Meio	Meio
Função Pragmática	Modal	Modal	Analítica	Analítica

Gestos de Barrar				
Trilhas	Ocorrência 35	Ocorrência 36	Ocorrência 37	Ocorrência 38
Gesto				
Orientação das palmas	Diagonal	Vertical	Vertical	Vertical
Tipo de movimento	Reto	Reto	Reto	Reto
Direção do movimento	Para baixo	Para frente (fora do corpo)	Para frente (fora do corpo)	Para frente (fora do corpo)
Qualidade do movimento	Preciso	Impreciso	Preciso	Preciso
Posição	Centro	Periferia superior direita	Centro	Periferia
Referente no discurso	<i>Não</i>	<i>Não</i>	Pera	Desculpa (interromper)
Classe de palavra	Advérbio de negação	Advérbio de negação	Verbo (esperar)	Substantivo
Modo de representação	Encenar	Representar	Encenar	Representar
Motivação - Ação	Ação de bloquear algo	Ação de erguer uma barreira	Ação de erguer uma barreira	Ação de erguer uma barreira
Motivação - Esquema Imagético	BLOQUEIO	BARREIRA	BARREIRA	BARREIRA
Contexto de uso	Narrativo/Descritivo: o falante narra o quanto tinha medo de uma novela com temática de terror e reproduz o que ele costumava pensar na época em que era criança e via essa novela.	<i>Ground:</i> a apresentadora interrompe o entrevistado para contestar o que ele está sugerindo com ironia	<i>Ground:</i> o entrevistador faz uma pergunta à convidada e, antes que ela possa responder, ele a interrompe para chamar os comerciais.	<i>Ground:</i> a convidada do programa está contando sua história e o apresentador a interrompe pra perguntar sobre um detalhe da história.
Posição temporal	Simultânea	Pós-fala	Pós-fala	Simultânea

Função do gesto	Pragmática	Pragmática	Pragmática	Pragmática
Relação Semântica	Complementar	Redundante	Redundante	Redundante
Função Semântica	Modificar	Enfatizar	Enfatizar	Enfatizar
Posição em Turno	Meio	Começo	Começo	Começo
Função Pragmática	Análítica	Performativa	Performativa	Performativa

Gestos de Barrar	
Trilhas	Ocorrência 39
Gesto	
Orientação das palmas	Vertical
Tipo de movimento	Reto
Direção do movimento	Para a esquerda
Qualidade do movimento	Preciso
Posição	Periferia superior esquerda
Referente no discurso	Ignorei
Classe de palavra	Verbo
Modo de representação	Representar
Motivação - Ação	Ação de erguer uma barreira
Motivação - Esquema Imagético	BARREIRA
Contexto de uso	Narrativo/Descritivo: a falante relata um episódio de assédio pelo qual passou
Posição temporal	Simultânea

Função do gesto	Pragmática
Relação Semântica	Redundante
Função Semântica	Enfatizar
Posição em Turno	Final
Função Pragmática	Performativa

GESTOS DE RETIRAR E QUESTIONAR

Gestos de Retirar				
Trilhas	Ocorrência 40	Ocorrência 41	Ocorrência 42	Ocorrência 43
Gesto				
Orientação das palmas	Para cima	Para cima	Para cima	Para cima
Tipo de movimento	Arqueado	Arqueado	Arqueado	Reto
Direção do movimento	Ambos os lados	Para baixo	Para frente	Para cima
Qualidade do movimento	Preciso	Preciso	Preciso	Preciso
Posição	Centro	Periferia inferior esquerda	Centro	Centro
Referente no discurso	<i>Não</i>	<i>Ninguém</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>
Classe de palavra	Advérbio de negação,.	Pronome indefinido	Advérbio de negação	Advérbio de negação
Modo de representação	Encenar	Encenar	Encenar	Encenar
Motivação - Ação	Ação de retirada	Ação de retirada	Ação de retirada	Ação de retirada
Motivação - Esquema Imagético	CENTRO-PERIFERIA	CENTRO-PERIFERIA	FONTE-TRAJETÓRIA-ALVO	CENTRO-PERIFERIA
Contexto de uso	Narrativo/Descritivo: o falante reconta um dito que sua mãe costumava lhe contar	Narrativo/Descritivo: A falante narra o momento em que foi apresentada ao seu atual marido e reproduz o momento em que um amigo o descrevia para ela, ressaltando suas habilidades de bailarino e sapateador.	<i>Ground</i> : o falante, ao relatar uma conversa que teve com um técnico de futebol, faz um adendo, enfatizando que não é amigo dele e nem pretende ser.	Narrativo/Descritivo: a falante, ao relatar sua experiência tentando o papel da personagem "engraçadinha", de Nelson Rodrigues, em uma peça, faz um adendo pra ressaltar que na época do teste, ela não tinha a mesma idade da personagem.

Posição temporal	Pós-fala	Simultânea	Pré-fala	Simultânea
Função do gesto	Pragmática	Pragmática	Pragmática	Pragmática
Relação Semântica	Redundante	Redundante	Redundante	Redundante
Função Semântica	Enfatizar	Enfatizar	Enfatizar	Enfatizar
Posição em Turno	Meio	Meio	Meio	Meio
Função Pragmática	Modal	Modal	Modal	Modal

Gestos de Retirar		
Trilhas	Ocorrência 44	Ocorrência 45
Gesto		
Orientação das palmas	Para cima	Para cima
Tipo de movimento	Arqueado	Arqueado
Direção do movimento	Para baixo	Para baixo
Qualidade do movimento	Impreciso	Preciso
Posição	Periferia superior direita	Centro
Referente no discurso	<i>Não</i>	Não
Classe de palavra	Advérbio de negação	Advérbio de negação
Modo de representação	Encenar	Encenar
Motivação - Ação	Ação de retirada	Ação de retirada

Motivação - Esquema Imagético	FONTE-TRAJETÓRIA-ALVO	CENTRO-PERIFERIA
Contexto de uso	<i>Ground:</i> o falante responde negativamente a uma pergunta feita pelo seu interlocutor	<i>Ground:</i> a falante responde negativamente a uma pergunta óbvia da sua interlocutora.
Posição temporal	Simultânea	Simultânea
Função do gesto	Pragmática	Pragmática
Relação Semântica	Complementar	Complementar
Função Semântica	Modificar	Modificar
Posição em Turno	Começo	Começo
Função Pragmática	Modal	Modal

Gesto de Questionar	
Trilhas	Ocorrência
Gesto	
Orientação das palmas	Para cima
Tipo de movimento	Reto
Direção do movimento	Ambos os lados
Qualidade do movimento	Preciso
Posição	Periferia
Referente no discurso	Não
Classe de palavra	Advérbio de negação
Modo de representação	Representar

Motivação - Ação	Manter um espaço vazio que deve ser preenchido
Motivação - Esquema Imagético	CONTAINER
Contexto de uso	<i>Ground</i> : O falante pergunta para a entrevistada, que é uma apresentadora, por que ela não está mais na TV
Posição temporal	Simultânea
Função do gesto	Pragmática
Relação Semântica	Redundante
Função Semântica	Enfatizar
Posição em Turno	Começo
Função Pragmática	Performativa

GESTOS DE ESPANAR

Gestos de Espanar				
Trilhas	Ocorrência 47	Ocorrência 48	Ocorrência 49	Ocorrência 50
Gesto				
Orientação das palmas	Vertical	Vertical	Vertical	Diagonal
Tipo de movimento	Arqueado	Arqueado	Arqueado	Arqueado
Direção do movimento	Para frente (fora do corpo)	Para a esquerda	Para a esquerda	Para frente (fora do corpo)
Qualidade do movimento	Preciso	Preciso	Preciso	Preciso
Posição	Centro	Periferia	Periferia	Centro
Referente no discurso	<i>Impossível</i>	<i>Nenhuma</i>	<i>Não</i>	Nem
Classe de palavra	Adjetivo	Substantivo	Advérbio de negação	Advérbio de negação
Modo de representação	Representar	Representar	Representar	Representar
Motivação - Ação	Ação de espanar	Ação de espanar	Ação de espanar	Ação de espanar
Motivação - Esquema Imagético	FONTE-TRAJETÓRIA-ALVO	FONTE-TRAJETÓRIA-ALVO	FONTE-TRAJETÓRIA-ALVO	FONTE-TRAJETÓRIA-ALVO
Contexto de uso	Narrativo/Descritivo: o falante, ao pedir um conselho para a cantora convidada do programa sobre as dificuldades de início de carreira, ressalta o quanto é difícil cantar em barzinho.	Narrativo/Descritivo: o falante narra a situação em que vivia no início da carreira	Narrativo/Descritivo: a falante relata um pouco da sua experiência como jornalista, ressaltando que nem sempre o que ela julgava importante era o mesmo que os leitores/telespectadores davam importância.	<i>Ground:</i> o entrevistador apresenta duas alternativas ao entrevistado, ao perguntar se ele acha que consegue conquistar um público diferente do que ele já tem ou se isso nem é uma opção.

Posição temporal	Simultânea	Simultânea	Pós-fala	Simultânea
Função do gesto	Pragmática	Pragmática	Pragmática	Pragmática
Relação Semântica	Complementar	Redundante	Redundante	Redundante
Função Semântica	Modificar	Enfatizar	Enfatizar	Enfatizar
Posição em Turno	Meio	Meio	Meio	Meio
Função Pragmática	Modal	Modal	Modal	Modal

Gestos de Espanar	
Trilhas	Ocorrência 51
Gesto	
Orientação das palmas	Vertical
Tipo de movimento	Arqueado
Direção do movimento	Para a esquerda
Qualidade do movimento	Preciso
Posição	Periferia
Referente no discurso	Boba
Classe de palavra	Adjetivo
Modo de representação	Representar
Motivação - Ação	Ação de espanar
Motivação - Esquema Imagético	FONTE-TRAJETÓRIA-ALVO

Contexto de uso	Narrativo/Descritivo: a falante narra uma situação de assédio que viveu na infância
Posição temporal	Simultânea
Função do gesto	Pragmática
Relação Semântica	Redundante
Função Semântica	Enfatizar
Posição em Turno	Meio
Função Pragmática	Modal

GESTOS DE LANÇAR

Gestos de Lançar		
Trilhas	Ocorrência 52	Ocorrência 53
Gesto		
Orientação das palmas	Para baixo	Para baixo
Tipo de movimento	Arqueado	Arqueado
Direção do movimento	Para baixo	Para baixo
Qualidade do movimento	Preciso	Preciso
Posição	Centro	Centro
Eferente no discurso	<i>Ah, legal!</i>	-
Classe de palavra	Interjeição	-
Modo de representação	Encenar	Encenar
Motivação - Ação	Ação de lançar algo para longe	Ação de lançar algo para longe
Motivação - Esquema Imagético	FONTE-TRAJETÓRIA-ALVO	FONTE-TRAJETÓRIA-ALVO
Contexto de uso	Narrativo/Descritivo: a falante reproduz o que outras pessoas costumam dizer quando ouvem uma "história de terror"	<i>Ground</i> : O falante faz uma piada e quando percebe que ninguém ri, ele realiza um Gesto de Lançar isolado ("deixa pra lá").
Posição temporal	Simultânea	Gesto isolado
Função do gesto	Pragmática	Pragmática

Relação Semântica	Complementar	De substituição
Função Semântica	Modificar	Substituir
Posição em Turno	Começo	Meio
Função Pragmática	Modal	Performativa

	01 o Ano de 2020 também começou SEM economizar =né? preparação núcleo retração
Ocorrência 8	01 MAS era interessante porque (.) o seu programa? (.) pelo menos (.) me corrija se estou errado (-) Preparação SEMpre foi, você de frente sentada com na mesinha tudo meio escurinho assim; núcleo retração
Ocorrência 9	01 aí veio meu show foi chegando a parte e eu falei assim (.) é que nem o JORge mão de vaca da contabilidade (.)siLÊncio e a mulher lá no fundo <simula gargalhadas> preparação núcleo retração
Ocorrência 10	01 mas ficou bem CLArO que o presidente da rePÚ;blica NÃO está disposto a sofrer uma derrota preparação núcleo retração desnecessária
Ocorrência 11	01 o FelipÃO, (.) que é um dos (.) eu não: (.) tenho amiZade com e:le (.) NÃO quero ter, mas eu preparação núcleo retração respeito ele;
Ocorrência 12	01 no outro A:no a Giulia começou a cantar coMigo, (.) só que a gente cantAva em primeira voz; (.) nós DUas(.) e aCHava que tava arrasando (.) era horRível HORRível (-) 02 e aí a gente gaNHOU (.) eu acho que só de ser FOfa MESmo porque NÃO tinha nada de (.) lega:l preparação núcleo retração

Ocorrência 13	<p>01 fui chamada pra fazer a engraçadinha 02 na verdade eu fui fazer (.) o TESTe porque o Manga que era o diretor geral</p> <p style="text-align: right;">preparação</p> <p>03 NÃO me queria,</p> <p>núcleo 04 porque achava que eu era comediante, (.)</p> <p>retração 05 e que eu não podia fazer um papel dramÁTico da força (.) do Nelson Rodrigues</p>
Ocorrência 14	<p>01 F1: boa noite Lidiane, quando é que essa chuva vai PARar nessas regiões? 02 F2: tá diFÍcil viu Janine? boa noite pra vocês pra quem nos acompanha;</p> <p style="text-align: right;">preparação</p> <p>03 nem tão CEdo viu? até quinta-feria pelo menos; núcleo retração</p> <p>há CHAN,ce de temporais; nestas duas áreas</p>
Ocorrência 15	<p>01 F1: e a repórter na: depois não falou alguma coisa do tipo assim (.) não FAZ isso comigo que eu perco meu em[prego]; 02 F2: [NÃO,] ela foi super de BOA; (.) ela deve ser do fora Temer também;</p> <p>prep. núcleo retração</p>
Ocorrência 16	<p>01 e esse bichinhos NEM imagi:nam, o QUANTo esse contato próximo faz bem pra NOssa saúde mental,</p> <p>preparação núcleo retração</p>
Ocorrência 17	<p>01 esse casal (.) eu tô queRENdo, desde que: eles caSaram que eles (.) VENham? eles NUNca vieram</p> <p style="text-align: right;">preparação núcleo </p> <p>juntos; retração</p>
Ocorrência 18	<p>01 Thiago Heleno (-) ESse eu NUNca entrevistei o Thiago Heleno (.) nem no RÁdio nem na televisão-</p> <p style="text-align: center;">preparação núcleo retração</p>
Ocorrência 19	<p>01 esse GRU:,po de pessoas; (.) era formado majoritariamente por ho;mens homens mais velho (-) geralmente PRImos (.) de segundo grau, AMIgos de PRImos de segundo GRAU ou enTÃO desconhecidos</p>

	retração	preparação	 núcleo
Ocorrência 20	01 quando a gente vai se toCAR? (.) que aquele defeitinho na verdade; NÃO é defeito, é só mais uma parte do nosso corpo	preparação	 núcleo retração
Ocorrência 21	01 NÃO, é uma competiÇÃO gente; núcleo retração		
Ocorrência 22	01 tem alguns momentos da VIDA (-)em que:: buscamos MUIto respostas (-) e a gente não enCONtra; retração	preparação	 núcleo
Ocorrência 23	01 pra minha MÃE, (-) quando você tá na frente dela, (-) só existe você e parece que o mundo Para retração	preparação	 núcleo
Ocorrência 24	01 a expPECTativa de que meu corpo se desenvolveSse; (-) que as curvas apareCESsem, e eu pudesse enFIM (-) ser a mulher que sambava (.) fazia com que eu recebi? receBesse elogios; (.) esses eram os Únicos (-) eu aceitei, núcleo retração		preparação
Ocorrência 25	01 eu não tava interesSAda (-) enTÃO eu ignorei; núcleo retração		
Ocorrência 26	01 PAra de mirar na revista (.)e mira no espelho- núcleo retração		
Ocorrência 27	01 F1: ele era um fumante inveterADo o papai noel (.) 02 os dedos [amarelos] 03 F2: [de CHARUto] 04 F1: charuto, 05 ele era um GUIMba ele era uma guimba; 06 e desde enTÃO eu esqueci essa histÓ:ria preparação núcleo retração		

Ocorrência 28	01 Tem Nada a VER, prep. núcleo retração
Ocorrência 29	por enQUANTo (.) NINGuém (-) ninGUÉM Passa aqui na zona mista do palmeiras; preparação núcleo retração
Ocorrência 30	01 F1: alguém foi LÁ (.) e não tinha nin[guém] 02 F2: [péra] pelo aMOR de deus que eu também núcleo Suspensão Pós-núcleo tenho uma histÓria assim? retração
Ocorrência 31	01 eu não preCiso de homena;gem núcleo retração
Ocorrência 32	01 teREssa quem foi atingido tem direito a ser socorrido, (.) é: não interessa (.) se é assassino, preparação núcleo retração se não é; (.)tem direito a ser (.) atingido (.) MAS EU, POSSo fazer juízo de valor (.) eu posso fazer juízo de valor
Ocorrência 33	01 a ideia tomou muito mais CORpo Ser? Serginho quando eu: quando e? depois que eu passei pelo meu tratamen:to 02 que eu recebi TANTo amor, 03 e eu falei CARa agora preparação 04 NÃO dá MAIS (.) núcleo 05 pra eu NÃO (.) me doar; Repetição retração

Ocorrência 34	01 agora o que não pode (.) deixar, é:: a situação solta (.) =né? não POde permitiR que banDIdos; preparação núcleo retração continuem agindo dessa maneira;
Ocorrência 35	01 eu tinha: ME,do dessa novela (.) 02 e faSCÍ,nio (.) 03 e eu falava eu NÃO QUero que o diabo apaREça pra me propor um Pacto, Preparação núcleo repetição 04 e ao mesmo tempo ficava apavorAdo porque eu tava invocAN,do o diabo retração
Ocorrência 36	01 F1: como é que uma pessoa Marília Gabriela? (.) fica TRINta anos numa igreja? 02 quaREnta anos numa igreja, dando oferta e dízimo? e não tem benefício nenhum? 03 é uma imbeCIL [idiO?ta] 04 F2: NÃO, não (.) [não não eu acho (.)] Preparação núcleo repetição retração 05 F1: [então como é que Isso?] 06 o maiOR beneficiado são as pessoas e não a igreja] eu acho que encontra uma conforto (.) um TIpo de conforto;
Ocorrência 37	01 peLAdo ou peLÚdo? (.) 02 Péra aí não respon,de agora responde no próximo bloco que a gente JÁ SEgue com mais ping pong núcleo retração 03 bate bola jogo RÁpido com MaRília Gabriela, a gente já volta
Ocorrência 38	01 F1: aí eu falei (.) BIA conheci essa pessOAS (.) 02 tinha o homem borRacha aLI tinha outras pessoas do Circo (-) 03 falei conheci essas essas peSOAS (-) 04 gente parece MENTira =né? e elas tão aQUI e: elas vão ajudar a gente, 05 porque eles falaram que iam ajudAR a gente; preparação 06 F2: desCULpa só interromper (.) mas? (.) ser o homem borracha significa núcleo suspensão pós-núcleo retração o que exatamente?
Ocorrência 39	01 eu não tava interessAda (-) enTÃO eu ignorei; preparação núcleo retração
Ocorrência 40	01 um leÃO e uma zebra (.) 02 o leÃO acorda

	<p>03 pra coMER 04 e COrrre 05 a ZEbra acorda pra correr e corre 06 então não inteRE,ssa se você é o leão ou a zebra preparação núcleo retração acorda CEdo e corre</p>
Ocorrência 41	<p>01 e o (.) o Maerto MarCOni (.) que faLava pra mim o tempo todo cê tem que trabalhar com o Jarbas tem que trabalhar ele é a sua Cara 02 e eu disse mas ele é bailaRI?no ou sapateador? 03 ele é os dois 04 eu falei ninGUÉM é os dois no brasil para de ser lOUco, gente prep. núcleo retração</p>
Ocorrência 42	<p>01 o FeliPÃO, (.) que é um dos (.) eu não: (.) tenho amizAde com e:le (.) NÃO quero ter, mas eu preparação núcleo retração respeito ele;</p>
Ocorrência 43	<p>01 HO,je eu teria o? a idade da engraçadinha (-) 02 na época eu não TINha Preparação núcleo suspensão pós-núcleo retração</p>
Ocorrência 44	<p>01 F1: Otaviano? você consegue rir de TUdo até de desGRAça? 02 F2: NÃ:O impossivel; núcleo retração 03 F1: não NÃO? 04 F2: não dá (.) não dá (.) tem coisas que: REalmente tiram você do sério</p>
Ocorrência 45	<p>01 F1: ter espaÇO pra o individuAL (.) num relacionaMENTO (.) é diferente de mentTIR (-) ter espaço para o pessoAL para o individuAL é você poder ser inteIRO, quando você tá com o outro; 02 F2: e a gente não ta falando de mentTira? 03 F1: NÃO, eu tô falando sobre espa ço pra individualidade; núcleo retração</p>
Ocorrência 46	<p>01 porque QUE:, (-) 02 que acabou, por que que cê não tá na TEVÊ? Preparação núcleo retração</p>

Ocorrência 47	<p>01 F1: o conselho que você da mÚsicos que estão começando agora (.) você sabe que é impossível preparação núcleo (.)dono de barzinho (.) a gente passa CAdA coisa que cê já deve ter passAdo [também] retração</p> <p>02 F2: [já passei demais]</p> <p>03 F1: o que você pode falar pra gente NÃO desistir,</p>
Ocorrência 48	<p>01 sem GRAna nenhu:ma morando no subúrbio (.) e fazendo teatro amaDOR: pra ganhar NAda =né? preparação núcleo retração</p>
Ocorrência 49	<p>01 e isso é um BAIta treino porque você fica lá fazendo; e coisas que são SUpEr importantes pra você, :</p> <p>02 você repara que quem tá: (.) consumindo aquela informação não dá a menor peLOta (.) e coisas preparação núcleo retração (.) que você trata com descaso são as primeiras coisas em que: quem tá LENdo quem tá assistINdo presta atenção</p>
Ocorrência 50	<p>01 mas você sente? (.) você: sente que (.) DÁ pra conquistar esse PÚBLico (.) ou cê nem QUER preparação núcleo retração</p>
Ocorrência 51	<p>01 a priMEIra vez (.) que eu sofri assédio (.)foi no caminho da padaria pra minha casa e eu chorei;</p> <p>02 uma seNHOrA me viu chorando pelo caminho e foi tentar me consolar;</p> <p>03 quando eu conTEI pra ela o que tinha acontecido ela me disse que eu era (.) preparação 04 bo:ba que eu não devia tá chorando por isso, núcleo retração</p>
Ocorrência 52	<p>01 F1: NÃO mas é porquE: (-) quando e (.) às vezes a gente tá contando umas coisas assim: de (.) é lembrando história assim de terrOr (.) não É que a histÓria é fictÍ:cia</p> <p>02 F2: cê ouviu dizer, cê viveu!</p> <p>03 F1: NÃ:o aí eu conto aí to mundo fala (.) ah legal sua história (.) gen:te aconteceu preparação núcleo retração</p>
Ocorrência 53	<p><O apresentador faz uma piada da qual ninguém ri> 01 não? TÁ; (-) preparação núcleo retração</p>